



**ANA PATRÍCIA
MARINHO BARROS**

**LITERACIA FINANCEIRA EM JOVENS DO ENSINO
SECUNDÁRIO**



**ANA PATRÍCIA
MARINHO BARROS**

**LITERACIA FINANCEIRA EM JOVENS DO ENSINO
SECUNDÁRIO**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Contabilidade – Ramo Auditoria, realizada sob a orientação científica da Doutora Elisabete Fátima Simões Vieira, Professora Coordenadora do Instituto Superior de Contabilidade e Administração da Universidade de Aveiro

A todos aqueles que amo.

o júri

presidente

Professor Doutor João Francisco Carvalho de Sousa
professor adjunto da Universidade de Aveiro

vogal – arguente principal

Professor Doutor Luis Miguel da Mata Artur Dias Pacheco
professor auxiliar da Universidade Portucalense

vogal – orientadora

Professora Doutora Elisabete Fátima Simões Vieira
professora coordenadora s/agregação da Universidade de Aveiro

agradecimentos

À minha família, em especial, mãe, pai, João, Pedro e Cindy e aos amigos mais queridos, pelo apoio ao longo destes anos e nos momentos mais difíceis, onde só a sua existência alumia.

À minha orientadora, Doutora Elisabete Vieira, por todo o apoio, disponibilidade e colaboração, não imagino melhor duo!

Aos professores da Escola Secundária José Estêvão, em especial professora Anabela Pais e professor Fernando Delgado, e a todos os alunos que participaram neste estudo, sem os quais ele não seria possível!

A todos os professores e colegas do ISCA que contribuíram para o meu enriquecimento profissional e pessoal.

palavras-chave

Literacia Financeira, Fatores Influência, Estudantes Ensino Secundário

resumo

Este trabalho tem como principal objetivo determinar o nível de literacia financeira dos estudantes do Ensino Secundário, bem como identificar os fatores que o influenciam, nomeadamente género, ano de escolaridade, curso frequentado, rendimento familiar, educação dos pais, ambição escolar, ambição profissional, ambição remuneratória, fonte de conhecimentos financeiros, formação específica, titularidade de conta bancária, utilização de cartão de débito e experiência profissional.

O nível de literacia financeira foi igualmente analisado de acordo com quatro categorias: Poupança e Investimento, Rendimento, Gastos e Endividamento e Gestão de Dinheiro.

Para tal, foi levado a cabo um questionário junto de estudantes de uma escola do Ensino Secundário, de Aveiro, tendo sido obtidos 410 questionários válidos. O nível de conhecimentos financeiros geral obtido é médio, mas próximo de baixo.

Os resultados evidenciaram uma relação significativa entre o nível de literacia financeira global e alguns fatores, concluindo-se que alunos do curso mais próximo da área financeira, cujos pais têm maior grau de ensino, que têm planos escolares, profissionais ou remuneratórios mais elevados e com maior experiência em lidar com produtos financeiros (contas bancárias), têm maior nível de literacia. Contrariamente, alunos com formação específica na área e com experiência profissional têm piores resultados que os restantes. A fonte de conhecimentos associada ao melhor desempenho é a comunicação social. Verificou-se ainda uma relação linear positiva e significativa entre o nível de literacia financeira global e a fonte de conhecimentos (comunicação social), alta ambição profissional, ambição remuneratória, ausência de experiência profissional e curso na área das Ciências e Tecnologias. Por outro lado, a relação é negativa no que respeita à baixa ambição escolar, não detenção de conta bancária, baixa ambição profissional e experiência profissional a tempo inteiro.

Considerando as diferentes categorias, aquela que obteve melhores resultados no nível de literacia foi a de Poupança e Investimento, seguida de Rendimento, Gastos e Endividamento, e, por último, Gestão de Dinheiro.

Este trabalho representa um contributo nesta área, perante a escassez de estudos realizados sobre a população jovem em Portugal, relativos aos conhecimentos financeiros.

keywords

Financial Literacy; Influence Factors, High School Students

abstract

The main objectives of this study are determining the level of financial literacy of High School students and its influence factors, namely gender, high school grade, course of study, family income, parents education, educational plans, professional plans, income expectation, source of financial knowledge, previous financial education, bank account ownership, debit card use and professional experience.

The level of financial literacy was also analyzed in four sections: Savings and Investment, Income, Spending and Debt, and Money Management.

410 valid questionnaires were collected from a High School of Aveiro city.

The general financial literacy level is medium, but close to low.

There is a significant relationship between the general financial literacy level and some factors, concluding that students in a course of study more linked to finance, whose parents have higher level of education, with more ambitious educational, professional and income plans and with more experience managing financial products (bank accounts) show higher financial literacy level. On the other hand, students with previous financial education and professional experience show lower financial literacy level. The source of financial knowledge linked with higher performance is the mass media.

There is also a linear and positive significant relationship between the general financial literacy level and the source of financial knowledge (mass media), higher professional plans and income expectation, no professional experience and course of study in Sciences and Technologies. On the other hand, the relationship is negative with lower educational plans, no bank account ownership, lower professional plans and full-time professional experience.

The section with better results is Savings and Investment, followed by Income, Spending and Debt, and, lastly, Money Management.

This paper represents a contribution to this field, in the face of the few studies targeting young people in Portugal, regarding financial knowledge.

ÍNDICE

ÍNDICE de Gráficos	iii
ÍNDICE de Quadros.....	iv
ÍNDICE de Tabelas	v
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	vii
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. LITERACIA FINANCEIRA	3
3. FATORES QUE INFLUENCIAM O NÍVEL DE LITERACIA FINANCEIRA	9
3.1. IDADE	9
3.2. GÉNERO	16
3.3. INFLUÊNCIA PARENTAL	20
3.4. CONDIÇÃO SOCIOECONÓMICA	26
3.4.1. RENDIMENTO	27
3.4.2. EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO	30
3.5. AUTOCONFIANÇA	35
3.6. ETNIA.....	36
3.7. PLANEAMENTO DA REFORMA.....	37
4. FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES E METODOLOGIA	42
4.1. QUESTIONÁRIO	44
4.2. APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	46
4.3. TRATAMENTO DE DADOS	47
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	52
5.1. NÍVEL DE LITERACIA FINANCEIRA GLOBAL	55
5.2. REGRESSÃO LINEAR	69

5.3. NÍVEL DE LITERACIA FINANCEIRA POR CATEGORIA	72
6. CONCLUSÕES	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
Apêndices	89
Apêndice 1: questionário	90
Apêndice 2: grelha de respostas corretas.....	95
Apêndice 3: autorização do questionário pela DGE	96
Apêndice 4: análise dos resultados por questão	97

ÍNDICE de Gráficos

Gráfico 1 – Histograma de frequências acumuladas do RG, com curva Normal sobreposta.	56
Gráfico 2 – Q-Q plot do RG, com proximidade dos pontos à reta e disposição oblíqua.	56
Gráfico 3 – Nível de literacia financeira global por curso frequentado.....	59
Gráfico 4 – Nível de literacia financeira global por grau educacional dos pais.	61
Gráfico 5 – Nível de literacia financeira global por planos escolares.....	62
Gráfico 6 – Nível de literacia financeira global por planos profissionais.....	63
Gráfico 7 – Nível de literacia financeira global por ambição remuneratória.....	65
Gráfico 8 – Nível de literacia financeira global por detenção de conta bancária.	68
Gráfico 9 – Q-Q plot dos resíduos estandardizados, com proximidade dos pontos à reta e disposição oblíqua.	70
Gráfico 10 – Dispersão aleatória dos resíduos estandardizados.....	70

ÍNDICE de Quadros

Quadro 1 – Principais estudos e conclusões.	40
--	----

ÍNDICE de Tabelas

Tabela 1 – Categorias e subcategorias de cada questão e fonte respectiva.	45
Tabela 2 – Fatores estudados por grupos e questões respectivas.	46
Tabela 3 – Amostra e Resultado Geral (RG) médio, por grupos demográficos.	52
Tabela 4 – Amostra e RG médio, por grupos socioeconômicos.	53
Tabela 5 – Amostra e RG médio, por grupos aspiracionais.	54
Tabela 6 – Amostra e RG médio, por grupos relativos à educação prévia na área.	54
Tabela 7 - Amostra e RG médio, por grupos relativos à experiência de gestão de dinheiro.	55
Tabela 8 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por curso.	58
Tabela 9 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por grau educacional dos pais.	60
Tabela 10 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por planos escolares.	62
Tabela 11 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por planos profissionais.	64
Tabela 12 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por expectativa salarial inicial.	65
Tabela 13 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por fonte de conhecimentos.	67
Tabela 14 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por detenção de conta bancária.	68
Tabela 15 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por experiência profissional.	69
Tabela 16 – Resultado do MRLM ajustado com maior capacidade explicativa.	71

Tabela 17 – Resultado médio por categoria e grupo demográfico.	74
Tabela 18 – Resultado médio por categoria e grupo socioeconómico.	75
Tabela 19 – Resultado médio por categoria e fator aspiracional.....	77
Tabela 20 – Resultado médio por categoria e educação prévia do aluno.....	78
Tabela 21 – Resultado médio por categoria e experiência de gestão de dinheiro do aluno.	79
Tabela 22 – Respostas corretas da parte A do questionário, por questão.....	95
Tabela 23 – Distribuição de respostas por fatores da questão 1.	98
Tabela 24 – Distribuição de respostas por fatores da questão 2.	100
Tabela 25 – Distribuição de respostas por fatores da questão 3.	104
Tabela 26 – Distribuição de respostas por fatores da questão 4.	106
Tabela 27 – Distribuição de respostas por fatores da questão 5.	110
Tabela 28 – Distribuição de respostas por fatores da questão 6.	113
Tabela 29 – Distribuição de respostas por fatores da questão 7.	116
Tabela 30 – Distribuição de respostas por fatores da questão 8.	119
Tabela 31 – Distribuição de respostas por fatores da questão 9.	122
Tabela 32 – Distribuição de respostas por fatores da questão 10.	125
Tabela 33 – Distribuição de respostas por fatores da questão 11.	127
Tabela 34 – Distribuição de respostas por fatores da questão 12.	130
Tabela 35 – Distribuição de respostas por fatores da questão 13.	133
Tabela 36 – Distribuição de respostas por fatores da questão 14.	136
Tabela 37 – Distribuição de respostas por fatores da questão 15.	139
Tabela 38 – Distribuição de respostas por fatores da questão 16.	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BP	Banco de Portugal
CMVM	Comissão do Mercado de Valores Mobiliários
CNSF	Conselho Nacional de Supervisores Financeiros
DGE	Direção Geral da Educação
EUA	Estados Unidos da América
INFE	Rede Internacional para a Educação Financeira
LSD	<i>Least Significant Difference</i>
MRLM	Modelo de Regressão Linear Múltipla
N/S	Não Sei
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
PISA	<i>Programme for International Student Assessment</i>
RG	Resultado Geral
USD	Dólares Americanos (<i>United States Dollar</i>)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho debruça-se sobre o estudo da literacia financeira em jovens do Ensino Secundário, um grupo pouco estudado quanto aos conhecimentos financeiros detidos, especialmente em Portugal.

Este conceito relaciona-se com a capacidade de compreender questões de natureza financeira e de tomar decisões informadas e eficazes. Bons conhecimentos nesta área permitem aos cidadãos gerir os seus rendimentos, promovendo o bem-estar da economia, em geral, e o seu bem-estar individual, em particular.

Os principais objetivos são determinar o nível de literacia financeira em jovens do Ensino Secundário, bem como identificar as variáveis o influenciam. Neste contexto, as questões de investigação são as seguintes:

- 1) Qual o nível de literacia financeira presente?
- 2) Que fatores influenciam o nível de literacia encontrado?
- 3) É possível discriminar, em cada fator, que classes apresentam uma relação linear com o nível de literacia financeira?

O instrumento de investigação usado foi um questionário, distribuído em papel, no final de 2016, a turmas dos três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos) de uma escola do Ensino Secundário, da cidade de Aveiro. A sua elaboração teve por base o questionário da *Jump\$tart Coalition*, aplicado em diversos anos a estudantes desta faixa etária, em escolas americanas, considerando as adaptações necessárias, face às diferenças entre os dois países.

Foi ainda analisado se o nível de literacia financeira detido pelos alunos e a relação com os fatores de influência variam consoante o enquadramento em quatro categorias: Poupança e Investimento, Gastos e Endividamento, Rendimento e Gestão de Dinheiro, medidas através da inclusão de questões relativas a cada uma.

Os resultados evidenciaram uma relação significativa entre o nível de literacia financeira global e alguns fatores, concluindo-se que alunos do curso mais próximo da área financeira,

cujos pais têm maior grau de ensino, que têm planos escolares, profissionais ou remuneratórios mais elevados e com maior experiência em lidar com produtos financeiros (contas bancárias), têm maior nível de literacia. Contrariamente, alunos com formação específica na área e com experiência profissional têm piores resultados que os restantes. A fonte de conhecimentos associada ao melhor desempenho é a comunicação social.

Este trabalho encontra-se estruturado do modo explicado em seguida. O ponto 2 aborda a temática da literacia financeira, a importância da mesma e as suas principais dimensões, apresentando estudos centrados neste assunto. O ponto 3 enuncia os fatores de influência da literacia financeira e qual a relação encontrada com a mesma, em vários estudos presentes na literatura. O ponto 4 apresenta as hipóteses de investigação e a metodologia utilizada na execução deste estudo, explicando os principais pressupostos seguidos. O ponto 5 destaca os resultados encontrados mais importantes, como sejam o nível de literacia financeira, a relação do mesmo com os fatores de influência, e o modelo de regressão linear ajustado. Na parte final, expõem-se as principais conclusões.

2. LITERACIA FINANCEIRA

A literacia financeira pode ser definida como a capacidade de efetuar avaliações informadas e tomar decisões quanto ao uso e gestão do dinheiro (Szpringer, 2007). É um conceito multidimensional, requerendo abrangência e profundidade de determinados conhecimentos e capacidades, como sejam:

- conhecimentos e entendimentos financeiros: permitem perceber e gerir o dinheiro de diversas formas, usos e funções, incluindo a sua utilização nas escolhas diárias, de forma a suprir as necessidades correntes;
- capacidades e competências financeiras: possibilitam a aplicação de conhecimentos e o entendimento em vários contextos, como situações previsíveis ou inesperadas, diferentes problemas e oportunidades;
- responsabilidade financeira: consiste na capacidade de perceber o espectro alargado do impacto das decisões financeiras, a nível pessoal, familiar e comunitário, entendendo os direitos, responsabilidades e as fontes de aconselhamento disponíveis.

Este é também um conceito vasto que inclui informação, comportamento e atitudes, sendo importante para todos os consumidores, com diferentes rendimentos e poder económicos; nos países em desenvolvimento, os bancos devem promover a literacia financeira devido ao impacto positivo para o acesso a crédito e para permitir a poupança por parte dos seus clientes. Isto, por seu turno, suporta a sua subsistência e o crescimento económico, promovendo bons sistemas financeiros e a redução da pobreza. De facto, milhões de pessoas em todo o mundo, especialmente em países em desenvolvimento, não têm capacidade para o acesso a crédito, a aquisição de seguros ou a obtenção de programas de poupança seguros, o que tem um impacto significativo no seu futuro económico (Kefela, 2011).

Todavia, segundo Kefela (2011), a literacia financeira vai para além da transmissão de informação e aconselhamento, devendo focar-se no indivíduo, com recursos e capacidade limitados para apreciar a complexidade dos negócios financeiros e para lidar com agentes

intermediários. Em larga medida, a população carece de educação financeira, estando exposta a riscos e abusos de mercado.

Deste modo, a literacia financeira auxilia na compreensão das opções financeiras, aproveitando oportunidades, antevendo e gerindo riscos, bem como na gestão de relações com os agentes de mercado. No caso do acesso ao crédito, a literacia financeira auxilia o indivíduo a estimar as suas reais necessidades, tendo em conta os custos inerentes ao endividamento (Kefela, 2011).

Segundo Szpringer (2007), a aquisição de conhecimentos financeiros é um processo contínuo, decorrendo ao longo da vida: à medida que as circunstâncias económicas mudam, os indivíduos necessitam de novos conhecimentos e aptidões para uma gestão financeira eficaz. Assim, neste campo, as matérias educativas devem ser apresentadas em momentos onde a informação respetiva seja percebida como relevante e aplicável por parte dos indivíduos.

Neste âmbito, Kefela (2011) reforça o papel dos programas educativos, referindo que estes devem incluir temas como orçamentação, poupança, gestão de crédito e capacidade de negociação. Estes são efetivos na comunicação de informação, sendo, todavia, fundamental preparar os cidadãos para avaliar as suas opções no mercado financeiro e para tomar as ações adequadas que promovam o seu bem-estar.

As atitudes e comportamentos de um indivíduo são dimensões influenciadas pelo seu conhecimento, nomeadamente na área das finanças pessoais, já que a falta de uma base sustentada torna-o mais propenso a cometer erros (Bačová, Čonková, & Bričová, 2013). Assim, Szpringer (2007) acrescenta que a promoção da educação, acesso à informação e aconselhamento para a tomada de informações financeiras, é essencial para a proteção dos cidadãos. Estas condições contribuem para melhorar a sensibilização do público, em geral, e para a confiança dos mercados, em particular. De facto, indivíduos com bons conhecimentos económico-financeiros tomam decisões mais informadas, com benefícios para si próprios e para a economia em geral. Para além de gerirem de modo mais eficiente as suas finanças pessoais e domésticas, contribuem de forma mais produtiva para a sociedade e avaliam melhor as políticas públicas.

As decisões financeiras englobam tomadas de posição em relação a quando gastar, quando poupar, como gerir um orçamento, como selecionar os produtos financeiros mais adequados a determinados objetivos, e ainda a aptidão para reagir e antecipar eventos, como o planeamento da reforma e a educação dos filhos (Kefela, 2011; Lusardi & Mitchell, 2014).

Com o aumento da complexidade dos mercados financeiros nos anos mais recentes, e um maior número de produtos e fornecedores, os consumidores têm maior responsabilidade na tomada de decisões críticas, como o planeamento da reforma (Lusardi & Mitchell, 2014). Mesmo a população com menos recursos financeiros encara um ambiente financeiramente mais complexo, devido ao crescimento da microfinança, às redes de expatriados e aos microseguros, entre outros fatores (Kefela, 2011).

De acordo com Kefela (2011), indivíduos com menor nível de literacia financeira são mais propensos a incorrer em problemas de endividamento, com custos de hipoteca mais elevados e menos propensos a poupar e a planear a sua reforma. De igual modo, têm mais problemas a selecionar os produtos e serviços financeiros que necessitam e a avaliar os seus direitos e responsabilidades enquanto consumidores, não compreendendo nem gerindo a diversidade de riscos existente. Nestas condições, os indivíduos tendem a subestimar a taxa de juro à qual se endividam e a considerar, sistematicamente, que numa série de pagamentos, a taxa de juro é mais baixa do que efetivamente o é na realidade, e a preferir maturidades mais reduzidas (Stango & Zinman, 2009). De facto, existe evidência de que indivíduos com mais conhecimentos financeiros tendem a fazer um planeamento mais consistente do seu orçamento e dos investimentos que realizam, resultando numa maior acumulação de riqueza. Adicionalmente, gerem melhor as suas dívidas e participam mais no mercado de capitais (Lusardi & Mitchell, 2014).

Hogarth, Anguelov, e Lee (2005) demonstraram que, nos Estados Unidos da América (EUA), o número de pessoas com uma conta bancária (à ordem) aumentou ao longo dos anos. Contudo, os consumidores com níveis mais baixos de educação, pertencentes a grupos minoritários, com baixos rendimentos e desempregados são aqueles onde se verifica com maior frequência que não detêm conta bancária.

Neste seguimento, Kefela (2011) reforça que consumidores com bom nível de literacia financeira pressionam o lado competitivo das Instituições Financeiras, na oferta de produtos a melhores preços e serviços mais transparentes, dado que comparam opções, colocam questões apropriadas e negociam de modo mais eficaz. Por outro lado, pressionam também as autoridades governamentais na formulação de *standards* de mercado e na sua função de supervisão e regulação do sistema financeiro. Em contrapartida, as Instituições Financeiras também beneficiam de clientes mais informados, no sentido em que estes se configuram como clientes com menor nível de risco quanto ao incumprimento, e sustentam o mercado para estes produtos e serviços. De facto, com baixos níveis de literacia financeira, os consumidores tendem a não saber calcular corretamente percentagens, juros e a não compreender o significado das taxas de juro.

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a educação financeira, a proteção do consumidor de produtos financeiros e a inclusão financeira são os três ingredientes essenciais para avaliar a emancipação individual financeira e a estabilidade geral do sistema financeiro, como realçado por três conjuntos de princípios aprovados pelo G20: Inclusão Financeira Inovadora, Proteção do Consumidor Financeiro e Estratégias Nacionais para a Educação Financeira (OCDE, 2016a). Assim, de acordo com a linha de ação da Rede Internacional para a Educação Financeira (INFE) da OCDE, constituída por bancos centrais, reguladores, supervisores financeiros e outras autoridades públicas, avaliar as competências de literacia financeira de uma população é um elemento chave para uma estratégia nacional de sucesso. Neste contexto, foi elaborado um questionário internacional sobre literacia financeira, dirigido a 30 países e economias¹, abrangendo diversas dimensões, como conhecimentos, comportamentos, atitudes e inclusão, publicado em outubro de 2016. No total, foram entrevistados 51.650 adultos, entre os 18 e os 79 anos, usando o mesmo núcleo de perguntas gerais, mas com alguns ajustamentos, de acordo com as zonas geográficas. Globalmente, os resultados indicam baixos níveis de literacia financeira. Alguns países com níveis de conhecimentos gerais superiores à média, como a Letónia e a Estónia, apresentam resultados abaixo da média na

¹ Termos usados pela OCDE, tratando-se de países por si só e de zonas económicas que pertencem a um determinado país (por exemplo: Shanghai e Hong Kong, ambas da China).

componente comportamental. Por sua vez, na Polónia e na Croácia, as dimensões referentes aos conhecimentos e comportamentos apresentam resultados não muito animadores, pelo que deve dar-se atenção a ambas, para que os cidadãos compreendam os princípios da literacia financeira e sejam agentes mais ativos. Na componente de conhecimentos, as Ilhas Virgens, a Malásia e a África do Sul são as regiões com maiores deficiências. Os resultados indicam que elaborar orçamentos não constitui uma prioridade para a generalidade dos cidadãos, apesar das vantagens destes no controlo e planeamento financeiros, já que apenas 60% das famílias orçamenta os seus gastos e 59% efetua poupanças de forma ativa. Além disso, em média, apenas metade dos participantes tem planos financeiros a longo prazo, os quais procuram cumprir. Poucos são os indivíduos que escolhem produtos financeiros de forma regular e informada e apenas 12%, em média, procuram aconselhamento e informação independente (OCDE, 2016a).

No contexto português, o Banco de Portugal (BP) administrou um inquérito, com o objetivo de determinar o grau de literacia financeira da população portuguesa residente no Continente e Regiões Autónomas, com idade superior a 15 anos, sendo a amostra composta por 2.000 indivíduos. Os indivíduos constantes da amostra foram inquiridos através de entrevistas presenciais (porta a porta), entre fevereiro e março de 2010. Os resultados indicam que a maioria da população tem um nível de literacia acima da média, mas não compreende conceitos financeiros básicos e desconhece as principais fontes de informação. Para além disso, é generalizado o acesso ao sistema bancário (principal indicador de inclusão no sistema financeiro) e muito frequente o recurso a meios eletrónicos de pagamento, uma situação favorável comparando com outros países desenvolvidos (BP, 2011). Por outro lado, estão ainda associados a mais conhecimentos financeiros, as atitudes e comportamentos que estimulam o planeamento orçamental e a poupança, embora esta possa não ser regular. Em geral, os portugueses têm atitudes adequadas no que respeita ao planeamento do orçamento familiar e ao consumo, mas que nem sempre correspondem aos comportamentos adotados quanto à poupança e seleção de produtos bancários. Isto dificulta escolhas adequadas ao perfil de risco dos consumidores, os quais defendem ter confiança nas Instituições de Crédito e nos conselhos obtidos ao balcão. Relativamente à poupança, 52% dos inquiridos afirmam fazer

poupanças, mas apenas 56% regularmente, sendo que somente cerca de 20% dos entrevistados revela poupar de facto, através de uma conta a prazo ou de outra aplicação de médio ou longo prazo. Saliente-se que a grande maioria dos que não poupam (88%), indica como principal razão o facto de não ter rendimentos suficientes para tal. Finalmente, verifica-se um elevado número de respostas incorretas, quando os inquiridos tinham a possibilidade de assinalar a opção “Não Sei” (N/S), o que poderá apontar para uma sobreavaliação dos conhecimentos financeiros (BP, 2011).

Uns anos mais tarde, em 2015, a mesma instituição realizou um segundo inquérito acerca da literacia financeira. Este realizou-se num contexto mais abrangente do que o anterior, tendo a participação de três supervisores financeiros: BP, Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) e Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões. Segundo o Conselho Nacional de Supervisores Financeiros (CNSF), o inquérito de 2015 inclui questões centrais desenvolvidas pela INFE que promovem a medição e comparabilidade internacional (CNSF, 2016).

Este estudo pretendia avaliar as três dimensões da literacia financeira (atitudes, comportamentos e conhecimentos); caracterizar a população portuguesa quanto ao seu grau de inclusão financeira, hábitos de planeamento do orçamento familiar e de poupança; medir o conhecimento e critérios de seleção de produtos financeiros contratados; identificar os grupos com maiores e menores níveis de literacia financeira e comparar os resultados a nível internacional. Para tal, foram inquiridos porta a porta 1.100 indivíduos, com 16 ou mais anos, em todo o território nacional, entre maio e junho de 2015.

Apesar das melhorias no nível de literacia financeira que se constataram em relação ao inquérito levado a cabo em 2010 (por exemplo, no que se refere à relação entre inflação e custo de vida e entre risco e remuneração), os conhecimentos financeiros continuam relativamente baixos (por exemplo, no que diz respeito ao domínio de conceitos como *spread*, Euribor, franquias ou garantia de capital). Os resultados indicam que o acesso ao sistema financeiro é generalizado, reforçando os resultados de inclusão financeira obtidos no inquérito anterior, comparando favoravelmente com outros países desenvolvidos. Mantêm-se associados a melhores resultados as atitudes e comportamentos que estimulam o planeamento orçamental, a poupança (mais que em 2010), a preocupação

com despesas inesperadas e a confiança no planeamento da reforma. Persiste também a confiança nas Instituições Financeiras e nos conselhos dados por estes agentes, e também por familiares e amigos, em vez de avaliarem criticamente produtos alternativos. Relativamente à poupança, 59% dos inquiridos afirmam poupar, mais 7% do que em 2010. Mais uma vez, a maioria dos que não poupam indica como principal razão o facto de não ter rendimentos suficientes. Quanto ao planeamento da reforma, 54% está pouco ou nada confiante no mesmo: em geral, os inquiridos preveem assegurá-la através dos regimes contributivos obrigatórios (CNSF, 2016). Quanto à comparação internacional, no indicador global de literacia financeira da INFE, Portugal surge em 10.º lugar, acima da média dos países da OCDE e da média da totalidade dos países. Este indicador resulta da soma dos seguintes componentes: comportamentos financeiros (Portugal está na 8.ª posição, entre os 30 países), atitudes financeiras (5.º lugar) e conhecimentos financeiros (13.º lugar).

Seguidamente, apresentam-se diversos fatores que, de acordo com a literatura mencionada, influenciam o nível de literacia financeira de um indivíduo.

3. FATORES QUE INFLUENCIAM O NÍVEL DE LITERACIA FINANCEIRA

3.1. IDADE

Diversos autores estudaram a literacia financeira entre os adolescentes e jovens adultos (Allen, Edwards, Hayhoe, & Leach, 2007; Altintas, 2011; Beal & Delpachitra, 2003; Chen & Volpe, 1998, 2002; Clarke, Heaton, Israelsen, & Eggett, 2005; Jorgensen & Savla, 2010; Mandell, 2008; Sherraden, Johnson, Elliott III, Porterfield, & Rainford, 2007). Estes trabalhos realizaram-se em todo o mundo, mas especial nos EUA. Na sua maioria, concluiu-se que os jovens apresentam baixos níveis de literacia financeira (Bačová et al., 2013; Chen & Volpe, 1998). Atendendo à futura autonomia financeira dos mesmos, é importante combater a falta de conhecimentos nesta área. Estes são ferramentas para evitar consequências negativas, como execuções financeiras ou judiciais, falências ou fraudes. Torna-se, assim, pertinente avaliar os seus conhecimentos e a importância de melhorar a educação financeira (Altintas, 2011). Por sua vez, Frączek e Klimontowicz (2015) explicam

que a tomada consciente de decisões no mercado bancário implica uma detenção de conhecimentos e ferramentas vasta e multifacetada, onde os programas de educação financeira deveriam ser avaliados, ao mesmo ritmo da evolução dos mercados. De outro modo, indivíduos mais jovens continuarão a não ser capazes de construir as suas próprias expectativas, tendo de seguir conselhos de outros agentes.

Sherraden et al. (2007) analisaram o programa de poupança para crianças de escolas públicas americanas e suas famílias, denominado "Eu consigo poupar", um projeto de 4 anos que se baseava na proposição de que as famílias adquiriam mais conhecimentos financeiros e passavam a perspetivar a Universidade como um objetivo atingível, porque acumulariam poupanças nesse sentido. Participaram no programa 149 crianças, tendo os autores concluído que, por um lado, professores, crianças e as suas famílias ficaram motivados com o mesmo e, por outro, obtiveram resultados bastante satisfatórios quanto ao nível de educação financeira aprendido, principalmente no contexto após aulas, comparando com a aprendizagem na sala de aula. Todavia, os pais foram o grupo mais difícil de atingir, já que grande parte deles desconfiou das reais intenções do programa, temendo tratar-se de um esquema fraudulento ou com cláusulas escondidas, tendo havido também uma fraca adesão aos *workshops* de educação financeira, principalmente numa fase inicial. Também incidindo sobre a importância da poupança no segmento jovem, Te'eni-Harari (2016) entrevistou 103 crianças do primeiro ano de escolaridade na região central de Israel, a fim de discernir qual a motivação para a mesma, refletida nos seus comportamentos e qual o papel dos processos de literacia financeira em crianças. A evidência encontrada é de que crianças com uma forte motivação para a poupança, expressam atitudes e comportamentos mais positivos em relação à mesma. Em relação aos fatores explicativos, a perceção da atitude dos pais e dos pares em relação à poupança e o acesso ao dinheiro desempenham um papel significativo na determinação do seu nível de motivação para a poupança.

Preocupada com a preparação dos jovens para exercer de forma eficiente e plena a sua cidadania, a OCDE tem vindo a realizar trianualmente o *Programme for International Students Assessment* (PISA), dirigido a jovens de 15 anos. Neste, são avaliados não só os conhecimentos dos mesmos, mas também a capacidade de os aplicar em ambientes não

familiares, dentro e fora da escola. Segundo a OCDE (2016b), esta abordagem reflete o facto das economias modernas recompensarem os indivíduos, não apenas pelo que sabem, mas pelo que conseguem fazer com o que sabem. Perante altas taxas de desemprego jovem, crescente desigualdade, iniquidade quanto ao género e a necessidade de aumentar o crescimento económico em muitos países, a OCDE (2016b) considera não haver tempo a perder. Este programa procura clarificar boas práticas e políticas educativas, bem como monitorizar tendências na aquisição de conhecimentos e competências em grupos demográficos diferentes, em vários países e economias do Mundo.

Em dezembro de 2016, foram publicados os resultados gerais de 2015 do PISA dirigido a cerca de 540.000 estudantes, representantes de uma população de 29 milhões de indivíduos, de 72 países e economias. Neste inquérito, procura-se perceber se estes alunos, próximos do final da escolaridade obrigatória, adquiriram os conhecimentos e competências essenciais para exercer a sua cidadania nas sociedades modernas, com foco nas áreas da Ciência, Leitura e Matemática. É testada a sua capacidade de resolução de problemas e de aplicação de conhecimentos em ambientes não familiares, bem como a literacia financeira destes alunos (sendo esta avaliação opcional). Todavia, o Volume IV, *Students' Financial Literacy*, ainda aguarda publicação (OCDE, 2016b). No tema dirigido à literacia financeira do PISA de 2012, participaram 18 países e economias, tendo os resultados apontado para baixos níveis de literacia financeira. Nos 13 países e economias da OCDE, 15% dos alunos estão abaixo do nível 2, o mais básico, o que significa que apenas conseguem diferenciar necessidades e desejos, tomar decisões simples sobre gastos do quotidiano, reconhecer o objetivo de documentos rotineiros, como faturas, e efetuar operações matemáticas simples, como adições ou multiplicações, em contextos provavelmente já experienciados (OCDE, 2014). Segundo esta Organização, um em cada dez estudantes, em média, situa-se no nível 5, sendo capaz de analisar produtos financeiros complexos e resolver problemas não quotidianos, tendo uma compreensão mais abrangente destes assuntos, como a implicação de impostos sobre o rendimento e as vantagens de diferentes tipos de investimento. Na Austrália, zona flamenca da Bélgica, República Checa, Estónia, Nova Zelândia e Rússia, as capacidades financeiras estão positivamente correlacionadas com as aptidões matemáticas e de leitura, ao contrário da

França, Itália e Eslovénia, onde se observa o oposto. No resultado de literacia financeira, 25% do mesmo espelha fatores relacionados apenas com a mesma, sendo o resultado restante um reflexo das aptidões de matemática e/ou leitura. Uma pequena proporção da variação entre países (16%), dos resultados de literacia financeira, é explicada pelo produto interno bruto. O melhor desempenho verifica-se em Shanghai, com 103 pontos acima da média da OCDE (que é de 500 pontos), sendo também superior na zona flamenca da Bélgica, República Checa, Estónia, Nova Zelândia, Austrália e Polónia (OCDE, 2014).

O questionário de 2008 da *Jump\$tart Coalition* a alunos finalistas do Ensino Secundário fez parte do sexto estudo bianual realizado por esta instituição e completou dez anos de medição da literacia financeira a este público, nos EUA (Mandell, 2008). Foram administrados inquéritos em 1997/1998, 2000, 2002, 2004, 2006 e 2008, onde os resultados foram piorando de ano para ano, até que a partir de 2004 começaram a melhorar. Contudo, no último ano (2008), os autores estenderam a aplicação do questionário a estudantes universitários, tendo encontrado resultados contrastantes entre os dois grupos. De facto, os estudantes do Ensino Secundário (6.856 indivíduos) tiveram o pior resultado dos dez anos, com apenas 48,3% de respostas corretas, comparando com 62,2% no Ensino Universitário (1.030 respondentes). Todavia, salienta-se que ambos os resultados são baixos, já que, segundo Mandell (2008), se este for inferior a 60%, não satisfaz e se for superior a 75% (nota C), é relativamente bom. Segundo estes parâmetros, embora os jovens universitários apresentem um nível de conhecimentos financeiros mais próximo do que o autor considera relativamente bom, apenas frequentam o Ensino Superior cerca de 25% dos indivíduos, ou seja, 75% da futura população adulta americana não terá um nível de conhecimentos financeiros considerado mínimo, de forma a tomar as melhores decisões nesta área.

Em relação à ambição escolar e profissional, Mandell (2008) constata que 67,2% dos finalistas do Ensino Secundário pretendem frequentar um curso do Ensino Superior e mais de metade deseja ter empregos qualificados, ao mesmo tempo que uma grande proporção ainda estava indecisa. Quanto à expectativa salarial inicial, 41,6% esperam auferir pelo menos 40.000 Dólares Americanos (USD) anuais no início de carreira, e 20,5% entre 30 e 40 mil USD. No inquérito de 2008 e nos anteriores, os resultados apontam para uma relação

forte e direta entre o nível de literacia financeira e a ambição escolar e uma relação direta, mas menos forte, entre o primeiro e a expectativa salarial inicial. Quanto ao sucesso escolar, quando questionados sobre as notas de ingresso no Ensino Superior, o autor conclui que existe uma forte relação entre a literacia financeira e o desempenho escolar. Segundo o mesmo, isto sugere que a literacia financeira, medida pelo teste da *Jump\$tart*, o qual se foca na capacidade de resolver problemas financeiros adaptados àquela faixa etária, reflete a capacidade geral de resolução de problemas.

Nos EUA, Chen e Volpe (1998) analisaram a relação entre a literacia financeira e as características de estudantes universitários, bem como de que forma o nível de conhecimentos nesta área influencia as suas opiniões e decisões. Em termos globais, os estudantes universitários apresentam baixos níveis de literacia financeira (média de respostas certas de 53%), onde aqueles com nível mais baixo tendem a tomar piores decisões e a efetuar avaliações desajustadas (por exemplo, no que se refere à importância atribuída a gastar menos do que o orçamento disponível). Os estudantes com pior desempenho são os mais jovens, a frequentar os primeiros anos da Universidade, do sexo feminino e com pouca experiência de trabalho. Na Austrália, de forma semelhante a estes autores, Beal e Delpachitra (2003) inquiriram 837 alunos de uma Universidade de Queensland, tendo obtido resultados consistentes. O nível de literacia encontrado foi baixo, com pior desempenho na capacidade de tomada de decisão e em conhecimentos acerca de seguros (média entre 46-47%). Assim, alunos com formação na área de negócios, do sexo masculino e com maior experiência profissional, rendimento e tolerância ao risco apresentam níveis mais elevados de literacia financeira.

Na Europa, Tomášková, Mohelská, e Němcová (2011) inquiriram 170 estudantes universitários na República Checa, sendo a média de respostas corretas inferior a 50%, no que respeita a conhecimentos gerais para operar no mercado financeiro. A literacia financeira não é ensinada nos programas daquela Universidade enquanto tema isolado, mas de forma acessória, incluída noutras disciplinas. De facto, as autoras concluíram que os alunos não têm uma visão abrangente do funcionamento básico do mercado financeiro, sugerindo a introdução deste tema nos programas curriculares. Bačová et al. (2013) analisaram o nível de literacia financeira numa amostra composta por 695 estudantes

universitários da Eslováquia, verificando que, de um modo geral, o nível de conhecimentos financeiros é também baixo, sendo a média de respostas corretas de 54%. Por outro lado, o nível de literacia financeira é maior para os estudantes do sexo masculino, para os do segundo ano face ao primeiro, e para os estudantes que frequentam uma área de estudos que abrange finanças (especialização económica).

Também dirigido ao público universitário, o trabalho de Jorgensen, Foster, Jensen, e Vieira (2017) procurou determinar a influência geográfica nas atitudes de realização financeira, poder financeiro e comportamentos responsáveis pelo nível dos gastos. Foi considerado o modelo de socialização financeira familiar, criado para ajudar a identificar os processos no contexto social familiar que conduzem a diferenças nos conhecimentos, atitudes e comportamentos financeiros, e tendo em consideração grupos sociodemográficos distintos. Foram utilizados os dados provenientes do Estudo de Capacidade Financeira em Jovens Adultos, recolhidos pela aplicação de um questionário *online*, administrado antes da frequência de um curso em Finanças, pelos estudantes em causa, de modo a que as respostas não fossem influenciadas pela educação formal em questão. A amostra final engloba 2.847 indivíduos de três regiões dos EUA e de uma região de Portugal. Os resultados sugerem que o nível de atitudes de realização financeira, poder financeiro e comportamentos responsáveis pelo nível dos gastos diferem de acordo com a localização dos inquiridos. Por outro lado, constata-se a associação entre maiores atitudes de realização e poder financeiros e menos comportamentos responsáveis pelo nível dos gastos, cuja relação não é moderada pela localização geográfica. Estes resultados mantêm a sua significância com a aplicação das variáveis de controlo género e rendimento familiar. Comparando os resultados dos EUA com os de Portugal, os resultados diferem de forma significativa no que respeita às atitudes. Os estudantes americanos apresentam mais atitudes de realização financeira que os portugueses (sugerindo que os primeiros sentem que esta decorre das competências, esforço, realização e inteligência). Contudo, não há diferenças significativas no que se refere às atitudes de poder financeiro (associado a valores como a autonomia, liberdade de autoexpressão e meio de atrair amigos, o que pode conduzir a gastos frívolos, como a compra de um produto de determinada marca). Adicionalmente, os autores verificaram que os estudantes americanos demonstram menos

comportamentos financeiros responsáveis que os portugueses, os quais tendem a gastar mais sensatamente. Perante estes resultados, Jorgensen et al. (2017) sugerem que a educação financeira deve ser adaptada a cada localização geográfica.

No estudo de Frączek e Klimontowicz (2015), foram questionados, entre 2013 e 2014, 181 indivíduos com 24 anos, com formação em economia ou gestão e de países europeus representativos de mercados bancários diferentes. O seu objetivo era verificar a influência dos conhecimentos e aptidões financeiras no processo de tomada de decisões informadas. Para a escolha de um produto financeiro, eram avaliados conhecimentos e ferramentas no que concerne ao valor temporal do dinheiro, risco e rendibilidade, taxas de juro e diversificação. No entanto, os conhecimentos financeiros considerados básicos influenciam apenas as decisões ou fatores mais óbvios, como a eficácia, custos, complexidade dos serviços e novidade. Dado que o grupo alvo apresenta maior nível de literacia financeira em relação à média da sociedade, os autores concluem que a juventude é consciente na escolha de produtos financeiros, o que difere das conclusões da generalidade dos autores até aqui mencionados. Contudo, decisões mais complicadas, difíceis de compreender para aquela faixa etária, eram tomadas com base em critérios não económicos, como a confiança, segurança, imagem ou opiniões da família e amigos, o que dá relevo à corrente das finanças comportamentais² (Statman, 1999).

Lusardi e Mitchell (2011) utilizaram os dados provenientes de um inquérito dirigido a 1.488 adultos americanos, concluindo que a literacia financeira é particularmente baixa em adultos jovens (menos de 35 anos) e em pessoas com idade superior a 65 anos. Estes grupos apresentam dificuldade a responder mesmo a questões simples sobre taxas de juro, diversificação de risco e inflação. É curioso constatar que a generalidade dos grupos se considera bem informada em relação a questões financeiras, embora o mesmo não se verifique no seu desempenho. Por outro lado, indivíduos com maior nível de literacia

² Campo das Finanças baseado em teorias da Psicologia que procura explicar anomalias de mercado e de investimento. As suas ferramentas incluem a suscetibilidade de efetuar erros cognitivos (como retirar diferentes conclusões a partir da mesma informação, dependendo de como esta é apresentada), ter uma atitude variável face ao risco, ser avesso ao arrependimento, ter um autocontrolo imperfeito e apresentar atitudes ora de índole instrumental (utilitária), ora de autoafirmação (como forma de expressão de um dado valor ou sentimento) (Statman, 1999).

financeira são mais propensos a planejar a sua reforma. Já Bucher-Koenen e Lusardi (2011) avaliaram a literacia financeira na Alemanha, usando dados do ano de 2009, de um questionário aplicado em painel, entre 2007 e 2009 em lares domésticos, incidindo sobre 1.059 observações. De um modo geral, os resultados apontam para a existência de um padrão *hump-shaped* do nível de literacia ao longo do ciclo de vida. Todavia, analisando as respostas individuais, os autores concluíram que a compreensão dos inquiridos sobre taxas de juro diminui com a idade, mas sobre a inflação aumenta com a idade, sendo que em relação ao conceito de risco, as respostas seguem o padrão geral. 55% dos indivíduos com menos de 35 anos acertaram em todas as respostas, os indivíduos com idades compreendidas entre os 36 e os 50 anos têm o melhor desempenho, e os inquiridos com mais de 65 anos apresentaram o pior desempenho (apenas 43% acertaram todas as questões). Em todas as categorias, com exceção da inflação, os participantes mais idosos respondem N/S mais frequentemente que os mais novos.

Em Portugal, os resultados dos inquéritos dirigidos a adultos administrados pelo BP (2011) e CNSF (2016) são semelhantes: o nível de literacia financeira é maior em indivíduos entre 25 e 54 / 70 anos, o que vai ao encontro dos autores acima citados. Consistente com estas conclusões, Henriques (2010) dirigiu um questionário a indivíduos com idade superior a 15 anos, residentes em Portugal, com o principal objetivo de determinar o nível de literacia financeira, percebendo como se delineiam os conhecimentos nesta área e que fatores sociodemográficos os influenciam. Com uma amostra de 515 respondentes, a autora conclui que os portugueses apresentam um baixo nível de literacia financeira. Em termos sociodemográficos, têm piores resultados os jovens, os idosos, os solteiros e as mulheres.

3.2. GÉNERO

São vários os estudos existentes na literatura que procuram avaliar a influência do género sobre o nível de conhecimentos financeiros. Contudo, os resultados não são consensuais, pois, se por um lado existem estudos que demonstraram que o género é uma variável significativa para o nível de literacia financeira (Al-Tamimi & Kalli, 2009; Almenberg & Säv-Söderbergh, 2011; Chen & Volpe, 2002; Fornero & Monticone, 2011; Lusardi & Mitchell, 2011), por outro, alguns trabalhos não encontraram evidência de uma relação significativa entre ambos (Altintas, 2011; Jorgensen & Savla, 2010; Wagland & Taylor, 2009).

Para analisar as diferenças de género na educação financeira pessoal, Chen e Volpe (2002) tiveram em conta uma amostra de 924 estudantes universitários (dos quais, 44% são homens e 56% mulheres), de várias regiões americanas, usando como método a aplicação de um questionário. O inquérito foi elaborado no sentido de se analisarem diversas categorias, sendo estas divididas nos seguintes grupos: conhecimentos gerais de finanças pessoais, poupança e endividamento, seguros e investimentos. As suas principais conclusões indicam que as mulheres têm menos conhecimentos que os homens: em média, as mulheres acertam em 51% das questões e os homens em 57%, donde o nível de ambos é baixo. Os homens obtêm melhores resultados para a maioria das questões, em todas as secções. Na categoria referente aos investimentos, os autores realçam que, embora ambos os sexos tenham o pior desempenho nesta área (com vários casos inferiores a 40%), a diferença entre os mesmos acentua-se, atingindo os 16% no máximo, concluindo que aqui o conhecimento das mulheres é claramente inadequado. Por outro lado, embora ambos os géneros considerem que este é um tema importante, os homens atribuem mais relevo a conhecimentos nesta área. Os autores indicam como possíveis razões para tal, o peso das finanças nos respetivos currículos, sendo que as mulheres expressam interesse sobretudo nas áreas de Humanidades e Inglês, ao passo que os homens preferem Matemática e Ciências, havendo ainda maior confiança e tolerância ao risco por parte dos homens. Para ambos os géneros, o nível de literacia financeira está positivamente relacionado com a educação e a experiência. Os autores realçam a importância de estabelecer políticas nesta área, já que as mulheres têm uma esperança média de vida superior à dos homens, enfrentando momentos em que terão de tomar decisões sozinhas. Por outro lado, sustentam a definição de políticas educativas mais cuidadas para as mulheres, tendo em conta o seu desinteresse pelo tema de finanças pessoais e Matemática. Contudo, os autores referem-se às limitações do estudo decorrentes da aplicação a estudantes de Licenciatura ou Mestrado, e não a indivíduos já a exercer uma profissão, pelo que os resultados não se podem generalizar para estes casos.

Em Portugal, os resultados são consistentes entre vários autores consultados, apontando para maior nível literacia por parte dos homens (Abreu & Mendes, 2006; BP, 2011; CNSF, 2016; Henriques, 2010). Semelhantemente, mas nos EUA (considerando uma amostra de

adultos), Lusardi e Mitchell (2011) concluíram que a literacia financeira é mais baixa nas mulheres, sendo a diferença estatisticamente significativa, principalmente em questões relativas a taxas de juro e inflação. Por outro lado, as mulheres são mais conservadoras que os homens na sua autoavaliação de conhecimentos, sendo mais propensas a afirmar que não sabem responder a uma pergunta, o que as autoras consideram decorrer dos seus baixos níveis de conhecimento. Na questão sobre diversificação de risco, a percentagem de mulheres que não sabe responder atinge os 41%.

No inquérito sobre literacia financeira, dirigido aos adultos e publicado em 2016 pela OCDE, os resultados apontam para diferenças claras entre os géneros. Tendo em conta todos os países e economias do estudo, 61% dos homens atingiram o mínimo satisfatório de pontuação, comparando com 51% das mulheres, embora estas percentagens variem de acordo com os diferentes países e economias. De facto, em 19 dos 30 países e economias, existe uma diferença estatisticamente significativa entre a proporção de homens e mulheres que atingem o mínimo satisfatório de pontuação (70%) das questões, o que se confirma na regressão linear após controlar as outras variáveis: país, idade, educação (OCDE, 2016a). Quando à componente de atitude, como sejam a preocupação com o presente e a poupança para o futuro, 53% das mulheres demonstram atitudes positivas a longo prazo, em comparação com 47% dos homens.

Contrariamente aos autores até agora citados, no PISA de 2012, em 17 dos 18 países e economias abrangidos, não há diferenças significativas entre os géneros, no que respeita ao nível de literacia financeira (apenas em Itália se observam melhores resultados pelos rapazes, mas com uma diferença muito reduzida). Porém, em relação ao desempenho em matemática e em leitura, os rapazes têm melhores resultados em 11 países e economias (OCDE, 2014).

Em linha com os resultados do PISA de 2012, globalmente, Mandell (2008) conclui que o género não determina o nível de literacia financeira. No questionário de 2008 da *Jump\$tart Coalition*, constata que o desempenho dos estudantes do sexo masculino é ligeiramente melhor que o do sexo feminino (49,0% contra 47,9%). 5,8% dos homens têm pelo menos uma nota C, comparando com 3,8% das mulheres e os primeiros têm menor probabilidade

de reprovar (71,6% contra 75,4%). Todavia, nos inquéritos levados a cabo em 1997 e 2002, as mulheres apresentam melhores resultados no que respeita aos mesmos aspetos.

Tendo por base o estudo de Chen e Volpe (2002), Wagland e Taylor (2009) pretenderam estudar a influência do género no nível de literacia financeira na Austrália, sendo a sua amostra constituída por 165 estudantes da área de negócios da Universidade de Western Sydney (com distribuição equitativa entre géneros). Usando a tipologia de grupo, solicitaram aos participantes o preenchimento de um questionário, cujas secções incluem conhecimentos gerais de finanças pessoais (poupança, endividamento, seguros e investimento), conceitos e termos financeiros, capacidade para recorrer a conhecimentos e compreensão financeira na tomada de decisões e dados demográficos. O nível de conhecimentos gerais de finanças pessoais é razoável (74% de respostas certas), mas no que respeita aos conceitos e termos financeiros e à capacidade de tomar decisões, a percentagem de respostas certas é mais baixa, sendo de 53% e 60%, respetivamente. Globalmente, os resultados mostram que o género não influencia o nível de literacia financeira, o que contradiz as conclusões obtidas por Chen e Volpe (2002). De facto, algumas respostas indicam que as mulheres têm níveis mais elevados de conhecimentos financeiros do que os homens, no que concerne a questões relativas a cartões de crédito e a termos e conceitos financeiros. Enquanto contributo do seu trabalho, as autoras sugerem ter demonstrado que a definição do termo literacia financeira é importante para aferir o nível respetivo, defendendo a criação de *benchmarks*, *standards* e programas educacionais dirigidos a esta área, com benefícios para a comunidade australiana. Por outro lado, os resultados obtidos sugerem ser necessária mais investigação nesta área, com amostras mais alargadas, já que contrariam a literatura prévia. Para concluir, Wagland e Taylor (2009) reconhecem como principal limitação do seu trabalho o facto de terem abarcado apenas estudantes de uma Universidade. Em linha com estas autoras, Jorgensen e Savla (2010) encontraram evidência de que o género não tem influência sobre os conhecimentos financeiros e Altintas (2011) não encontra diferenças significativas entre o nível de conhecimentos das mulheres e dos homens, o que contraria a vasta literatura que aponta para menores conhecimentos financeiros por parte das mulheres (Al-Tamimi & Kalli, 2009;

Almenberg & S  ve-S  derbergh, 2011; Borden, Lee, Serido, & Collins, 2008; Fornero & Monticone, 2011; Lusardi & Mitchell, 2011).

Curiosamente, os resultados de Bucher-Koenen e Lusardi (2011) indicam que as mulheres tiveram uma média de respostas corretas (48%) inferior   dos homens (60%), não por terem mais respostas erradas, mas porque responderam mais vezes N/S do que os homens, o que é consistente com os resultados de Lusardi e Mitchell (2011). Por outro lado, mulheres sem parceiro ou que tomam decisões juntamente com o seu parceiro têm níveis mais baixos de literacia financeira, em relação a homens nas mesmas condições. Todavia, não há diferenças significativas entre os géneros para os indivíduos que tomam decisões autonomamente ou as delegam para o companheiro, no contexto de um casal. É interessante notar que na Alemanha de Leste não há diferença significativa entre os géneros (sendo o nível baixo para ambos), enquanto na Alemanha Ocidental a diferença entre os géneros é mais acentuada, sendo o nível de conhecimento financeiro das mulheres inferior.

3.3. INFLUÊNCIA PARENTAL

Segundo John (1999), a teoria de aprendizagem social assenta na ideia de que o contexto ambiental do indivíduo ao longo da vida molda as suas atitudes e conhecimentos, sendo a socialização financeira implícita (através de interações não específicas), mais prevalente que a explícita (propositada).

De facto, vários foram os estudos empíricos que se centraram no impacto da influência parental sobre os conhecimentos financeiros, atitudes e comportamentos dos seus filhos (Allen et al., 2007; Altintas, 2011; Clarke et al., 2005; Jorgensen & Savla, 2010). Na sua generalidade, conclui-se que os pais representam um fator importante para explicar os conhecimentos financeiros dos filhos e/ou as suas atitudes e comportamentos neste domínio.

No trabalho de Chen e Volpe (2002), cujos questionários foram dirigidos a estudantes universitários, os autores procuraram apurar as fontes de educação dos indivíduos no que se refere aos seus conhecimentos relacionados com as finanças pessoais. Quando questionados sobre a proveniência dos seus conhecimentos financeiros, 74% dos

inquiridos do género feminino e 68% do género masculino responderam que estes foram essencialmente transmitidos pelos pais, seguindo-se a aprendizagem através dos próprios erros, por leituras efetuadas, formação no Ensino Superior, por erros de outros, pelos empregadores, pela formação no Ensino Secundário e em seminários frequentados. Assim sendo, os autores concluem que a principal fonte dos conhecimentos financeiros são os pais, para ambos os géneros, sendo a percentagem de mulheres estatisticamente superior à dos homens, o que também se verifica para a aprendizagem com os próprios erros.

Clarke et al. (2005) realizaram um estudo para perceber como se aprende e transmite a literacia financeira num ambiente familiar. Para tal, examinaram o modelo e o ensino de tarefas financeiras em casa e os sentimentos dos adolescentes sobre a sua preparação, para implementar ou realizar os papéis de responsabilidade de um jovem adulto, já a viver fora de casa dos pais. Este modelo engloba a perceção e observação pelo adolescente, da frequência com que o seu pai, mãe, irmãos ou outros desempenham papéis financeiros. O ensino espelha quão profundamente este papel era veiculado aos respondentes. Assim, a implementação destas tarefas pelo jovem adulto mede-se pela frequência, qualidade e preparação com que desempenha as mesmas. Os autores salientam que a investigação prévia, sobre a influência dos pais, centra-se sobretudo na perspetiva destes, enquanto no seu trabalho o foco está na perspetiva dos filhos. O seu estudo desenvolveu-se com a aplicação de um questionário na Universidade de Brigham Young (EUA), considerando uma amostra de 256 indivíduos. De acordo com o esperado, as suas conclusões apontam para a importância do envolvimento dos pais no aumento da literacia financeira dos filhos, embora hajam aspetos a melhorar. Os pais (sexo masculino) são vistos como responsáveis pela gestão financeira em casa. Todavia, os indivíduos que responderam sentir-se mais preparados, indicam que as mães estão por detrás do modelo de literacia financeira e ensinam-lhes como desempenhar estas tarefas, na prática. A frequência do desempenho das mesmas aumenta, quando são consideradas responsabilidade de toda a família, durante o crescimento do indivíduo. As respostas obtidas não evidenciam outras fontes de aprendizagem de conhecimentos financeiros. Deste modo, os autores sublinham a importância de estimular estes ensinamentos em casa pela família, para que os jovens adultos tenham mais sucesso. Segundo os autores, é preocupante constatar que os

respondentes referem possuir ensinamentos apenas adequados, bem como estar apenas moderadamente preparados para desempenhar tarefas financeiras. Clarke et al. (2005) referem algumas limitações do estudo, sendo elas a homogeneidade dos respondentes no que concerne à constituição dos lares (ambos os pais), etnia (caucasiana), condições económicas (classe média-alta) e possibilidade / vontade de frequentar o Ensino Superior, o que pode condicionar os resultados, e respetivas conclusões. Adicionalmente, a não obtenção de dados longitudinais não permite verificar se a perceção dos inquiridos se altera com a idade e com a experiência em lidar com questões financeiras. Finalmente, as respostas resultam da perceção dos sujeitos, podendo ser condicionadas por fatores de aceitação social.

Allen et al. (2007) utilizaram a designada “imaginação de interações” (construto de diálogos prévios a conflitos, preocupações emocionais, situações desafiantes ou gestão de conflitos passados) como uma forma de lidar com problemas financeiros, entendidos como matérias familiares sensíveis. Focando-se também no público universitário, exploraram as interações imaginadas, em termos de frequência e agradabilidade, entre pais e filhos, no que concerne a dinheiro e crédito, atitudes dos jovens face aos últimos, a forma como os pais lidam com decisões financeiras e o processo de comunicação destes aspetos na família, do ponto de vista dos jovens. Como contributo do seu trabalho, os autores referem que a literatura prévia não tinha estudado a relação entre as interações imaginadas e as atitudes perante o dinheiro e o crédito. Acreditam, por exemplo, que estudantes com resultados baixos na atitude em relação ao dinheiro, sendo inadequada, imaginam interações mais frequentemente, mas de forma menos agradável. A amostra foi constituída por 1.293 alunos de várias regiões dos EUA, tendo sido aplicado um questionário. Os autores concluíram que as interações imaginadas sobre matérias financeiras estão forte e inversamente correlacionadas com a sensação de agradabilidade, o que é consistente com o seu suporte teórico, estando a sua frequência e agradabilidade relacionadas com atitudes perante o dinheiro e crédito. Neste caso, os alunos consideram que têm dinheiro suficiente para suprir as suas necessidades, que são menos obsessivos em relação ao dinheiro, procuram poupar e têm menos vontade de aumentar o número de cartões de crédito. Inversamente, as interações imaginadas sobre crédito e hábitos de consumo são mais

frequentes quando os alunos são mais obsessivos em relação do dinheiro, o percebem como uma fonte de poder e independência, e se sentem numa situação financeira inadequada, sendo mais provável adquirir mais cartões de crédito. Por outro lado, estas interações são mais agradáveis quando os pais elaboram, conjuntamente, um plano para gerir dívidas com cartão de crédito, e mais baixas quando discutem sobre este aspeto. Quando existe união entre os pais, os alunos referem maior frequência nas interações imaginadas, talvez por haver menor oportunidade para uma opinião própria por parte do filho que tem de enfrentar ambos os pais, sugerem os autores. Deste modo, Allen et al. (2007) demonstram a importância da comunicação familiar para as interações imaginadas dos jovens adultos, as quais, por sua vez, têm impacto nas suas atitudes perante o dinheiro e o crédito. Por este motivo, sustentam ser importante melhorar os conhecimentos e a capacidade de gestão financeira dos alunos, de forma a diminuir a frequência das interações imaginadas, aumentando a sua perceção de controlo, autonomia e respeito familiar.

Também Mandell (2008) tinha verificado haver melhores resultados no questionário aplicado aos estudantes, consoante a educação dos pais, tendo estes um papel importante na transmissão de conhecimentos financeiros aos filhos. Se nenhum dos pais tem pelo menos o Ensino Secundário completo, a média de respostas certas situa-se nos 44,2%, subindo para 51,8% para aqueles onde pelo menos um dos pais completou o Ensino Superior. Para além disso, apenas 1,6% dos estudantes cujos pais não completaram o Ensino Secundário têm nota C ou superior, comparando com 7,5% daqueles cujos pais têm um maior nível educativo.

Consistente com os resultados de Allen et al. (2007), Jorgensen e Savla (2010) encontraram evidência de que os ensinamentos explícitos (por instruções deliberadas, participação e prática) e implícitos (através de exemplos e observação) de pais para filhos, contribuem para definir as atitudes e comportamentos financeiros destes últimos, embora de forma mais forte no que diz respeito aos ensinamentos explícitos.

Em relação ao estudo deste fator em países em vias de desenvolvimento, Altintas (2011) levou a cabo um estudo na Turquia, tendo por base um questionário dirigido a estudantes universitários, com o objetivo de avaliar o seu nível de literacia financeira e determinar as

características que o influenciam. Para tal, solicitou o preenchimento de um questionário, em várias universidades, dividido em conhecimentos gerais de finanças pessoais; instrumentos e investimentos financeiros; motivação e importância da poupança; e gestão de carteiras. A taxa de resposta foi de cerca de 52%, já que foi enviado para 650 estudantes, e foram obtidos 337 questionários válidos. De acordo com as expectativas do autor, 77,4% dos participantes prefere discutir estas matérias com os pais, tendo concluído que este fator tem um impacto significativo no nível de literacia financeira. Altintas (2011) realça ainda que os estudantes que discutem estes assuntos com os pais têm uma compreensão melhor, particularmente na categoria motivação e importância da poupança. Por outro lado, o autor afirma ainda que os pais com maior grau educacional demonstram maior preocupação e proximidade com os filhos. De um modo geral, os resultados de Altintas (2011) estão em consonância com os obtidos por outros autores, nomeadamente por Mandell (2008) e Chen e Volpe (2002).

Chowa e Despard (2014) analisaram a influência dos familiares no comportamento financeiro de adolescentes entre os 12 e os 19 anos, de várias regiões do Gana. Aplicando questionários, obtiveram uma amostra final de 3.623 pares de indivíduos (criança e cuidador), podendo este não ser o pai ou mãe, dado que, neste país, muitas crianças crescem noutras regiões com tios ou outros parentes, para terem melhores oportunidades educativas. No seu estudo, os autores concluem que a perceção do fomento da socialização financeira, por parte da família, é um forte e consistente preditor para os comportamentos dos adolescentes.

No PISA de 2012, constata-se que um maior nível de educação dos pais está associado a maior literacia financeira, principalmente quando pelo menos um deles tem um grau pós-Secundário (OCDE, 2014). Na Colômbia, França, Rússia e Espanha, estudantes com pelo menos um dos pais com Ensino pós-Secundário têm melhores resultados também em matemática e leitura, comparando com aqueles onde tal não acontece. Por outro lado, a literacia financeira está também associada ao grau de especialização da ocupação dos pais. Quando pelo menos um deles tem uma profissão especializada, o desempenho relacionado com a literacia financeira, matemática e leitura é melhor. Nos EUA, após controlar o estatuto socioeconómico, verificou-se que os estudantes com pelo menos um dos pais a

trabalhar no setor financeiro têm uma diferença positiva no nível de literacia financeira, face aos restantes. Assim, as características da família têm um impacto considerável na literacia financeira dos alunos (OCDE, 2014). Por outro lado, em vários países e economias, a discussão semanal ou mensal sobre matérias como gastos, poupança, serviços bancários e investimento está associada a um maior nível de literacia financeira, do que não discutir estas temáticas, ou fazê-lo quase diariamente, o que, segundo a OCDE (2014), sugere que alunos com pior desempenho procuram maior aconselhamento.

Frączek e Klimontowicz (2015) defendem a ideia de que a educação financeira, promovida principalmente pela família, pode mudar maus hábitos: *only educated young parents can show their children a correct attitude to family's finance and an appropriate way of making financial decisions* (p. 77).

Em relação ao efeito da influência parental sobre os conhecimentos financeiros dos filhos, Jorgensen e Savla (2010) obtiveram resultados diferentes dos até aqui referidos, pois concluíram que este não é significativo, já que os filhos não percecionam que os pais exerçam influência sobre os seus conhecimentos financeiros. Os autores abordaram 420 estudantes universitários americanos, focando-se na perceção da influência dos pais sobre a educação financeira (conhecimentos, atitudes e comportamentos). A perceção da influência dos pais resulta do construto de duas ideias principais: a quantidade de aprendizagem financeira e a frequência desta. Os resultados mostraram que o nível médio de conhecimentos financeiros dos indivíduos constantes da amostra é baixo (57,6%). Não obstante, 67% dos estudantes esperavam adquiri-los a partir dos pais. Por outro lado, a influência parental apresenta uma relação direta e moderadamente significativa, no que consta às atitudes financeiras, e indireta e moderadamente significativa no comportamento financeiro (mediado pelas atitudes). Assim, quanto às atitudes e comportamentos, os resultados estão de acordo com o quadro teórico que apresentam, tendo confirmado os resultados de Clarke et al. (2005) e John (1999), entre outros.

Mais recentemente, foram levados a cabo estudos longitudinais para avaliar a influência parental no nível de literacia financeira dos filhos.

Com o objetivo de desenvolver um modelo de socialização para o desenvolvimento de competências financeiras favoráveis, Shim, Serido, Tang, e Card (2015) aplicaram um questionário a cerca de 1.500 estudantes universitários, com idades entre os 18 e os 21 anos, no primeiro momento, e entre os 20 e 24 anos, no segundo momento. Após controlar o género, etnia, estatuto socioeconómico e acontecimentos financeiros negativos, os autores encontraram uma forte relação entre o desenvolvimento de atitudes positivas, controlo e eficácia financeira, e a perceção de socialização parental, sendo os pais o principal agente de socialização neste campo. A seguir aos pais, os autores concluíram que a educação financeira formal e informal são o meio mais relevante para o desenvolvimento de comportamentos financeiros positivos e para a atribuição de importância nesta temática, por parte dos jovens adultos.

Tang, Baker, e Peter (2015) encontraram evidência de uma fraca associação entre os conhecimentos financeiros e o comportamento de jovens, analisando os resultados de 2.712 respondentes de um estudo longitudinal americano, realizado em 1997. Todavia, verificaram uma relação positiva entre a influência dos pais, a autodisciplina e os comportamentos financeiros responsáveis, em linha com Shim et al. (2015). Curiosamente, os seus resultados indicam que os conhecimentos financeiros e a influência dos pais melhoram mais os comportamentos financeiros das mulheres do que dos homens, defendendo programas de educação adaptados ao género e que tenham em conta fatores psicológicos e sociais, de modo a aumentar a sua eficiência.

3.4. CONDIÇÃO SOCIOECONÓMICA

Vários estudos procuraram relacionar a condição socioeconómica dos indivíduos (nível de rendimentos, educação e experiência), com a literacia financeira, atitudes e comportamentos, tendo, em geral, verificado maior nível de literacia em ambientes com maior rendimento disponível (Almenberg & Säve-Söderbergh, 2011; Atkinson, McKay, Collard, & Kempson, 2007; Bucher-Koenen & Lusardi, 2011; Fornero & Monticone, 2011; Mandell, 2008; Xiao, Sorhaindo, & Garman, 2006) e uma relação positiva entre a experiência e/ou educação e a literacia financeira (Almenberg & Säve-Söderbergh, 2011; Bucher-Koenen & Lusardi, 2011; Chen & Volpe, 1998, 2002; Fornero & Monticone, 2011; Lusardi & Mitchell, 2011).

De seguida apresentam-se trabalhos onde se explora a relação entre o nível de literacia financeira e o rendimento disponível dos indivíduos e, posteriormente, entre o nível referido e a educação e experiência respetiva.

3.4.1. RENDIMENTO

A relação entre o nível de iliteracia e a escassez de rendimentos é um fenómeno há muito referenciado, na população menos qualificada, com menos acesso à educação e mais excluída da informação, fontes de conhecimento e oportunidades (Kefela, 2011). Segundo este autor, os indivíduos financeiramente não literados de países em desenvolvimento partilham atributos com aqueles que apresentam elevados níveis de iliteracia: são na sua maioria detentores de menos recursos financeiros, marginalizados e do sexo feminino.

Os resultados do PISA de 2012 confirmam a relação da generalidade dos estudos: um aluno inserido num ambiente socioeconómico mais favorável, apresenta melhores resultados. Em Shanghai, a riqueza familiar está associada de modo mais forte à literacia financeira que à capacidade matemática ou de leitura do aluno. Em Israel, Nova Zelândia e Espanha, a riqueza familiar está associada de modo mais forte à literacia financeira que à capacidade de leitura (OCDE, 2014). Em média, filhos de não emigrantes têm desempenhos ligeiramente melhores que filhos de emigrantes, com semelhante estatuto socioeconómico, língua materna e desempenho em matemática e leitura (OCDE, 2014). Todavia, na maioria dos países e economias, a variação no desempenho dos alunos entre escolas é superior à variação dos fatores socioeconómicos que influenciam o mesmo, e dentro da mesma escola, há maior variação socioeconómica que de desempenho. Segundo a OCDE (2014), a variação dentro da mesma escola reflete diferenças no sucesso escolar, enquanto entre escolas indica diferenças na preparação dos alunos, nos mecanismos de seleção escolar e nas políticas e práticas escolares. Não obstante, entre escolas verifica-se que a literacia financeira varia cerca de 37% (neste prisma as capacidades de matemática e leitura variam mais) e dentro da mesma escola 61%.

Em consonância com a generalidade dos autores, Mandell (2008) observou que jovens estudantes, em agregados com maiores rendimentos, tendem a apresentar melhores resultados no que concerne aos conhecimentos financeiros. Esta relação aumenta ao longo

dos anos em que se levaram a cabo os inquéritos, embora nos dois primeiros anos, os resultados evidenciem que os alunos do segundo escalão de rendimento apresentam melhores resultados que os do primeiro escalão (definidos por ordem decrescente de rendimento). O autor relaciona este facto com a adoção de medidas para combater o problema da iliteracia financeira detetado nos primeiros estudos, por escolas privadas, as quais apresentam inscrições mais onerosas, sendo frequentadas por indivíduos provenientes de famílias com maiores rendimentos. Esta tendência preocupa o autor, pois aumenta o fosso entre os mais ricos e mais pobres, no que concerne ao bem-estar financeiro, o qual é uma conjugação entre os recursos disponíveis e a literacia financeira. Esta relação também se verifica para os estudantes que vivem em casa própria ou arrendada, já que os primeiros apresentam um nível de literacia superior.

Do mesmo modo, Jorgensen e Savla (2010) encontraram evidência de uma relação significativa entre o rendimento dos pais e a perceção da sua influência, e a literacia financeira dos alunos universitários: quão maior o rendimento, maior a influência relatada pelos filhos e mais positivas as atitudes e comportamentos destes. Este incremento do nível de literacia pode prender-se com mais oportunidades de interação diversificadas entre pais e filhos, quando o rendimento é maior.

Tendo por base uma amostra de adultos, Xiao et al. (2006) estudaram indivíduos potencialmente carenciados, procurando analisar os comportamentos de consumidores americanos que recorrem aos serviços de aconselhamento de crédito, a partir de uma amostra de 3.121 inquiridos. Os seus resultados realçam que, no aspeto comportamental das finanças pessoais, os consumidores seguem um padrão hierárquico, priorizando o pagamento de dívidas e gerindo gastos, antes de se concentrarem em poupar. Indivíduos com maior rendimento familiar (e menor carga de endividamento) registam mais comportamentos financeiros e menor nível de *stress* financeiro. Os mais velhos estão mais frequentemente empregados, reportam ter uma reforma mais segura, melhor relação familiar, melhor autoavaliação de comportamentos financeiros e maior probabilidade de reportar comportamentos financeiros positivos.

Em Portugal, os resultados dos inquéritos dirigidos a adultos administrados pelo BP (2011) e CNSF (2016) são semelhantes: o nível de literacia financeira é maior em indivíduos com

maior rendimento, empregados, e que gerem autonomamente ou com o cônjuge o orçamento familiar, contribuindo com igual ou maior percentagem para o rendimento disponível.

Nesta linha de ideias, Buckland (2010) defende que a literacia financeira varia consoante o grupo socioeconómico, pois a aprendizagem em adultos relaciona-se com o contexto em que se inserem, tendo em conta as suas carências financeiras. O autor abordou adultos com baixos rendimentos de três cidades do interior do Canadá, através de questionários e entrevistas. Ao contrário da corrente geral, os resultados demonstram que estes indivíduos apresentam literacia financeira adequada, pois tiveram que aprender a gerir orçamentos rigorosos, a aumentar o seu rendimento disponível por várias formas, a limitar o seu nível de crédito e a informar-se sobre programas governamentais e serviços bancários.

Já Atkinson et al. (2007) realizaram um estudo com a finalidade de estudar a capacidade financeira, conceito que consideram mais apropriado que a literacia financeira em si, como forma de perceber se os indivíduos estão preparados para lidar com estes problemas em situações difíceis, como o desemprego ou a idade de reforma. Através de um questionário aplicado a mais de 5.000 adultos do Reino Unido, de 2006 a 2007, abordaram os domínios de gestão do dinheiro, planeamento, seleção de produtos e informação ao longo da vida. No que consta a controlar as suas finanças, quando o orçamento é mais apertado, havendo menor rendimento disponível, o indivíduo demonstra maior capacidade financeira, o que contraria a corrente geral, mas vai ao encontro das conclusões de Buckland (2010). Porém, globalmente, os indivíduos com menores rendimentos têm piores resultados nos vários domínios abordados da capacidade financeira. Um aspeto interessante apontado pelos autores é que, no grupo de indivíduos com rendimentos mais elevados, estes aparentam viver “acima das possibilidades”, pois não atingem os objetivos pretendidos, apesar do rendimento disponível e de recorrerem a técnicas de planeamento financeiro. Nesta faixa, detêm mais produtos financeiros, mas são piores no controlo das finanças pessoais. Dos 74% inquiridos que adquiriram produtos financeiros nos últimos 5 anos, aqueles com menos de 30 anos e mais de 70 apresentaram piores resultados, um aspeto influenciado também pela área de residência e experiência.

3.4.2. EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Na análise do PISA de 2012, sendo a detenção de conta bancária pelos estudantes muito variável (há países onde mais de 70% são titulares de uma conta, como na Austrália, comunidade flamenca da Bélgica, Estónia, França, Nova Zelândia e Eslovénia e outros onde menos de 30% o são, como em Israel, Polónia e Eslováquia), verifica-se que, após controlar o estatuto socioeconómico, os jovens titulares de conta bancária têm melhor desempenho financeiro que os restantes, na comunidade flamenca da Bélgica, Estónia, Nova Zelândia e Eslovénia. Mais de 80% dos alunos, em 16 países e economias, recebem dinheiro como presente, sendo que estes têm maior nível de literacia financeira que os restantes (mais 26 pontos em média), para o mesmo estatuto socioeconómico (OCDE, 2014).

Chen e Volpe (2002) encontraram uma relação significativa entre a educação e experiência, e a literacia financeira, para ambos os géneros. No que consta à educação, alunos universitários da área de negócios têm mais conhecimentos em finanças pessoais que os estudantes de outras áreas. A relação com a área de estudo é tida como natural pelos autores, devido à aprendizagem de conceitos relacionados. Os que têm mais anos de estudo, apresentam também maior nível de conhecimentos financeiros, considerando os autores que tal deriva da frequência de cursos próprios em finanças, seminários, experiência própria ou observação de exemplos alheios, e não por simplesmente estarem num ano mais avançado. De facto, aplicam a mesma linha de pensamento para o caso de indivíduos mais velhos e com mais experiência de trabalho, também com melhores resultados no inquérito. Em linha com estes autores, Jorgensen e Savla (2010) verificam que o ano de escolaridade tem um efeito forte e direto nos conhecimentos dos alunos e uma influência indireta nas atitudes e comportamentos. Estes fatores têm um aumento incremental, desde o primeiro ano até aos finalistas, o que sugere que os estudantes adquirem maiores níveis de literacia financeira ao longo do tempo, o que se pode dever, segundo os autores, a educação e a experiências entretanto vividas. Por outro lado, alunos de anos mais avançados podem ter maior motivação para estas aprendizagens pelo confronto com maior número de decisões financeiras e maior autonomia financeira (Jorgensen & Savla, 2010).

Administrando um questionário a 1.039 ex-alunos de uma Universidade dos EUA, também Peng, Bartholomae, Fox, e Cravener (2007) constataram que a educação financeira se relacionava com o grau de ensino detido, sendo que os indivíduos adquiriam mais conhecimentos em relação a investimentos financeiros, em cursos específicos administrados no Ensino Superior, quando comparados com os frequentados no Ensino Secundário.

Na Alemanha, Bucher-Koenen e Lusardi (2011) observam que indivíduos que não exercem uma profissão (estudantes, desempregados, domésticos e reformados) têm conhecimentos significativamente inferiores aos empregados, quer por conta doutrem quer por conta própria (apenas 45% dos primeiros acertam às três questões, contra 62% e 67% dos segundos, respetivamente). Os autores encontraram uma alta correlação entre a educação e a literacia financeira, onde apenas 22% dos respondentes com grau de educação mínima respondem corretamente às 3 questões; comparando com mais de metade dos que completaram o Ensino Secundário; e mais de 70% daqueles com Ensino Superior. Contudo, a relação não é linear, com diferenças consoante o trajeto frequentado (se do tipo geral, ocupacional, vocacional, etc). Tendo por base um estudo elaborado na Suécia, Almenberg e Säve-Söderbergh (2011) demonstram que o nível de literacia financeira é mais baixo entre as mulheres, os idosos, os indivíduos com baixos rendimentos e com menores níveis de instrução. Consistentemente com estes autores, Fornero e Monticone (2011) analisaram os dados do questionário sobre o rendimento e riqueza domésticos, aplicado pelo Banco de Itália, concluindo que os indivíduos do sexo masculino, mais escolarizados e os residentes na região Centro-Norte possuem maior nível de literacia financeira. Todavia, a maioria não possui conhecimentos básicos, como no que consta a taxas de juro e inflação.

Em Portugal, foi publicado em 1996 o Estudo Nacional de Literacia, obra impulsionada pela ausência de estudos prévios, sobre as competências de leitura, escrita e cálculo, da população adulta portuguesa (entendida entre os 15 e os 64 anos). Perante os fracos níveis de escolaridade da altura, eram esperados baixos níveis de literacia. Foram realizados questionários por entrevistas diretas e trabalhos de monografia, a uma amostra representativa dos cidadãos adultos residentes em Portugal, constituída por 2.449

indivíduos. Em termos globais, o nível de literacia é baixo ou muito baixo para a maioria dos inquiridos, havendo bastante dificuldade no uso diário da informação escrita, para cerca de metade dos inquiridos, e muito poucos casos situados nos níveis superiores de literacia. Quanto maior a escolaridade, maior o nível de literacia, embora este não seja uniforme para todos os inquiridos no mesmo grau de ensino. Por outro lado, verificam-se menores competências nos idosos e nas mulheres, aqui relacionadas, em parte, com uma escolaridade mais baixa. Os setores profissionais ligados a profissões mais especializadas são aqueles onde se verificam maiores níveis de literacia, sendo estes também superiores nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo e ambientes urbanos, e mais baixos no Centro, Alentejo, e nas zonas rurais. Os indivíduos com origens em classes sociais mais elevadas e cujo grau de ensino dos pais é também superior, desenvolvem, em geral, maiores competências de leitura, escrita e cálculo e maior nível de literacia (Benavente, Rosa, Costa, & Ávila, 1996).

No trabalho de Abreu e Mendes (2006), procura-se entender os fatores que determinam o nível de literacia financeira dos investidores individuais portugueses, bem como analisar a relação entre conhecimento e comportamento dos agentes. Após uma série de entrevistas diretas efetuadas em 2000, foram selecionados e questionados 1.268 investidores, responsáveis pelas decisões de investimento do agregado familiar, residentes em Portugal Continental e nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, com idade superior a 18 anos e pelo menos uma conta bancária, sendo excluídos funcionários da CMVM, Bolsa de Valores de Lisboa e Porto e Interbolsa. Os resultados evidenciam que o nível geral de cultura financeira por parte dos investidores individuais portugueses é baixo, onde dois terços têm conhecimentos específicos insuficientes, facto consistente com os resultados de Benavente et al. (1996). Segundo Abreu e Mendes (2006), os investidores com melhor resultado são do sexo masculino, casados, com cerca de 44 anos, formação superior, residentes no Litoral ou Grande Porto e com profissões liberais. Para além disso, o grau de habilitações literárias, nível de informação específica, bem como as fontes utilizadas têm importância nas decisões financeiras individuais e na diversificação de carteiras. Desta forma, os autores ressaltam os benefícios de promover a divulgação da informação financeira, por parte de entidades reguladoras e organizações privadas. Para além disso, é

ainda importante desenvolver programas de educação financeira para investidores (atuais e potenciais) que tenham em conta as suas condicionantes socioeconómicas, ou seja, se adaptem ao público alvo (Abreu & Mendes, 2006).

Também em Portugal, os resultados dos inquéritos dirigidos a adultos administrados pelo BP (2011) e CNSF (2016) são semelhantes: o nível de literacia financeira é maior em indivíduos com maior grau de escolaridade, hábitos de poupança e com experiência em lidar com produtos financeiros (detentores de pelo menos uma conta bancária, depósitos a prazo ou planos de poupança, seguros e produtos de investimento, crédito à habitação, cartão de crédito e/ou outros créditos ao consumo e que conhecem o sistema de *homebanking*). Estes resultados estão em consonância com os de Henriques (2010), que também conclui que têm menor nível de literacia financeira indivíduos menos qualificados, desempregados, com menores rendimentos e aqueles que conhecem uma menor variedade de produtos financeiros, de diferentes complexidades.

Também em linha com estas conclusões, mas nos EUA, Lusardi e Mitchell (2011) encontraram diferenças no nível de literacia financeira de acordo com o estado de emprego: os desempregados têm desempenhos significativamente piores nas três questões que os empregados (quer trabalhem por conta doutrem como por conta própria). Por outro lado, os desempregados respondem com maior frequência N/S. De notar que os reformados têm maior probabilidade de responder corretamente à questão da inflação, talvez por maior familiaridade com o termo, segundo as autoras. Estas concluíram que a literacia financeira é menor em níveis educacionais mais baixos. Os mais iliterados financeiramente são os indivíduos que não completaram o Ensino Secundário, onde apenas metade acerta na questão da taxa de juro e 25% não sabe responder. A prevalência de respostas corretas à questão de taxa de juro aumenta com o nível educacional, enquanto a proporção de respostas erradas e N/S baixa. A questão sobre inflação segue o mesmo padrão. Quanto à diversificação de risco, esta é claramente mais difícil em níveis de escolaridade mais baixos, dado que apenas indivíduos com um título do Ensino Superior respondem acertadamente. Ainda nos EUA, Lyons, Chang, e Scherpf (2006) analisaram dados recolhidos entre 1998 e 2002 de um programa de educação financeira (*All My*

Money), verificando que, embora esta influencie o comportamento financeiro de adultos (entre 24 e 55 anos), a experiência financeira tem um peso maior.

Analisando os conhecimentos financeiros em 18 países, Mitchell e Lusardi (2015) colocaram questões relacionadas com juros compostos, inflação e diversificação de risco, por forma a verificar se os indivíduos estão preparados para a tomada de decisões financeiras. Todavia, concluíram que o nível de literacia financeira é, em geral, baixo, mesmo em países com mercados financeiros desenvolvidos, como os EUA, Alemanha, Holanda, Suíça, Suécia, Japão, Itália, França, Austrália e Nova Zelândia, sendo especialmente inferior para grupos como as mulheres e os indivíduos com baixos níveis de instrução.

Contrariamente às conclusões apontadas até aqui, no que consta a formação específica, mas consistente com os resultados de Altintas (2011), Mandell (2008) não encontrou evidência de melhor literacia financeira em adolescentes que tinham frequentado disciplinas de Finanças, Economia e áreas afins, em relação a quem não as tinha frequentado. O conjunto de alunos com educação formal na área financeira era de 21,4%, e a média de respostas corretas de 47,5%, inferior à média geral de 48,3%. Apenas no ano de 2004 é que estudantes com formação prévia em Finanças apresentaram resultados superiores. Um aspeto curioso é que, quando inquiridos sobre quando é que frequentaram o curso em Finanças, de carácter semestral, metade dos alunos fê-lo quando já eram finalistas, mas tiveram piores resultados do que quem o fez nos primeiros anos. Segundo o autor, este resultado indicia que estas matérias são melhor aprendidas em idades mais precoces, contrariando a noção de que tal acontece em períodos de maior relevância para o indivíduo, como apontado por Jorgensen e Savla (2010). Todavia, desde o questionário aplicado em 2000, o facto de os inquiridos terem participado num jogo relacionado com o mercado de ações está associado a níveis de literacia financeira muito superiores, ao passo que a formação específica na área não aparenta conduzir a melhores resultados. Segundo o autor, tal facto pode estar associado a melhores alunos serem seleccionados para efetuar este jogo, sendo afastados da formação específica. Daqueles que pretendem frequentar um curso no Ensino Superior, os que tiveram formação específica têm resultados ligeiramente inferiores aos restantes, mas quem participou no jogo do mercado acionista

teve resultados significativamente superiores. Este padrão é semelhante para a generalidade dos grupos étnicos e para alunos universitários com melhor nota de entrada (mas para estes a formação específica não conduz a diferenças significativas). Assim, o autor conclui que, apesar de pequenas diferenças demográficas entre quem teve formação na área e quem participou no jogo, a primeira condição não conduz a um nível de literacia superior, mas a segunda sim.

Por outro lado, quanto à influência da experiência na literacia financeira, as conclusões de Mandell (2008) também não estão de acordo com a ideia geral: em todos os anos, os resultados apontam para pouca ou nenhuma relação entre ambas. Isto é verdade para a experiência quanto ao uso de cartão de crédito, pagamento de seguros de uma viatura própria e detenção de ações ou obrigações. Em relação ao uso de cartão de débito para compras e levantamentos, experiência profissional e titularidade de conta bancária, indivíduos que se enquadram nestas situações tendem a ser mais literados financeiramente.

3.5. AUTOCONFIANÇA

A autoconfiança demonstrada pelos inquiridos, em que estes afirmam possuir um nível de conhecimentos superior àquele verificado nas respostas efetivas, é um aspeto interessante e presente em diversos estudos, que pode estar de acordo com o fenómeno de excesso de confiança (De Bondt, 1998; Shefrin, 2001), defendido e estudado pela corrente das finanças comportamentais.

Tal como outros investigadores, Chen e Volpe (2002) encontraram casos de excesso de confiança nos jovens universitários, salientando as diferenças entre homens e mulheres: dos primeiros, apenas 4% diz não possuir quaisquer conhecimentos de determinado assunto, ao passo que, nas mulheres, a percentagem atinge os 16%. Por contrapartida, 60% dos homens afirmam saber bastante ou razoavelmente sobre finanças pessoais, enquanto apenas 40% das mulheres respondem saber razoavelmente. De facto, perante o fraco desempenho geral no teste (média de respostas certas de 50%), os respondentes mostram ter consciência de deter poucos conhecimentos, especialmente as mulheres, com pior desempenho.

No estudo de Lusardi e Mitchell (2011), as autoras retiram várias conclusões sobre a autoconfiança dos indivíduos. Embora, em geral, os resultados sejam fracos para todos os conceitos questionados, os indivíduos consideram que têm bons conhecimentos: 38% pensam situar-se no escalão mais elevado de conhecimentos e quase 70% posicionam-se acima da média. Analisando este aspeto por grupos, os jovens estão cientes dos poucos conhecimentos detidos, ao passo que os mais velhos demonstram o oposto, sendo demasiado confiantes, mas revelando, efetivamente, baixos conhecimentos. As mulheres são mais conservadoras, em linha com as conclusões de Chen e Volpe (2002), tal como aqueles com menor nível de educação. Em geral, embora a autoavaliação e os conhecimentos reais apresentem uma correlação positiva, a relação é fraca: de facto, poucos inquiridos se autoclassificam como apresentando baixos conhecimentos financeiros, embora não sejam capazes de acertar em questões conceptuais básicas.

Nos estudos realizados em Portugal, os inquiridos têm, em geral, uma autoavaliação realista em relação às suas capacidades de leitura, escrita, cálculo (Benavente et al., 1996) e conhecimentos (Henriques, 2010), onde grande parte deseja melhorar estes aspetos, através de formação, considerando importante a atuação do Estado, das Instituições Financeiras e das Escolas (Henriques, 2010). Contudo, no inquérito sobre literacia financeira direcionado para adultos, aplicado pelo CNSF (2016), verifica-se uma sobreavaliação de conhecimentos por parte dos inquiridos.

Segundo a OCDE (2016a), no relatório sobre a literacia financeira de adultos, os indivíduos têm uma noção surpreendentemente realista dos seus conhecimentos financeiros: na maioria dos países, aqueles que se classificam com um nível superior à média têm melhores resultados que a média do seu país, demonstrando autoconfiança ajustada. Todavia, no Brasil, Polónia, África do Sul e Tailândia isto não acontece, havendo excesso de confiança. Este fenómeno é preocupante, dado que os indivíduos podem crer ser capazes de tomar decisões sem ajuda, quando na realidade não estão preparados para tal (OCDE, 2016a).

3.6. ETNIA

No inquérito dirigido a finalistas do Ensino Secundário, Mandell (2008) realça a etnia como variável demográfica relacionada com diferenças no desempenho dos alunos. Os Brancos

têm os melhores resultados (média de respostas certas de 52,5%), seguidos dos Asiáticos (47,2%), Afroamericanos (41,3%) e, com pior desempenho, os Índios (37,7%). Contudo, o autor salienta que em nenhum grupo étnico, incluindo Brancos, houve mais de um terço de alunos aprovados, pelo que o problema da iliteracia financeira é nacional e não estritamente étnico ou racial.

Num estudo aplicado a uma amostra de adultos, Lusardi e Mitchell (2011) concluem que, no que consta a conceitos financeiros, os Hispânicos e Afroamericanos têm piores resultados que os Brancos e Asiáticos. Concretamente, dos Hispânicos, apenas 56% respondem corretamente à questão da taxa de juro e 42% à da inflação, sendo nesta o grupo com piores resultados, seguido dos Afroamericanos (56%). Estes dois grupos são os que apresentam mais falhas também no que consta à diversificação de risco, onde respondem bem apenas 38% dos Hispânicos e 42% dos Afroamericanos, enquanto muitos afirmam não saber responder. Relativamente à autoconfiança por grupos étnicos, as autoras observam que os Brancos são os que se classificam de modo mais alto, o que está de acordo com os melhores resultados obtidos por este grupo.

3.7. PLANEAMENTO DA REFORMA

Tem vindo a aumentar o número de estudos onde se procura perceber se indivíduos com maior nível de literacia financeira tendem a constituir planos de poupança para a reforma, como forma de antecipação de necessidades futuras, sendo que, na generalidade, as conclusões apontam nesse sentido (Bucher-Koenen & Lusardi, 2011; Fornero & Monticone, 2011; Lusardi & Mitchell, 2011; Van Rooij, Lusardi, & Alessie, 2011).

Com foco no papel da formação específica em jovens, Power, Hobbs, e Ober (2011) levaram a cabo um questionário dirigido a alunos finalistas de uma Universidade americana. Este estudo pretendia avaliar até que ponto a frequência de um curso semestral em Gestão de Riscos e Seguros melhorava a perceção de estudantes da área de negócios, no que consta à sua familiaridade, motivação e preparação para o planeamento para a reforma. Assim, o inquérito foi administrado antes e após o curso, a um grupo que o frequentou, bem como a um grupo de controlo. Embora a perceção dos alunos de negócios e dos restantes, no que consta à sua preparação para planear para a reforma seja baixa, os primeiros

consideram que a mesma melhora bastante após a frequência do curso, sendo que os seus conhecimentos financeiros são, por si só, superiores aos dos alunos de outras áreas. Assim, os autores consideram importante aumentar o ensino universitário de matérias financeiras, transversalmente aos diferentes cursos. Por outro lado, devido à formação frequentada durante o curso e aos trabalhos académicos realizados sobre gestão de risco ao longo do ciclo de vida, os finalistas pensam estar melhor preparados para tomar decisões financeiras (Power et al., 2011). Por último, os autores verificaram que as mulheres estão significativamente menos familiarizadas com questões como a acumulação de riqueza ao longo da vida, planos de pensões e várias opções de investimento.

Van Rooij et al. (2011) adaptaram um inquérito já administrado pelo Banco da Holanda, de forma a examinar mais extensivamente a literacia financeira, com recolha de informação sobre os conhecimentos financeiros, autoconfiança, formação escolar específica e planeamento para a reforma. Várias informações contextuais dos indivíduos já estavam disponíveis, como características psicológicas e económicas. As suas principais conclusões indicam que a maioria dos inquiridos não domina conceitos financeiros básicos, registando-se maiores debilidades nas mulheres e indivíduos com menor nível educacional. Os autores destacam ainda que, quanto maior o nível de literacia financeira, maior a propensão para os indivíduos planearem a sua reforma, após controlo das variáveis socioeconómicas. Para além disso, estabeleceram uma relação de causalidade, onde é a literacia financeira que afeta o planeamento da reforma e não ao contrário. Assim, destacam a importância de estabelecer políticas, como programas de educação financeira, para fortalecer grupos com maiores carências de conhecimentos.

Por seu turno, com o objetivo de perceber porque é que famílias semelhantes acumulam diferentes níveis de riqueza e qual a sua propensão para planejar, Ameriks, Caplin, e Leahy, (2003) aplicaram dois questionários, dirigidos a indivíduos de cerca de 500 lares americanos, com idade inferior a 65 anos. Os autores encontraram evidência de uma forte relação entre a tendência para planejar e comportamentos de orçamentação, autocontrolando os gastos, o que permite aos indivíduos acumular mais riqueza. Os seus resultados são consistentes com a evidência psicológica dos benefícios do planeamento e

prossecução de objetivos, apontando para diferenças nas atitudes e aptidões para planejar, como fatores significativos.

Em Itália, Fornero e Monticone (2011) constataram que a literacia financeira tem um impacto positivo e significativo na probabilidade do indivíduo efetuar planos de reforma, em linha com os resultados obtidos por Bucher-Koenen e Lusardi (2011), na Alemanha, e Lusardi e Mitchell (2011), nos EUA.

Todavia, na Suécia, Almenberg e Säve-Söderbergh (2011) não encontraram uma associação entre a literacia financeira e o planeamento, quando controladas as variáveis demográficas, mas alargando as medidas de avaliação, a relação é positiva e significativa. Os autores relacionam estes resultados com o sistema de pensões sueco, onde os cidadãos vão recebendo informação periódica em casa, através do envio de uma carta, com o histórico contributivo e projeções de futuras pensões de reforma (sendo ainda possível efetuar simulações *online* personalizadas, com códigos de acesso remetidos nessa mesma carta).

No inquérito à literacia financeira em adultos publicado em 2016 pela OCDE, foram incluídas questões acerca do planeamento para necessidades futuras e para a reforma. Nos resultados, constata-se que, após controlar as restantes variáveis, o nível de literacia financeira é um preditor significativo para o planeamento financeiro e a confiança na reforma. A faixa etária que efetua mais este tipo de planeamento situa-se entre os 30 e os 39 anos. O género não é um preditor significativo do planeamento, ao contrário do grau educacional. Os indivíduos mais confiantes na reforma têm entre 50 e 79 anos, são do sexo masculino e têm maior nível educacional (OCDE, 2016a).

No Quadro 1 encontra-se um resumo dos trabalhos consultados, cujas conclusões mais contribuíram para o estudo desenvolvido.

Quadro 1 – Principais estudos e conclusões.

Género	OCDE (2016a) BP (2011) Chen e Volpe (2002) Lusardi e Mitchell (2011)	As mulheres têm menor nível de literacia financeira.
	OCDE (2014) Jorgensen e Savla (2010) Mandell (2008) Wagland e Taylor (2009)	O género não influencia o nível de literacia financeira.
Nível escolar	Mandell (2008) Bačová et al. (2013) Chen e Volpe (2002) Fornero e Monticone (2011) CNSF (2016)	O nível de literacia financeira de estudantes ou adultos é maior com grau de escolaridade mais alto.
Rendimento	Beal e Delpachitra (2003) BP (2011) Mandell (2008)	Maior rendimento disponível associado a níveis mais elevados de literacia financeira.
	Atkinson et al. (2007) Buckland (2010)	Quanto ao controlo orçamental, menor rendimento disponível conduz a maior capacidade financeira. Indivíduos com baixos rendimentos apresentam literacia financeira adequada.
Nível educativo dos pais	Mandell (2008) OCDE (2014)	Estudantes com melhores resultados perante maior grau educativo dos pais.

(Continua)

Quadro 1 – Principais estudos e conclusões (continuação).

Ambição escolar, profissional e remuneratória	Mandell (2008)	Maior nível de literacia financeira para maior ambição escolar e profissional e expectativa salarial inicial.
Fonte de conhecimentos / influência parental	Clarke et al. (2005) Altintas (2011) Chen e Volpe (2002)	Maior envolvimento dos pais aumenta a literacia financeira dos filhos. País com impacto significativo no nível de literacia financeira dos filhos. A principal fonte dos conhecimentos financeiros são os pais.
	Jorgensen e Savla (2010)	Influência parental não significativa sobre os conhecimentos financeiros, mas importante para definir atitudes e comportamentos.
Área de formação / formação específica	Shim et al. (2015)	Educação financeira formal e informal como meio mais relevante no comportamento desenvolvido.
	Bačová et al. (2013) Beal e Delpachitra (2003) Chen e Volpe (2002)	Alunos com formação na área apresentam níveis mais elevados de literacia financeira.
	Altintas (2011) Lyons et al. (2006) Mandell (2008) Peng et al. (2007)	Área de formação sem influência no desempenho financeiro. Programa de educação financeira com menor peso que a experiência financeira no comportamento. Sem evidência de melhor desempenho em adolescentes com disciplinas da área financeira. Maior importância de cursos específicos no Ensino Superior, do que no Ensino Secundário.
	OCDE (2014)	Jovens titulares de conta bancária têm melhor desempenho financeiro que os restantes.
	BP (2011) CNSF (2016) Mandell (2008)	Literacia financeira associada à experiência em lidar com produtos bancários, como conta bancária, depósitos a prazo ou cartão de crédito. Pouca ou nenhuma relação entre literacia financeira e uso de cartão de crédito. Relação entre literacia financeira, uso de cartão de débito e titularidade de conta bancária.
Experiência profissional	Beal e Delpachitra (2003) Mandell (2008)	Alunos com maior experiência profissional apresentam níveis mais elevados de literacia financeira.

Fonte: Elaboração própria.

De seguida, explicam-se o instrumento e metodologia utilizados neste trabalho, bem como o tratamento de dados subsequente.

4. FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES E METODOLOGIA

Tal como exposto anteriormente, a detenção adequada de conhecimentos, atitudes e comportamentos financeiros pelos jovens é importante, pois futuramente estes cidadãos serão adultos com autonomia para a tomada de decisões nesta área. Bons conhecimentos financeiros permitir-lhes-ão gerir os seus rendimentos, promovendo o equilíbrio da economia do país, em geral, e o seu bem-estar em particular, pelo que a literacia financeira é um instrumento importante para o exercício de uma efetiva cidadania. Este trabalho representa um contributo nesta área, perante a escassez de estudos realizados sobre a população jovem: em Portugal, a grande maioria incide sobre a população adulta.

Pretendeu-se, assim, realizar um estudo quantitativo em relação aos conhecimentos financeiros de alunos do Ensino Secundário, tendo como principal objetivo determinar o nível de literacia financeira e os seus fatores de influência. Neste contexto, as questões de investigação são as seguintes:

- 1) Qual o nível de literacia financeira presente?
- 2) Que fatores influenciam o nível de literacia encontrado?
- 3) É possível discriminar, em cada fator, que classes apresentam uma relação linear com o nível de literacia financeira?

Para responder à primeira questão, obteve-se o nível de literacia financeira pela média global de respostas certas. De facto, diversos autores estudaram este tema entre os adolescentes e jovens adultos, onde na sua maioria se conclui que os jovens apresentam baixos níveis de literacia financeira. Assim, espera-se que o nível encontrado seja baixo.

Por outro lado, procuram-se os fatores de influência da literacia financeira, ou seja, a existência de uma relação significativa com o nível de literacia apurado, respondendo à segunda questão.

A terceira questão é respondida através da regressão linear realizada posteriormente.

Tendo por base a literatura analisada no ponto 2, bem como os fatores de influência descritos no ponto 3 e os resultados dos respectivos estudos empíricos, formulam-se as hipóteses seguintes, apresentadas por grupo de fatores:

- | | |
|---|---|
| <i>Hipótese 1:
(género)</i> | <i>Os estudantes do sexo feminino apresentam um nível de literacia financeira mais baixo</i> |
| <i>Hipótese 2:
(ano de escolaridade)</i> | <i>Os estudantes com maior nível de escolaridade têm um nível de literacia financeira superior</i> |
| <i>Hipótese 3:
(curso)</i> | <i>Os estudantes no curso mais próximo da área financeira apresentam um nível de literacia financeira superior</i> |
| <i>Hipótese 4
(rendimento familiar)</i> | <i>Os estudantes em agregados familiares com maior vencimento mensal apresentam um nível de literacia financeira superior</i> |
| <i>Hipótese 5
(grau educacional dos pais)</i> | <i>Os estudantes cujos pais apresentam um grau educacional superior têm um nível de literacia financeira mais alto</i> |
| <i>Hipótese 6
(ambição escolar)</i> | <i>Os estudantes que pretendem obter um grau educacional superior têm um maior nível de literacia financeira</i> |
| <i>Hipótese 7
(ambição profissional)</i> | <i>Os estudantes que pretendem seguir uma profissão mais especializada apresentam um maior nível de literacia financeira</i> |
| <i>Hipótese 8
(ambição remuneratória)</i> | <i>Os estudantes que pretendem auferir um vencimento inicial superior têm um maior nível de literacia financeira</i> |
| <i>Hipótese 9
(educação formal prévia)</i> | <i>Os estudantes que frequentaram formação na área financeira demonstram um nível de literacia financeira superior</i> |

<i>Hipótese 10 (fonte de conhecimentos)</i>	<i>Os estudantes em que os pais são a principal fonte de conhecimentos financeiros apresentam um nível de literacia financeira superior</i>
<i>Hipótese 11 (titularidade de conta bancária)</i>	<i>Os estudantes detentores de conta bancária apresentam um nível de literacia financeira superior</i>
<i>Hipótese 12 (utilização de cartão de débito)</i>	<i>Os estudantes que utilizam cartão de débito têm um maior nível de literacia financeira</i>
<i>Hipótese 13 (experiência profissional)</i>	<i>Os estudantes com experiência profissional demonstram um maior nível de literacia financeira</i>

4.1. QUESTIONÁRIO

Para o fim deste estudo, foi traduzido e adaptado o questionário aplicado a jovens do Ensino Secundário pela *Jump\$tart Coalition* em 2008, visto que o mesmo se encontra redigido numa linguagem e conteúdo próprios para esta faixa etária e foi objeto de análise em vários anos (1997/1998, 2000, 2002, 2004, 2006 e 2008) (Mandell, 2008). Desse questionário, foram retiradas perguntas da secção de avaliação de conhecimentos e de caracterização do respondente. Para além do questionário da *Jump\$tart Coalition*, foram também adaptadas 3 questões de avaliação de conhecimentos do questionário aplicado pelo BP aos adultos portugueses (BP, 2011). Esta inclusão deveu-se à intenção de conservar as categorias e subcategorias do questionário da *Jump\$tart Coalition*, sendo que algumas adaptações foram necessárias para melhor corresponder à realidade portuguesa, todavia procurou-se respeitar a forma de redação americana.

Após a conclusão do questionário, pediu-se a alguns estudantes desta faixa etária para preencher o mesmo, por forma a validá-lo quanto à sua clareza e ao tempo de resposta.

A primeira parte do questionário (A) pretende aferir o nível de literacia financeira dos alunos, com perguntas enquadradas em quatro categorias: Rendimento; Poupança e Investimento; Gestão de Dinheiro; e Gastos e Endividamento. Em cada uma destas, existem

subcategorias. Na Tabela 1 pode observar-se a distribuição de questões por categoria, subcategoria e ainda a fonte a partir da qual a questão foi adaptada.

Tabela 1 – Categorias e subcategorias de cada questão e fonte respetiva.

Categoria	Subcategoria	Questão	Fonte
Rendimento	Antecipação de impostos	1; 4	Mandell (2008)
	Educação, aptidões, localização	7	
	Fontes de rendimento	9	
Poupança e Investimento	Risco, rendibilidade e liquidez	2	
	Estratégias a curto e longo prazo	3	
	Orçamentar para poupar	6	
	Impacto de impostos e inflação	15	BP (2011)
Gestão de Dinheiro	Objetivos e planos financeiros	5	Mandell (2008)
	Compreensão de seguros	11	
Gastos e Endividamento	Sobre-endividamento	8	BP (2011)
	Preço do crédito	10	
	Direitos e responsabilidades	12	Mandell (2008)
	História de crédito	13	BP (2011)
	Gastar agora ou depois	14	
	Instrumentos de transação	16	Mandell (2008)

Fonte: Elaboração própria.

A segunda parte do questionário (B) permite estudar os fatores de influência da literacia financeira, com vista a concluir quais os relevantes, nomeadamente: género, ambição escolar, rendimento familiar, fonte de conhecimentos, ano de escolaridade, educação dos pais, titularidade de conta bancária, ambição profissional, ambição remuneratória (expectativa salarial inicial), experiência profissional, utilização de cartão de débito, formação específica e curso frequentado (enumeração seguindo a ordem de apresentação das questões). A maioria das questões que permite apurar estes fatores foi também adaptada do questionário da *Jump\$tart Coalition* e pode agrupar-se da forma representada na Tabela 2, em parte semelhante à seguida por Mandell (2008).

Tabela 2 – Fatores estudados por grupos e questões respectivas.

Fatores		Questão
Demográficos	Género	17
	Ano de escolaridade	21
	Curso	29
Socioeconómicos	Rendimento familiar (vencimento mensal)	19
	Grau educacional dos pais	22
Aspiracionais	Ambição escolar	18
	Ambição profissional	24
	Ambição remuneratória	25
Educação prévia	Fonte de conhecimentos	20
	Formação prévia na área financeira	28
Experiência em gestão de dinheiro	Detenção de conta bancária	23
	Experiência profissional	26
	Utilização de cartão de débito	27

Fonte: Elaboração própria.

Todo o questionário é composto por questões de escolha múltipla, sendo que a parte A tem 4 alíneas possíveis de resposta, mantendo a estrutura de Mandell (2008). Deste modo, nas instruções, foi solicitado ao aluno que assinalasse a alínea correta. No Apêndice 1 pode consultar-se o questionário aplicado no âmbito deste trabalho e no Apêndice 2 a grelha de respostas corretas.

De modo a respeitar os princípios deontológicos de investigação em ciências sociais e a privacidade de todos os participantes, foi transmitido aos alunos que o carácter da participação era voluntário, com respostas anónimas, sendo garantida a confidencialidade dos dados recolhidos. Em qualquer momento os alunos podiam desistir do preenchimento. Estes princípios foram seguidos em todo o trabalho subsequente e a utilização dos dados cingiu-se aos fins exclusivamente relacionados com a investigação em curso.

4.2. APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Devido à intenção de aplicar este questionário em meio escolar, segundo o Despacho n.º 15847/2007, publicado no Diário da República 2ª série n.º 140 de 23 de julho, primeiramente, foi solicitada aprovação deste instrumento à Direção Geral da Educação

(DGE). O pedido foi submetido através do sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar, criado especificamente para esse fim. No Apêndice 3 pode consultar-se a aprovação do questionário pela DGE.

Por uma questão de conveniência geográfica, foi equacionada a colaboração das Escolas do Ensino Secundário dos Agrupamentos da cidade de Aveiro, com pedido efetuado à Direção dos Agrupamentos, havendo resposta positiva pela Escola Secundária José Estêvão. Devido ao facto dos alunos serem menores de idade, foi ainda necessário solicitar a autorização dos seus Encarregados de Educação, através de pedido escrito. Após um período durante o qual se aguardaram as autorizações por turma, foi solicitado o preenchimento dos questionários aos estudantes, em momentos oportunos para a Escola, de modo a limitar a perturbação do normal funcionamento das aulas. Os questionários foram distribuídos em papel, em turmas (contexto de grupo) do 10.º ao 12.º ano, entre novembro e dezembro de 2016, sob a supervisão dos professores respetivos e orientação da Direção Escolar.

Inicialmente, foram distribuídos 900 inquéritos, tendo sido recolhidos 510. Após uma análise a estes questionários, foram removidos aqueles que apresentavam respostas inválidas (sem resposta ou mais do que uma alínea assinalada), pelo que a amostra final é composta por 410 inquéritos.

4.3. TRATAMENTO DE DADOS

Iniciando por uma análise global, o nível de literacia financeira é obtido pela média de respostas corretas. Para uma média de respostas certas inferior a 50% o nível é baixo, entre 50-70% médio e se superior a 70% alto (Altintas, 2011). Adicionalmente, considerou-se pertinente verificar a média de respostas corretas por categoria e por questão.

Os dados foram tratados e analisados recorrendo ao *software* SPSS. Na inserção dos mesmos, teve-se o cuidado de classificar os casos de não resposta ou resposta inválida (por exemplo, mais do que uma alínea assinalada) como *missing values*. Após o registo de todos os questionários, indicando a alínea escolhida em cada questão, foi necessário recodificar as respostas da secção A, de modo a efetuar-se a análise de dados necessária, igualando ao valor 1 quando a alínea assinalada é a correta e a 0, nos casos contrários. De notar que

neste procedimento é importante assinalar as respostas inválidas como *missing values* para que o programa não lhes atribua o valor 0, deste modo, para qualquer cálculo posterior o programa considera apenas as respostas válidas. Posteriormente, para obter a média de respostas corretas global e por categoria, foi necessário criar variáveis que resultam da média geral obtida e da média por categoria.

Na secção B, apresentam-se questões que procuram apurar os fatores de influência da literacia financeira. Numa primeira fase foram realizados testes para avaliar quais os fatores significativos, respondendo às hipóteses formuladas e numa segunda fase procurou-se a existência de uma relação linear entre os mesmos (variáveis independentes) e o nível de literacia financeiro global (variável dependente), através de regressão.

De forma a analisar a relação entre as variáveis independentes e o nível de literacia financeira global, as primeiras foram recodificadas (quando necessário) de forma a considerar variáveis *dummy*. Para cada variável com k classes, foram criadas $k-1$ variáveis *dummy*, de modo a evitar redundâncias e a multicolinearidade (Maroco, 2007). O modelo de regressão linear múltipla (MRLM) a testar é:

$$Y_i = b_0 + b_1 d_{1i} + b_2 d_{2i} + \dots + b_k d_{ki} + \varepsilon_i, \quad i = 1, 2, \dots, n \quad (1)$$

Onde Y_i representa o nível de literacia financeira global e $d_{ji}, j=1,\dots,k; i=1,\dots,n$, são os valores das variáveis independentes, neste caso:

Género	$d_1 = 1$, se o aluno é do sexo masculino, 0, caso contrário
Ambição escolar	$d_2 = 1$, se o aluno não pretende prosseguir os estudos ou apenas frequentar um curso técnico, 0, caso contrário
Ambição escolar	$d_3 = 1$, se o aluno pretende frequentar uma Licenciatura, 0, caso contrário
Ambição escolar	$d_4 = 1$, se o aluno pretende frequentar uma Licenciatura e Mestrado, 0, caso contrário

Vencimento agregado familiar	$d_5 = 1$, se o vencimento mensal do agregado familiar é inferior a 700€, 0, caso contrário
Vencimento agregado familiar	$d_6 = 1$, se o vencimento mensal do agregado familiar está entre 700€-1.500€, 0, caso contrário
Vencimento agregado familiar	$d_7 = 1$, se o vencimento mensal do agregado familiar está entre 1.500€-2.500€, 0, caso contrário
Vencimento agregado familiar	$d_8 = 1$, se o vencimento mensal do agregado familiar é superior a 2.500€, 0, caso contrário
Fonte de conhecimentos	$d_9 = 1$, se a principal fonte de conhecimentos são os pais, 0, caso contrário
Fonte de conhecimentos	$d_{10} = 1$, se a principal fonte de conhecimentos é a comunicação social, 0, caso contrário
Fonte de conhecimentos	$d_{11} = 1$, se a principal fonte de conhecimentos é a experiência do dia a dia, 0, caso contrário
Ano de escolaridade	$d_{12} = 1$, se o aluno frequenta o 10.º ano, 0, caso contrário
Ano de escolaridade	$d_{13} = 1$, se o aluno frequenta o 11.º ano, 0, caso contrário
Educação dos pais	$d_{14} = 1$, se os pais do aluno têm Ensino Primário ou Básico, 0, caso contrário
Educação dos pais	$d_{15} = 1$, se os pais do aluno têm Ensino Secundário, 0, caso contrário
Educação dos pais	$d_{16} = 1$, se os pais do aluno têm Ensino Superior, 0, caso contrário

Conta bancária	$d_{17} = 1$, se o aluno não detém conta bancária, 0, caso contrário
Conta bancária	$d_{18} = 1$, se o aluno detém conta à ordem ou a prazo, 0, caso contrário
Ambição profissional	$d_{19} = 1$, se o aluno pretende realizar uma profissão não qualificada ou de competências básicas, 0, caso contrário
Ambição profissional	$d_{20} = 1$, se o aluno pretende realizar uma profissão de competências técnicas, 0, caso contrário
Ambição profissional	$d_{21} = 1$, se o aluno pretende realizar uma profissão especializada, 0, caso contrário
Ambição remuneratória	$d_{22} = 1$, se o aluno pretende auferir até 600€ no primeiro emprego, 0, caso contrário
Ambição remuneratória	$d_{23} = 1$, se o aluno pretende auferir entre 600€-1.200€ no primeiro emprego, 0, caso contrário
Ambição remuneratória	$d_{24} = 1$, se o aluno pretende auferir mais de 1.200€ no primeiro emprego, 0, caso contrário
Experiência profissional	$d_{25} = 1$, se o aluno não tem experiência profissional, 0, caso contrário
Experiência profissional	$d_{26} = 1$, se o aluno tem experiência a tempo inteiro, 0, caso contrário
Cartão de débito	$d_{27} = 1$, se o aluno não usa cartão de débito, 0, caso contrário
Formação específica	$d_{28} = 1$, se o aluno teve formação na área financeira, 0, caso contrário
Curso	$d_{29} = 1$, se o aluno frequenta Ciências e Tecnologias, 0, caso contrário

Curso $d_{30} = 1$, se o aluno frequenta Línguas e Humanidades, 0, caso contrário

Curso $d_{31} = 1$, se o aluno frequenta Artes Visuais, 0, caso contrário

O método usado na regressão foi o *Stepwise*, que avalia a importância dos regressores sobre a variável dependente, determinando quais devem ser incluídos no modelo, sendo eliminados aqueles que não contribuem para melhorar o ajustamento, de modo a diminuir a incerteza dos resultados. Os regressores são introduzidos um a um, mas, em cada passo, faz-se uma avaliação da relevância dos regressores já introduzidos até esse passo. O processo termina quando as variáveis não incluídas no modelo não tenham capacidade de explicação significativa, ao contrário das que estão no modelo (Maroco, 2007).

Um dos pressupostos da regressão é que as variáveis independentes sejam linearmente independentes (ausência de multicolinearidade), o que se pode observar na coluna da tolerância. Esta varia entre 0 e 1, quanto mais próxima de 1, menor será a multicolinearidade (Maroco, 2007). Outro pressuposto é que os erros do modelo, ε_i , são independentes e identicamente distribuídos, com distribuição Normal (Maroco, 2007).

Para finalizar, efetuou-se uma breve análise dos resultados por questão, apresentando a proporção de respostas certas, por alínea e fator. Para verificar onde existem diferenças significativas entre os grupos nas respostas obtidas, recorreu-se ao teste do Qui-Quadrado, o qual se aplica a variáveis categóricas (Pestana & Gageiro, 2008). Contudo, este teste implica que se cumpram alguns pressupostos, sem os quais o resultado pode estar enviesado, para a dimensão mínima de tabela em causa, a frequência esperada mínima em cada célula é 1 e apenas 20% das células podem ter frequência esperada inferior a 5. Caso falhem os requisitos, devem analisar-se os resíduos estandardizados das células que os violam: se a soma do quadrado dos mesmos tiver um peso pouco relevante sobre o resultado do teste, pode prosseguir-se com a conclusão; caso contrário, não é possível concluir sobre a significância. Se o teste for válido e sugerir diferenças significativas, as células cujas frequências reais apresentam desvios significativos têm resíduos ajustados estandardizados superiores a 1,96 ou inferiores a -1,96 e o sinal aponta para o sentido do

desvio (se negativo a frequência observada é inferior à esperada e vice-versa). Segundo Pestana e Gageiro (2008), deve ainda observar-se o coeficiente V de Cramer: recomendado para esta dimensão de tabela, é uma medida de associação entre o fator e a proporção de respostas, variando entre 0 e 1 (0 indica ausência de associação e 1 associação perfeita).

Seguidamente, apresentam-se os resultados obtidos e a discussão dos mesmos.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Na amostra, em termos demográficos (Tabela 3), estão presentes 164 alunos do sexo masculino (40,0%) e 246 do sexo feminino (60,0%), sendo a distribuição pelos três anos equilibrada: 33,7% frequentam o 10.º ano, 32,9% o 11.º ano e 33,4% o 12.º ano. Quanto ao curso, 40,2% dos alunos frequentam Ciências e Tecnologias, 20,2% Artes Visuais e Línguas e Humanidades e os restantes cursos de vertente essencialmente técnica (foram agrupados num só grupo, devido à pouca expressão, se considerados individualmente).

Tabela 3 – Amostra e Resultado Geral (RG) médio, por grupos demográficos.

		Frequência	%	RG médio %
Género	Feminino	246	60,0	57,7
	Masculino	164	40,0	56,1
Ano	10º	138	33,7	56,7
	11º	135	32,9	59,1
	12º	137	33,4	55,4
Curso	Ciências e Tecnologias	165	40,2	62,2
	Línguas e Humanidades	83	20,2	56,9
	Artes Visuais	83	20,2	54,2
	Técnico	79	19,3	49,5

Fonte: Elaboração própria.

Em termos socioeconómicos (Tabela 4), 12,4% dos alunos insere-se num agregado familiar com vencimento mensal abaixo dos 700€; 36,1% entre os 700€ - 1.500€; 22,2% entre os 1.500€ - 2.500€; e 11,2% acima dos 2.500€, sendo ainda de assinalar que 18,0% dos estudantes respondem N/S. O grau educacional dos pais (mais elevado) mais frequente é a Licenciatura (44,4%), seguido do Ensino Secundário (35,4%) e Ensino Básico ou Primário

(16,6%) (estes grupos foram agrupados num só, devido à pouca expressão, se considerados individualmente).

Tabela 4 – Amostra e RG médio, por grupos socioeconómicos.

		Frequência	%	RG médio %
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	51	12,4	53,6
	700€ - 1.500€	148	36,1	58,1
	1.500€ - 2.500€	91	22,2	60,2
	Superior a 2.500€	46	11,2	55,8
	N/S	74	18,0	54,2
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	68	16,6	51,1
	Ensino secundário	145	35,4	57,5
	Licenciatura	182	44,4	60,2
	N/S	15	3,7	41,7

Fonte: Elaboração própria.

Quanto às aspirações dos alunos (Tabela 5), 45,4% pretende frequentar uma Licenciatura seguida do Mestrado; e 22,9% apenas a Licenciatura, o que está de acordo com os planos de trabalho onde a maioria dos inquiridos pretende exercer uma profissão especializada (58,3%). Todavia, 19,0% e 25,6% ainda não tem planos escolares, nem de trabalho, respetivamente. Em relação à ambição remuneratória, 9,3% pensam auferir até 600€; 47,8% entre 600€ e 1.200€; e 26,1% acima de 1.200€. Em todos os fatores foram agrupadas algumas categorias num só grupo, devido à pouca expressão individual.

Tabela 5 – Amostra e RG médio, por grupos aspiracionais.

		Frequência	%	RG médio %
Ambição escolar	Não pretende / Curso técnico	52	12,7	45,7
	Licenciatura	94	22,9	56,8
	Licenciatura e mestrado	186	45,4	62,0
	N/S	78	19,0	53,2
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	32	7,8	41,6
	Técnico	34	8,3	51,1
	Especializado	239	58,3	61,7
	N/S	105	25,6	53,2
Expetativa salarial inicial	Até 600€	38	9,3	47,5
	600€ - 1.200€	196	47,8	59,9
	Mais de 1.200€	107	26,1	56,3
	N/S	69	16,8	55,4

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à educação prévia (Tabela 6), a grande maioria refere não ter tido formação na área financeira ou económica (90,7%). Adicionalmente, 59,3% dos estudantes apontam os pais como principal fonte dos conhecimentos financeiros detidos, seguida da experiência do dia a dia (17,3%), comunicação social (15,9%) e, finalmente, a escola (7,6%).

Tabela 6 – Amostra e RG médio, por grupos relativos à educação prévia na área.

		Frequência	%	RG médio %
Formação financeira prévia	Não	372	90,7	58,5
	Sim	38	9,3	48,2
Fonte de conhecimentos financeiros	Pais	243	59,3	58,0
	Comunicação social	65	15,9	63,6
	Experiência do dia a dia	71	17,3	54,7
	Escola	31	7,6	41,1

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à experiência de gestão de dinheiro (Tabela 7), 41,2% afirma não possuir conta bancária; 41,7% têm uma conta à ordem ou a prazo e 17,1% têm ambas as modalidades. De facto, 70,2% dos estudantes não utiliza cartão de débito e os restantes efetuam

levantamentos e/ou compras com o mesmo. A maioria dos alunos não tem experiência profissional (69,8%) e, dos que têm, a maior parte é em regime de tempo parcial (17,1%). Em todos os fatores foram reunidos alguns grupos num só, devido à pouca expressão individual.

Tabela 7 - Amostra e RG médio, por grupos relativos à experiência de gestão de dinheiro.

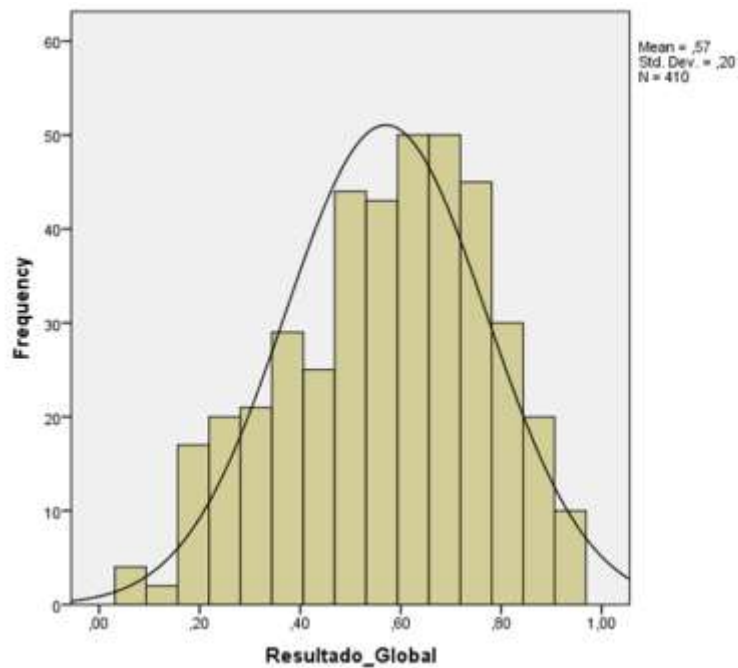
		Frequência	%	RG médio %
Conta bancária	Sem conta	169	41,2	52,5
	Conta à ordem ou a prazo	171	41,7	60,6
	Conta à ordem e a prazo	70	17,1	59,4
Cartão débito	Não usa	288	70,2	57,6
	Levantamentos e/ou compras	122	29,8	55,8
Experiência profissional	Sem	286	69,8	61,0
	Alguma tempo inteiro	54	13,2	42,9
	Apenas tempo parcial	70	17,1	51,9

Fonte: Elaboração própria.

5.1. NÍVEL DE LITERACIA FINANCEIRA GLOBAL

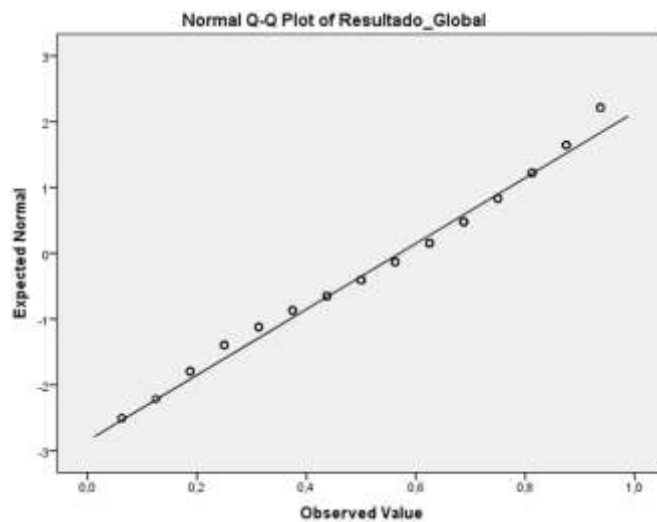
Antecedendo a realização de testes paramétricos para averiguar o nível de literacia financeiro global (designado por RG), realizaram-se testes à normalidade da amostra. Embora o resultado do teste Kolmogorov-Smirnov rejeite a normalidade, a análise gráfica aponta para a normalidade na amostra (Gráfico 1 e 2). Por outro lado, Maroco (2007), explica que “à medida que a dimensão das amostras aumenta, a distribuição da média amostral tende para a distribuição normal” (p. 58), regra do teorema do limite central e que “para amostras de dimensão superior a 30 a distribuição da média amostral é satisfatoriamente aproximada à normal” (Maroco, 2007, p. 59). Este autor acrescenta que “os métodos paramétricos são robustos à violação do pressuposto da normalidade desde que as distribuições não sejam extremamente enviesadas ou achatadas e que as dimensões das amostras não sejam extremamente pequenas” (Maroco, 2007, p. 137). Por tudo isto, e relembrando o N amostral de 410, prosseguiu-se com a realização de testes paramétricos.

Gráfico 1 – Histograma de frequências acumuladas do RG, com curva Normal sobreposta.



Fonte: *Output* do SPSS obtido.

Gráfico 2 – Q-Q *plot* do RG, com proximidade dos pontos à reta e disposição oblíqua.



Fonte: *Output* do SPSS obtido.

O nível de literacia financeira global é de 57,0% (média de respostas corretas), sendo considerado médio, segundo autores como Altintas (2011), embora próximo de baixo (até 50%).

Em relação à análise de resultados por grupos demográficos (Tabela 3), o nível de literacia financeira do sexo feminino (57,7%) é superior ao do sexo masculino (56,1%), mas a diferença não é estatisticamente significativa (*p-value* de 0,470 para o teste T, sem igualdade de variâncias lida no teste de Levene), donde se rejeita a hipótese 1 de que estudantes do sexo feminino apresentam nível de literacia financeira mais baixo. Contudo, a evidência encontrada é consistente com os resultados de Altintas (2011), Jorgensen e Savla (2010) e Wagland e Taylor (2009), que não encontraram uma diferença significativa entre o nível de literacia, de acordo com o género.

A hipótese 2, de que alunos com maior nível de escolaridade têm um nível de literacia financeira superior, também é rejeitada, dado que a diferença do nível de literacia financeira entre alunos de anos diferentes não é significativa (*p-value* de 0,306 para o teste *Oneway* ANOVA, tendo o teste de Levene confirmado a igualdade das variâncias entre os grupos). Embora não ao encontro do esperado, estes resultados podem dever-se à proximidade dos anos escolares em causa e por se inserirem no Ensino Secundário, sendo que, na generalidade da literatura, a diferença de desempenho se verifica por comparação com níveis mais avançados, nomeadamente do Ensino Superior (Chen & Volpe, 2002; Fornero & Monticone, 2011). Por outro lado, há evidência que a formação específica na área é mais eficaz se administrada no Ensino Superior que no Secundário (Peng et al., 2007) e que alunos em níveis mais avançados podem ser mais propensos a dominar estes conceitos pelo confronto com mais decisões financeiras e maior autonomia (Jorgensen & Savla, 2010).

Por seu turno, a diferença do nível de literacia financeira por curso é significativa (*p-value* de 0,000 para o teste *Oneway* ANOVA, tendo o teste de Levene confirmado a igualdade das variâncias entre os grupos). Foram também realizados os testes de Brown-Forsythe e Welch, visto que a dimensão entre os grupos difere, mas o *p-value* mantém-se zero, confirmando o resultado da ANOVA. Desta forma, importa apurar em que casos é a diferença significativa, através de um teste de comparações múltiplas com igualdade de variâncias, nomeadamente o *Least Significant Difference* (LSD), um procedimento segundo Maroco (2007) adequado “quando se compara um número reduzido de grupos” (p. 161), em “geral 4 ou menos” (Maroco, 2007, p. 162), o que é o caso. Assim, verificou-se que a

média de respostas corretas para alunos de Ciências e Tecnologias (62,2%) é significativamente superior à dos restantes cursos (Tabela 8). Sendo aquele o curso, dentro dos lecionados na escola, com maior proximidade à área financeira, confirma-se a hipótese 3: alunos no curso mais afim à área financeira apresentam um nível de literacia financeira superior (Gráfico 3), o que vai ao encontro de autores como Bačová et al. (2013); Beal e Delpachitra (2003) e Chen e Volpe (2002).

Tabela 8 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por curso.

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Resultado_Global

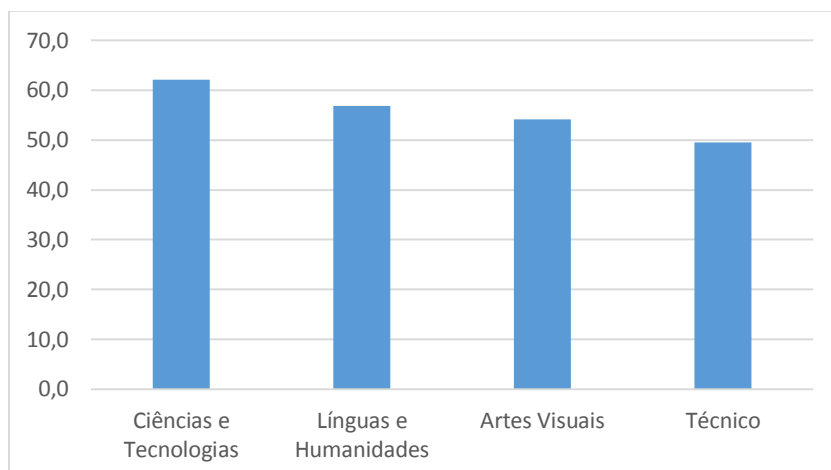
LSD

		Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
(I) CursoT						
Ciências e Tecnologias	Línguas e Humanidades	,05307*	0,02625	0,044	0,0015	0,1047
	Artes Visuais	,07942*	0,02625	0,003	0,0278	0,1310
	Técnico	,12634*	0,02668	0,000	0,0739	0,1788
Línguas e Humanidades	Ciências e Tecnologias	-,05307*	0,02625	0,044	-0,1047	-0,0015
	Artes Visuais	0,02636	0,03027	0,385	-0,0332	0,0859
	Técnico	,07327*	0,03066	0,017	0,0130	0,1335
Artes Visuais	Ciências e Tecnologias	-,07942*	0,02625	0,003	-0,1310	-0,0278
	Línguas e Humanidades	-0,02636	0,03027	0,385	-0,0859	0,0332
	Técnico	0,04692	0,03066	0,127	-0,0133	0,1072
Técnico	Ciências e Tecnologias	-,12634*	0,02668	0,000	-0,1788	-0,0739
	Línguas e Humanidades	-,07327*	0,03066	0,017	-0,1335	-0,0130
	Artes Visuais	-0,04692	0,03066	0,127	-0,1072	0,0133

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Fonte: *Output* obtido do SPSS.

Gráfico 3 – Nível de literacia financeira global por curso frequentado.



Fonte: Elaboração própria.

Em termos socioeconómicos (Tabela 4), a hipótese 4 (alunos em agregados familiares com maior vencimento mensal apresentam nível de literacia financeira superior) é rejeitada, dado que a diferença do nível de literacia financeira entre alunos, inseridos em agregados com vencimentos familiares distintos, não é significativa (*p-value* de 0,213 para o teste *Oneway* ANOVA, tendo o teste de Levene confirmado a igualdade das variâncias entre os grupos, confirmado com os testes de Brown-Forsythe e Welch), embora tenda a aumentar para rendimentos superiores. Contudo, Buckland (2010) constatou que indivíduos com baixos rendimentos apresentam literacia financeira adequada e Atkinson et al. (2007) verificaram que, no controlo orçamental, menor rendimento conduz a maior capacidade financeira, pelos que os resultados da literatura não são consensuais.

Por seu lado, o nível de literacia financeira aumenta significativamente se o grau educacional dos pais for mais elevado: *p-value* de 0,000 para o teste *Oneway* ANOVA (tendo o teste de Levene confirmado a igualdade das variâncias entre os grupos), confirmado com os testes de Brown-Forsythe e Welch, visto que a dimensão entre os grupos difere. Desta forma, importa apurar em que casos é a diferença significativa, através de um teste de comparações múltiplas com igualdade de variâncias, nomeadamente o LSD, verificando-se que tal acontece entre alunos cujos pais detêm apenas o Ensino Primário ou Básico, em comparação com o Ensino Secundário e Licenciatura, mas não entre o Ensino Secundário e Licenciatura (Tabela 9), esta situação foi ainda confirmada com a realização

de um teste de contrastes entre estes 2 grupos. A diferença entre os graus mais baixos (Ensino Primário e Básico) e superiores (Ensino Secundário e Licenciatura) confirma a hipótese 5, de que alunos cujos pais apresentam um grau educacional superior têm nível de literacia financeira mais alto (Gráfico 4), indo ao encontro das conclusões de Mandell (2008) e da OCDE (2014). É ainda de referir que, para o grupo de alunos que desconhecem qual o nível educacional dos pais, a média global de respostas certas é inferior a qualquer outro grupo, sendo a diferença significativa para aqueles cujos pais detêm o Ensino Secundário ou uma Licenciatura.

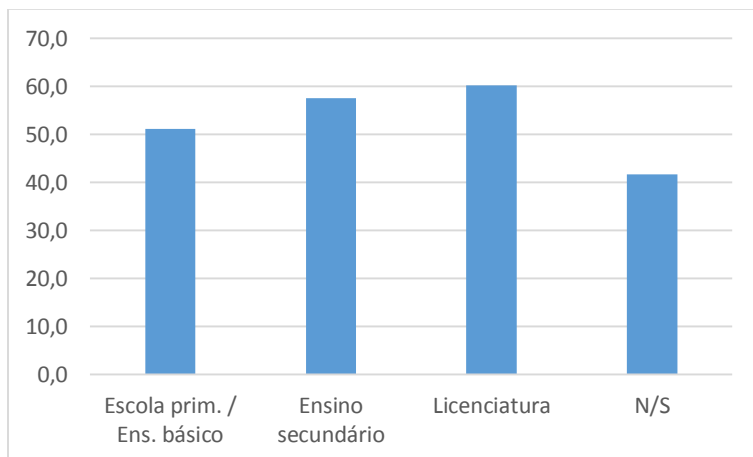
Tabela 9 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por grau educacional dos pais.

Multiple Comparisons					
Dependent Variable: Resultado_Global					
LSD					
(I) Educ_paisT		Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	Interval
					Lower Bound Upper Bound
Escola prim. / Ens. básico	Ensino secundário	-,06397*	0,02882	0,027	-0,1206 -0,0073
	Licenciatura	-,09062*	0,02787	0,001	-0,1454 -0,0358
	N/S	0,09436	0,05594	0,092	-0,0156 0,2043
Ensino secundário	Escola prim. / Ens. básico	,06397*	0,02882	0,027	0,0073 0,1206
	Licenciatura	-0,02665	0,02183	0,223	-0,0696 0,0163
	N/S	,15833*	0,05319	0,003	0,0538 0,2629
Licenciatura	Escola prim. / Ens. básico	,09062*	0,02787	0,001	0,0358 0,1454
	Ensino secundário	0,02665	0,02183	0,223	-0,0163 0,0696
	N/S	,18498*	0,05268	0,000	0,0814 0,2885
N/S	Escola prim. / Ens. básico	-0,09436	0,05594	0,092	-0,2043 0,0156
	Ensino secundário	-,15833*	0,05319	0,003	-0,2629 -0,0538
	Licenciatura	-,18498*	0,05268	0,000	-0,2885 -0,0814

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Fonte: *Output* obtido do SPSS.

Gráfico 4 – Nível de literacia financeira global por grau educacional dos pais.



Fonte: Elaboração própria.

No que se refere às aspirações dos alunos (Tabela 5), o nível de literacia financeira aumenta significativamente quando os mesmos pretendem frequentar graus educacionais mais avançados: *p-value* de 0,000 para o teste *Oneway* ANOVA (tendo o teste de Levene confirmado a igualdade das variâncias entre os grupos), confirmado com os testes de Brown-Forsythe e Welch, visto que a dimensão entre os grupos difere. Desta forma, importa apurar em que casos é a diferença significativa, através de um teste de comparações múltiplas com igualdade de variâncias, nomeadamente o LSD, verificando-se que tal acontece entre todos os grupos (excetuando a diferença entre quem pretende obter uma Licenciatura e quem ainda não sabe) (Tabela 10). Deste modo, confirma-se a hipótese 6: alunos que pretendem obter um grau educacional superior têm maior nível de literacia financeira (Gráfico 5), tal como constatado por Mandell (2008).

Tabela 10 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por planos escolares.

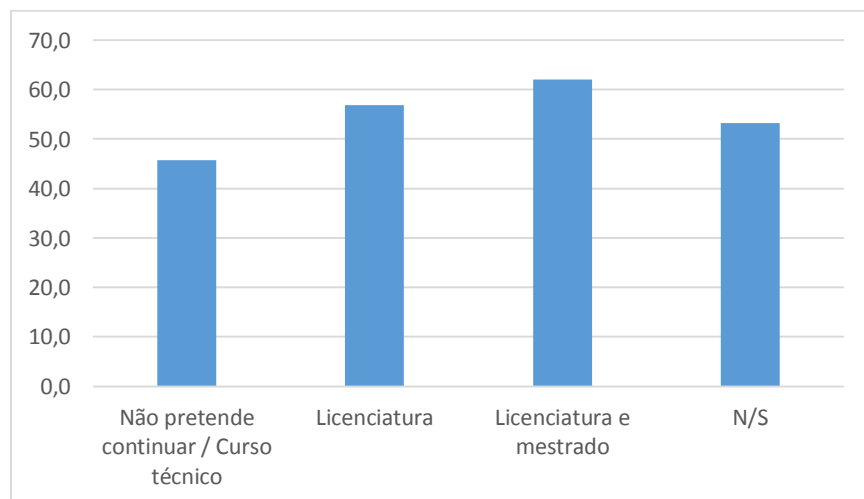
Multiple Comparisons						
Dependent Variable: Resultado_Global						
LSD						
		Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
(I) Ambição escT						
Não pretende continuar / Curso técnico	Licenciatura	-,11109*	0,03339	0,001	-0,1767	-0,0455
	Licenciatura e mestrado	-,16289*	0,03030	0,000	-0,2225	-0,1033
	N/S	-,07532*	0,03458	0,030	-0,1433	-0,0073
Licenciatura	Não pretende / Curso técnico	,11109*	0,03339	0,001	0,0455	0,1767
	Licenciatura e mestrado	-,05180*	0,02445	0,035	-0,0999	-0,0037
	N/S	0,03577	0,02959	0,227	-0,0224	0,0939
Licenciatura e mestrado	Não pretende / Curso técnico	,16289*	0,03030	0,000	0,1033	0,2225
	Licenciatura	,05180*	0,02445	0,035	0,0037	0,0999
	N/S	,08757*	0,02606	0,001	0,0363	0,1388
N/S	Não pretende / Curso técnico	,07532*	0,03458	0,030	0,0073	0,1433
	Licenciatura	-0,03577	0,02959	0,227	-0,0939	0,0224
	Licenciatura e mestrado	-,08757*	0,02606	0,001	-0,1388	-0,0363

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Fonte: *Output* obtido do SPSS.

Gráfico 5 – Nível de literacia financeira global por planos escolares.

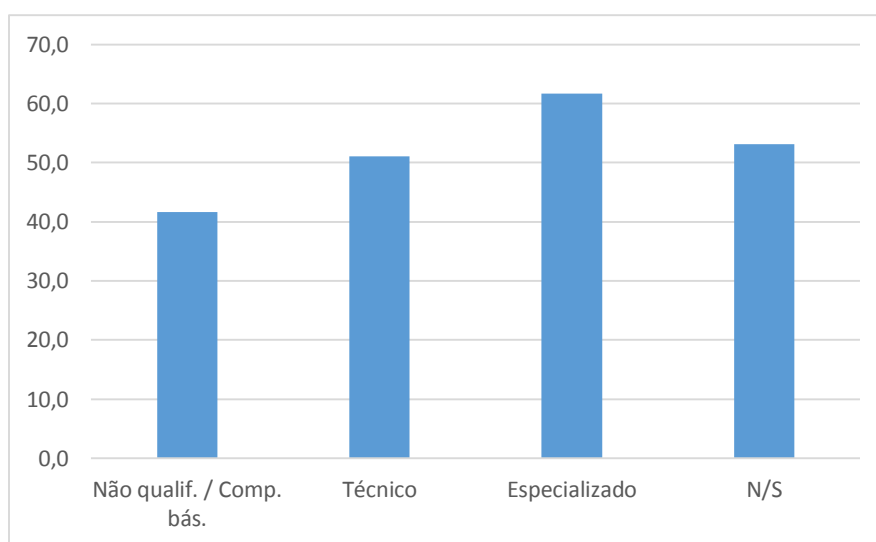


Fonte: Elaboração própria.

De modo semelhante, encontra-se evidência de suporte para a hipótese 7 (alunos que pretendem seguir uma profissão mais especializada apresentam maior nível de literacia

financeira), pois o nível de literacia financeira aumenta significativamente quando os alunos pretendem realizar profissões mais especializadas: *p-value* de 0,000 para o teste *Oneway* ANOVA (tendo o teste de Levene confirmado a igualdade das variâncias entre os grupos), confirmado com os testes de Brown-Forsythe e Welch (Gráfico 6). A diferença é significativa entre todos os grupos, verificada pelo teste de comparações múltiplas com igualdade de variâncias LSD (excetuando entre quem pretende realizar uma profissão técnica e quem ainda não sabe) (Tabela 11). Assim, confirma-se o verificado por Mandell (2008).

Gráfico 6 – Nível de literacia financeira global por planos profissionais.



Fonte: Elaboração própria.

Tabela 11 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por planos profissionais.

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Resultado_Global

LSD

(I) Amb_profT		Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Não qualif. / Comp. bás.	Técnico	-,09501*	0,04708	0,044	-0,1876	-0,0025
	Especializado	-,20062*	0,03598	0,000	-0,2714	-0,1299
	N/S	-,11553*	0,03860	0,003	-0,1914	-0,0397
Técnico	Não qualif. / Comp. bás.	,09501*	0,04708	0,044	0,0025	0,1876
	Especializado	-,10560*	0,03504	0,003	-0,1745	-0,0367
	N/S	-0,02052	0,03772	0,587	-0,0947	0,0536
Especializado	Não qualif. / Comp. bás.	,20062*	0,03598	0,000	0,1299	0,2714
	Técnico	,10560*	0,03504	0,003	0,0367	0,1745
	N/S	,08508*	0,02238	0,000	0,0411	0,1291
N/S	Não qualif. / Comp. bás.	,11553*	0,03860	0,003	0,0397	0,1914
	Técnico	0,02052	0,03772	0,587	-0,0536	0,0947
	Especializado	-,08508*	0,02238	0,000	-0,1291	-0,0411

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Fonte: *Output* obtido do SPSS.

Finalmente, quanto à ambição remuneratória inicial, verifica-se que a média de respostas certas mais baixa se situa no escalão inferior (até 600€), aumentando mais de 12% em comparação com o 2.º escalão (600€ - 1.200€) e quase 9% em comparação com o 3.º escalão (mais de 1.200€). As diferenças referidas são significativas: o teste *Oneway* ANOVA (tendo o teste de Levene confirmado a igualdade das variâncias entre os grupos) indica um *p-value* de 0,004, em linha com os testes de Brown-Forsythe (0,005) e Welch (0,003), com posterior análise pelo teste LSD (Tabela 12). Do 3.º para o 2.º escalão a média é 3,6% menor, mas a diferença não é significativa. Assim, a hipótese 8 (alunos que pretendem auferir um vencimento inicial superior têm maior nível de literacia financeira) é confirmada, quando considerados os alunos com menor expectativa remuneratória e todos os outros (Gráfico 7), tal como constatado por Mandell (2008).

Tabela 12 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por expectativa salarial inicial.

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Resultado_Global

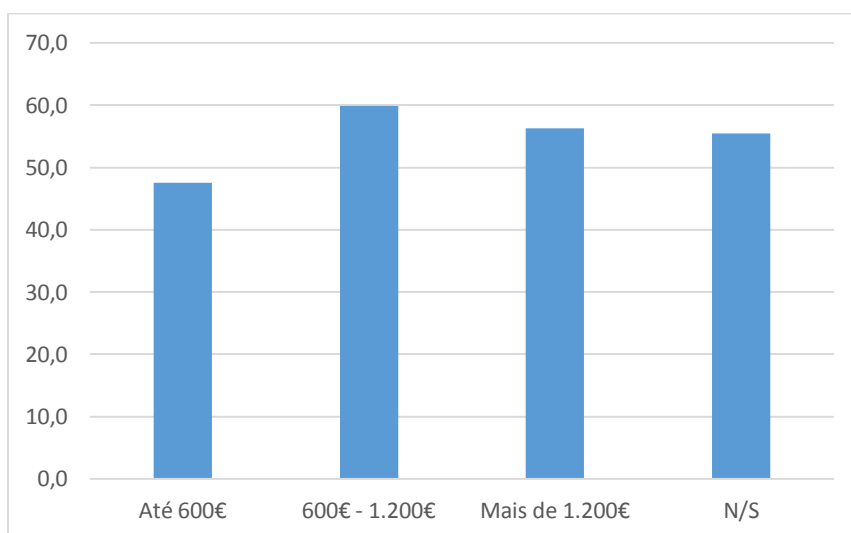
LSD

(I) Primeiro_sal2		Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Até 600€	600€ - 1.200€	-,12352*	0,03503	0,000	-0,1924	-0,0547
	Mais de 1.200€	-,08717*	0,03733	0,020	-0,1605	-0,0138
	Não sei	-,07902*	0,03993	0,048	-0,1575	-0,0005
600€ - 1.200€	Até 600€	,12352*	0,03503	0,000	0,0547	0,1924
	Mais de 1.200€	0,03635	0,02376	0,127	-0,0104	0,0831
	Não sei	0,04450	0,02767	0,109	-0,0099	0,0989
Mais de 1.200€	Até 600€	,08717*	0,03733	0,020	0,0138	0,1605
	600€ - 1.200€	-0,03635	0,02376	0,127	-0,0831	0,0104
	Não sei	0,00815	0,03052	0,790	-0,0518	0,0681
Não sei	Até 600€	,07902*	0,03993	0,048	0,0005	0,1575
	600€ - 1.200€	-0,04450	0,02767	0,109	-0,0989	0,0099
	Mais de 1.200€	-0,00815	0,03052	0,790	-0,0681	0,0518

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Fonte: *Output* obtido do SPSS.

Gráfico 7 – Nível de literacia financeira global por ambição remuneratória.



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à educação prévia na área (Tabela 6), contrariamente ao esperado, o nível de literacia financeira é significativamente maior quando o aluno refere não ter tido formação

na área financeira ou económica (*p-value* de 0,004 para o teste T, com igualdade de variâncias lida no teste de Levene), donde se rejeita a hipótese 9, de que alunos que frequentaram formação na área financeira demonstram um nível de literacia financeira superior. Tal pode dever-se à não compreensão da pergunta (o que se quer dizer com área financeira) ou à ineficácia da formação frequentada. Todavia, os resultados são consistentes com os de Mandell (2008) e de algum modo com os de Lyons et. al. (2006) e Peng et. al. (2007), já que os primeiros autores desvalorizam a formação específica face à experiência e os segundos se administrada no Ensino Secundário face ao Ensino Superior.

Em relação à principal fonte dos conhecimentos financeiros, obteve-se um *p-value* de 0,000 para o teste *Oneway* ANOVA e testes de Brown-Forsythe e Welch, efetuados visto que a dimensão entre os grupos difere. Todavia, o teste de Levene não confirma a igualdade das variâncias entre os grupos, pelo que se realizou o teste de comparações múltiplas de Tamhane sem igualdade de variâncias (Tabela 13), verificando-se que a diferença entre as médias é significativa entre quem aponta a escola como principal fonte e todos os outros grupos. Assim, a hipótese 10 (alunos em que os pais são a principal fonte de conhecimentos financeiros apresentam um nível de literacia financeira superior) não é aceite, pois o grupo com maior nível de literacia financeira é o de quem aponta a comunicação social como principal fonte de conhecimentos e a diferença é significativa em relação àqueles que referem a escola. Há deste modo algum suporte às conclusões de Jorgensen e Savla (2010) de que a influência parental não é um fator significativo sobre os conhecimentos financeiros dos filhos. Embora os pais sejam de facto a principal fonte respondida, a sua mensagem pode não ser tão eficaz como a dos meios de comunicação social, havendo todavia um distanciamento claro para os conhecimentos adquiridos na escola (aqui o nível de literacia financeira é significativamente inferior ao dos restantes grupos).

Tabela 13 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por fonte de conhecimentos.

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Resultado_Global

Tamhane

(I) Fonte conhecimentos		Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Pais	Comunicação social	-0,05533	0,02659	0,218	-0,1268	0,0161
	Experiência do dia a dia	0,03359	0,03029	0,849	-0,0478	0,1150
	Escola	,16896*	0,03571	0,000	0,0698	0,2681
Comunicação social	Pais	0,05533	0,02659	0,218	-0,0161	0,1268
	Experiência do dia a dia	0,08892	0,03680	0,098	-0,0094	0,1872
	Escola	,22429*	0,04138	0,000	0,1117	0,3368
Experiência do dia a dia	Pais	-0,03359	0,03029	0,849	-0,1150	0,0478
	Comunicação social	-0,08892	0,03680	0,098	-0,1872	0,0094
	Escola	,13536*	0,04385	0,017	0,0167	0,2540
Escola	Pais	-,16896*	0,03571	0,000	-0,2681	-0,0698
	Comunicação social	-,22429*	0,04138	0,000	-0,3368	-0,1117
	Experiência do dia a dia	-,13536*	0,04385	0,017	-0,2540	-0,0167

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Fonte: *Output* obtido do SPSS.

Em relação à experiência de gestão de dinheiro (Tabela 7), quanto à detenção de conta bancária, obteve-se um *p-value* de 0,001 para o teste *Oneway* ANOVA, valor confirmado pelos testes de Brown-Forsythe e Welch, efetuados visto que a dimensão entre os grupos difere. Dado que o teste de Levene confirmou a igualdade de variâncias entre os grupos, realizou-se o teste de comparações múltiplas LSD (Tabela 14), verificando-se que a diferença entre as médias é significativa entre quem não tem conta bancária e quem tem conta a prazo ou à ordem ou ambas: como o nível de literacia financeira nestes últimos grupos é superior ao do primeiro, encontrou-se suporte para a hipótese 11, segundo a qual alunos detentores de conta bancária apresentam um nível de literacia financeira superior (Gráfico 8). Esta observação está de acordo com as conclusões de BP (2011), CNSF (2016), Mandell (2008) e OCDE (2014).

Tabela 14 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por detenção de conta bancária.

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Resultado_Global

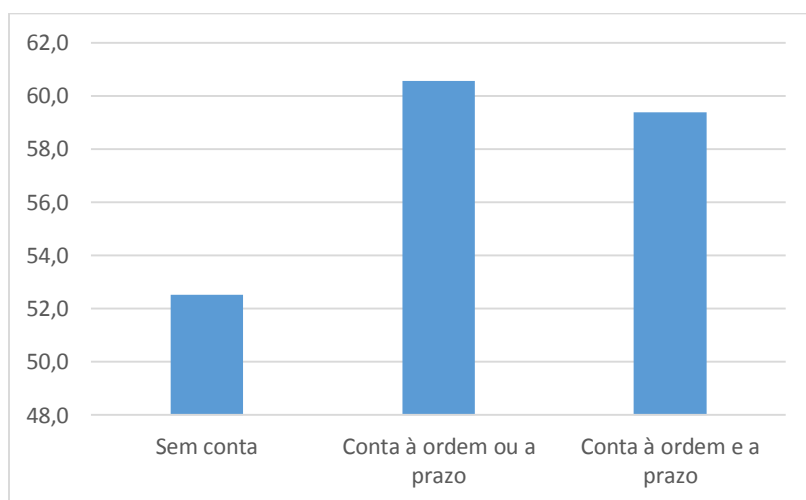
LSD

		Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
(I) ContaT						
Sem conta	Conta à ordem ou a prazo	-,08048 [*]	0,02137	0,000	-0,1225	-0,0385
	Conta à ordem e a prazo	-,06860 [*]	0,02800	0,015	-0,1236	-0,0136
Conta à ordem ou a prazo	Sem conta	,08048 [*]	0,02137	0,000	0,0385	0,1225
	Conta à ordem e a prazo	0,01188	0,02795	0,671	-0,0431	0,0668
Conta à ordem e a prazo	Sem conta	,06860 [*]	0,02800	0,015	0,0136	0,1236
	Conta à ordem ou a prazo	-0,01188	0,02795	0,671	-0,0668	0,0431

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Fonte: *Output* obtido do SPSS.

Gráfico 8 – Nível de literacia financeira global por detenção de conta bancária.



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à utilização de cartão de débito, o nível de literacia financeira não é significativamente diferente quando o aluno refere efetuar levantamentos e/ou compras com o mesmo ou não o usar (*p-value* de 0,448 para o teste T, sem igualdade de variâncias lida no teste de Levene). Consequentemente, rejeita-se a hipótese 12, de que alunos que utilizam cartão de débito têm maior nível de literacia financeira, contrariando a generalidade da literatura consultada, mas indo ao encontro de Mandell (2008), quanto ao uso de cartão de crédito (mas não quanto ao uso de cartão de débito, embora face ao

contexto americano o paralelismo a efetuar para a realidade portuguesa será entre o cartão de crédito nos EUA e o cartão de débito em Portugal, principalmente nesta faixa etária).

Finalmente, a experiência profissional parece influenciar de forma significativa o nível de literacia financeira: obteve-se um *p-value* de 0,000 para o teste *Oneway* ANOVA e testes de Brown-Forsythe e Welch, efetuados visto que a dimensão entre os grupos difere. Como o teste de Levene confirma a igualdade das variâncias entre os grupos, realizou-se o teste de comparações múltiplas LSD, verificando-se que a diferença entre as médias é significativa entre todos os grupos (Tabela 15). Contudo, a hipótese 13 (de que alunos com experiência profissional demonstram maior nível de literacia financeira) não é confirmada, pois observa-se maior nível de literacia financeira por parte dos alunos que não possuem experiência profissional, o que contraria a generalidade da literatura consultada. Tal pode ter que ver com situações em que o indivíduo de facto tem alguma prática profissional mas ainda não efetua uma gestão financeira autónoma ou cuidada, não sendo um fator decisivo para adquirir mais conhecimentos nesta área.

Tabela 15 – Resultado do teste LSD, com diferenças significativas do RG por experiência profissional.

Multiple Comparisons					
Dependent Variable: Resultado_Global					
LSD					
(I) Exp.prof.detidaF		Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	Interval
					Lower Bound Upper Bound
Sem	Alguma tempo inteiro	,18030 [*]	0,02818	0,000	0,1249 0,2357
	Apenas tempo parcial	,09095 [*]	0,02533	0,000	0,0412 0,1407
Alguma tempo inteiro	Sem	-,18030 [*]	0,02818	0,000	-0,2357 -0,1249
	Apenas tempo parcial	-,08935 [*]	0,03441	0,010	-0,1570 -0,0217
Apenas tempo parcial	Sem	-,09095 [*]	0,02533	0,000	-0,1407 -0,0412
	Alguma tempo inteiro	,08935 [*]	0,03441	0,010	0,0217 0,1570

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

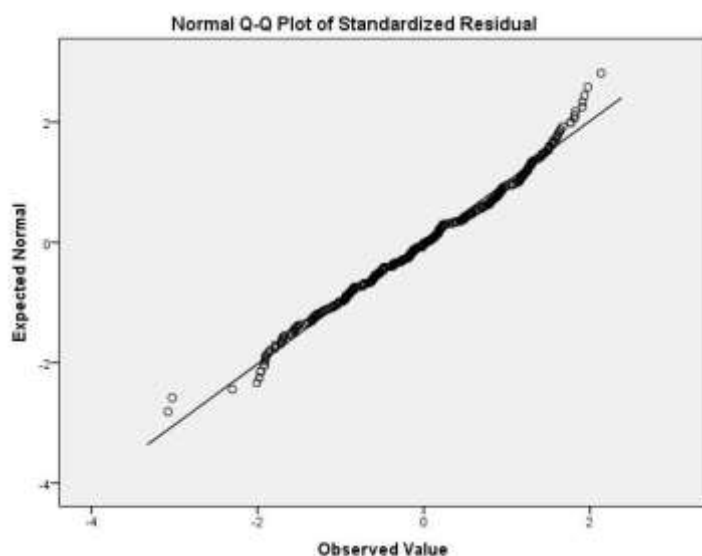
Fonte: *Output* obtido do SPSS.

5.2. REGRESSÃO LINEAR

Pela aplicação do modelo de regressão (1), constata-se que o teste Kolmogorov-Smirnov aponta para a normalidade dos resíduos, para $\alpha = 1\%$ (*p-value* = 0,013) o que também se

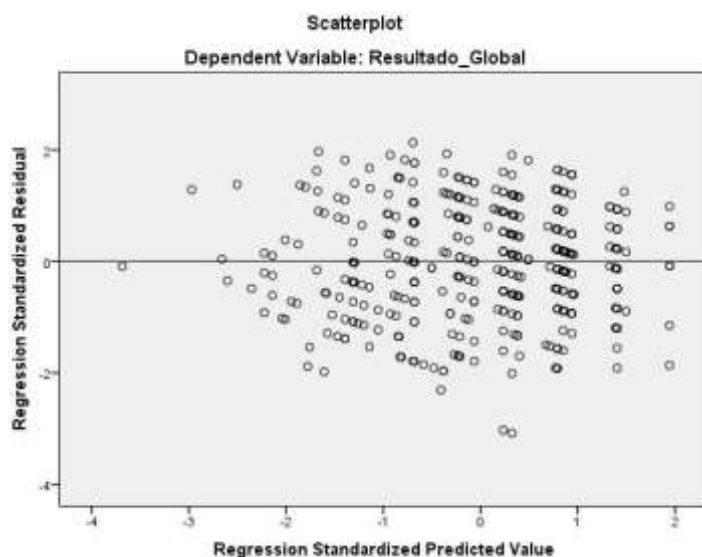
constata no Q-Q *plot* do Gráfico 9. O Gráfico 10 mostra a independência e igualdade de variâncias dos resíduos, pois verifica-se a dispersão dos resíduos estandardizados contra os valores preditos estandardizados, como uma nuvem aleatória de pontos, sem evidenciar tendências.

Gráfico 9 – Q-Q plot dos resíduos estandardizados, com proximidade dos pontos à reta e disposição oblíqua.



Fonte: *Output* obtido do SPSS.

Gráfico 10 – Dispersão aleatória dos resíduos estandardizados.



Fonte *Output* obtido do SPSS.

No teste ANOVA verifica-se que o $p\text{-value} = 0$, pelo que a regressão tem significado, uma vez que se rejeitou a hipótese dos coeficientes dos regressores serem simultaneamente nulos. Os coeficientes das variáveis independentes significativamente diferentes de zero, com $p\text{-value}$ inferior a 5%, são os de d_2 , d_{10} , d_{17} , d_{19} , d_{21} , d_{23} , d_{25} , d_{26} e d_{29} (Tabela 16).

Tabela 16 – Resultado do MRLM ajustado com maior capacidade explicativa.

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B		Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Lower Bound	Upper Bound	Tolerance	VIF
9	(Constant)	0,488	0,029		16,565	0,000	0,430	0,546		
	Exp_d25	0,061	0,024	0,141	2,568	0,011	0,014	0,108	0,624	1,603
	Amb_prof_d21	0,045	0,020	0,110	2,255	0,025	0,006	0,083	0,790	1,266
	Curso_d29	0,056	0,018	0,136	3,054	0,002	0,020	0,091	0,942	1,062
	Amb_rem_d23	0,061	0,017	0,153	3,508	0,001	0,027	0,096	0,986	1,014
	Amb_esc_d2	-0,071	0,028	-0,119	-2,589	0,010	-0,125	-0,017	0,896	1,116
	Exp_d26	-0,093	0,032	-0,157	-2,883	0,004	-0,156	-0,029	0,635	1,575
	Conta_d17	-0,047	0,018	-0,115	-2,546	0,011	-0,083	-0,011	0,926	1,080
	Fonte_d10	0,054	0,024	0,098	2,252	0,025	0,007	0,101	0,988	1,012
	Amb_prof_d19	-0,074	0,035	-0,100	-2,102	0,036	-0,144	-0,005	0,833	1,201

Fonte: Elaboração própria.

O modelo ajustado pode escrever-se da seguinte forma:

$$\hat{Y} = 0,488 + 0,061 d_{25} + 0,045 d_{21} + 0,056 d_{29} + 0,061 d_{23} - 0,071 d_2 - 0,093 d_{26} - 0,047 d_{17} + 0,054 d_{10} - 0,074 d_{19} \quad (2)$$

Estas são assim as variáveis relevantes para o modelo ajustado (2), onde d_{10} (se a principal fonte de conhecimentos é a comunicação social), d_{21} (se o aluno pretende realizar uma profissão especializada), d_{23} (se o aluno pretende auferir entre 600€ e 1.200€ no primeiro emprego), d_{25} (se o aluno não tem experiência profissional) e d_{29} (se o aluno frequenta Ciências e Tecnologias) afetam positivamente o nível de literacia financeira global e d_2 (se o aluno não pretende prosseguir os estudos ou apenas frequentar um curso técnico), d_{17} (se o aluno não detém conta bancária), d_{19} (se o aluno pretende realizar uma profissão não qualificada ou de competências básicas) e d_{26} (se o aluno tem experiência a tempo inteiro) o afetam negativamente.

Comparando com a literatura analisada, a contribuição positiva para o nível de literacia financeira global, da motivação para desempenhar uma profissão especializada e do objetivo de auferir entre 600€ e 1.200€; e negativa se, ao invés, o aluno tem menos ambição profissional e escolar vão ao encontro do constatado por Mandell (2008). Em vez

dos pais (fonte de conhecimentos financeiros mais respondida), a comunicação social mostrou-se como fator significativo para a literacia financeira, podendo ser um ponto para investigação futura. Por seu turno, a contribuição positiva da frequência de Ciências e Tecnologias (curso mais próximo da área financeira) está também em linha com as conclusões de Bačová et al. (2013), Beal e Delpachitra (2003) e Chen e Volpe (2002). Todavia, o facto da experiência profissional detida ser desfavorável ao nível de literacia não está de acordo com o esperado, o que, tal como já sugerido, se pode prender com experiências sem grande impacto na autonomia financeira do estudante, o qual não adquiriu ainda, por este meio, os conhecimentos financeiros em causa. Já a contribuição negativa da não detenção de conta bancária está de acordo com os resultados do BP (2011), CNSF (2016), Mandell (2008) e OCDE (2014).

Para avaliar a qualidade do ajustamento do modelo, refira-se que o valor do coeficiente de determinação ajustado é de $R_{\alpha}^2 = 0,232$, significando que o primeiro permite explicar 23,2% da variação do nível de literacia financeira global. Este resultado está em linha com vários trabalhos na área, como por exemplo Chen e Volpe (1998), com 23,9% na secção de conhecimentos financeiros gerais e 32,8% globalmente, Peng et al. (2007), cujos modelos explicam até 25,8% ou Akben-Selcuk (2015), com menos de 20% nos vários modelos.

5.3. NÍVEL DE LITERACIA FINANCEIRA POR CATEGORIA

Até aqui foi analisado o resultado global do nível de literacia financeira, face ao grupo a que o aluno pertence. Todavia, é possível que o desempenho do mesmo seja diferente contemplando a categoria em que a questão se insere, nomeadamente Rendimento, Poupança e Investimento, Gestão de Dinheiro e Gastos e Endividamento.

A categoria com melhor média de respostas corretas é Poupança e Investimento (média de 61,7%), seguida de Rendimento (59,5%), Gastos e Endividamento (54,7%) e por último, Gestão de Dinheiro (50,0%). Esta categoria foi também a pior no inquérito de Mandell (2008), com 40,9% de respostas certas, mas nas restantes os resultados diferem, já que os melhores foram em Rendimento (56,1%), Gastos e Endividamento (50,8%) e Poupança e Investimento (43,2%). De uma forma geral, os resultados verificados em todas as categorias são superiores aos da *Jump\$tart*. Comparando com outros autores, mas no contexto

universitário, em temas relacionados com Gestão de Dinheiro, Beal e Delpachitra (2003) e Chen e Volpe (2002) obtiveram, respetivamente, cerca de 21,5% e 32,5% de respostas certas sobre seguros de vida, bastante inferior à obtida neste caso; mas Wagland e Taylor (2009), em objetivos financeiros, obtêm 96%, bastante superior ao verificado neste caso, donde o resultado global da categoria é razoável. Nas questões semelhantes às de Gastos e Endividamento, Beal e Delpachitra (2003) e Chen e Volpe (2002) verificaram, respetivamente, cerca de 69,7% e 57,4%, melhores resultados que os obtidos. Ainda estes autores obtiveram, para questões semelhantes às de Poupança e Investimento, respetivamente, cerca de 72,6% e 53,4%, os primeiros melhores do que a média obtida. Relativamente à categoria Rendimento, Wagland e Taylor (2009) obtiveram apenas 35% de respostas certas em questões sobre impostos, uma média bastante inferior à da categoria (59,5%) e mesmo à da subcategoria Antecipação de impostos (47,9%).

Na análise por grupos demográficos (Tabela 17), o nível de literacia do sexo feminino é superior ao do sexo masculino nas várias categorias (exceto Gastos e Endividamento), mas a diferença não é estatisticamente significativa (exceto para um nível de significância de 10% na categoria de Gestão de Dinheiro), segundo o teste T. Mandell (2008) verificou resultados bastante próximos entre os géneros em todas as categorias, sendo o das raparigas ligeiramente melhor em Gestão de Dinheiro e pior nas restantes. Por seu turno, em Gestão de Dinheiro, Wagland e Taylor (2009) e Chen e Volpe (2002) obtiveram resultados ligeiramente melhores pelos homens (1% e 5%, respetivamente, na questão sobre objetivos financeiros e seguros de vida), da mesma forma para os primeiros autores em Rendimento, na pergunta sobre impostos. Em Gastos e Endividamento e Poupança e Investimento, Chen e Volpe (2002) verificam também melhor desempenho pelos homens.

Em relação ao ano de escolaridade, o resultado médio nas várias categorias também não difere significativamente. Por último, quanto ao curso, foram realizados os testes de Brown-Forsythe e Welch, visto que a dimensão entre os grupos difere, tendo o resultado confirmado o da ANOVA: o nível de literacia é significativamente diferente exceto na categoria Gestão de Dinheiro (*p-value* de 0,291). Pelo teste LSD, quanto às categorias Rendimento e Gastos e Endividamento, o nível de literacia financeira difere entre os alunos de Ciências e Tecnologias (sendo superior) e os alunos de Artes Visuais ou de um curso

técnico; e entre os alunos de Línguas e Humanidades (sendo superior) e os de um curso técnico. Para Poupança e Investimento, o teste de Tamhane (não igualdade de variâncias) indica que a diferença entre as médias é significativa entre os alunos de Ciências e Tecnologias e os de um curso técnico.

Tabela 17 – Resultado médio por categoria e grupo demográfico.

		Poupança e Investimento	Rendimento	Gastos e Endividamento	Gestão de Dinheiro
Género	Feminino	62,4%	60,4%	54,3%	52,6%
	Masculino	60,7%	58,1%	55,2%	46,0%
Ano	10º	62,3%	57,2%	54,2%	54,2%
	11º	60,9%	62,8%	57,8%	57,8%
	12º	61,9%	58,4%	52,1%	52,1%
Curso	Ciências e Tecnologias	68,0%	67,3%	60,1%	46,4%
	Línguas e Humanidades	59,0%	60,2%	54,6%	52,4%
	Artes Visuais	59,6%	52,1%	51,8%	54,8%
	Técnico	53,5%	50,0%	46,4%	50,0%

Fonte: Elaboração própria.

Em termos socioeconómicos (Tabela 18), os testes de Brown-Forsythe e Welch confirmam o da ANOVA, apontando para a ausência de diferenças significativas quanto ao vencimento mensal do agregado familiar do aluno (exceto para um nível de significância de 10% em Rendimento, entre os alunos com rendimento mensal abaixo dos 700€, face a 1.500€ - 2.500€; e entre os que não sabem e aqueles entre os 700€ e os 2.500€). Estes resultados contrariam os de Mandell (2008), o qual tinha verificado pior desempenho dos dois escalões inferiores, em todas as categorias. Todavia, em relação ao grau educacional dos pais existem diferenças significativas entre os grupos em todas as categorias (testes de Brown-Forsythe e Welch e ANOVA, para um nível de significância de 5%). Discriminando através dos testes de comparações múltiplas, em Gestão de Dinheiro, os alunos com pais detentores de Licenciatura têm nível de literacia financeira significativamente superior àqueles com pais apenas com o Ensino Primário ou Básico (54,4% contra 38,2%, teste de Tamhane). Em Rendimento, quem desconhece o nível educacional dos pais tem pior resultado que os restantes grupos (teste LSD, com 5% de significância), da mesma forma

que alunos com pais detentores de Ensino Básico ou Primário, em comparação com Secundário. Em Poupança e Investimento, os alunos com pais licenciados têm significativamente melhor resultado que aqueles com pais com Ensino Primário ou Básico ou que não sabem, do mesmo modo que em Gastos e Endividamento (mas aqui esta relação também se aplica em relação ao Ensino Secundário). Estes resultados estão em linha com os de Mandell (2008) que verificou melhor desempenho para os escalões superiores em todas as categorias.

Tabela 18 – Resultado médio por categoria e grupo socioeconómico.

		Poupança e Investimento	Rendimento	Gastos e Endividamento	Gestão de Dinheiro
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	61,8%	55,4%	50,3%	43,1%
	700€ - 1.500€	62,3%	60,3%	55,5%	53,0%
	1.500€ - 2.500€	61,5%	64,8%	58,1%	54,4%
	Superior a 2.500€	60,9%	60,9%	52,9%	44,6%
	N/S	61,1%	53,0%	52,9%	46,6%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	56,6%	54,4%	49,5%	38,2%
	Ensino secundário	60,7%	63,8%	53,0%	52,1%
	Licenciatura	65,4%	59,9%	58,8%	54,4%
	N/S	50,0%	35,0%	44,4%	30,0%

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere às aspirações dos alunos (Tabela 19), quanto à ambição escolar os escalões que conferem maior grau têm em geral melhor resultado que os restantes, existindo diferenças significativas em todas as categorias (testes de Brown-Forsythe e Welch e ANOVA). Em Poupança e Investimento, esta prende-se entre quem pretende realizar uma Licenciatura e Mestrado e quem não pretende continuar a estudar ou apenas frequentar um curso técnico (67,7% contra 48,1%, teste de Tamhane), tal como na categoria Gestão de Dinheiro (55,9% contra 42,3%, teste LSD) e Gastos e Endividamento (59,1% contra 46,2%), ressaltando que nestas últimas os alunos no maior escalão também se distanciam significativamente dos indecisos (43,6% e 50,4%, respetivamente). Na categoria Rendimento, existem diferenças significativas entre quem não pretende continuar a

estudar ou apenas frequentar um curso técnico e todos os outros grupos, sendo o escalão com pior desempenho (teste LSD).

Também enquadrados nas aspirações, os planos de trabalho conferem um desempenho significativamente diferente em todas as categorias (testes de Brown-Forsythe e Welch e ANOVA) e os escalões de maior grau têm, em geral, melhor resultado que os restantes. De facto, pelo teste LSD verifica-se que os alunos que pretendem ter uma profissão especializada têm diferenças significativas e positivas face a todos os outros (categorias Rendimento e Gastos e Endividamento) e face aos que pretendem realizar uma profissão não qualificada ou de competências básicas e aos indecisos (Poupança e Investimento e Gestão de Dinheiro). Há ainda um fenómeno evidente em todas as categorias, exceto Gestão de Dinheiro: os alunos indecisos apresentam média significativamente superior à daqueles com planos profissionais menos qualificados.

Finalizando a componente aspiracional, em relação à ambição remuneratória, existem diferenças significativas nas categorias Rendimento e Gastos e Endividamento (em Poupança e Investimento também, mas apenas para significância de 10%), segundo os testes de Brown-Forsythe e Welch e ANOVA. Em Rendimento, o grupo que pretende auferir até 600€ no primeiro salário distancia-se de forma significativa e negativa daqueles que se posicionam entre os 600€ - 1.200€, bem como em Gastos e Endividamento, mas aqui os primeiros distanciam-se também em relação aos do escalão mais alto (teste LSD).

Tabela 19 – Resultado médio por categoria e fator aspiracional.

		Poupança e Investimento	Rendimento	Gastos e Endividamento	Gestão de Dinheiro
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	48,1%	44,2%	46,2%	42,3%
	Licenciatura	59,6%	62,2%	54,3%	47,9%
	Licenciatura e mestrado	67,7%	63,6%	59,1%	55,9%
	N/S	59,0%	56,4%	50,4%	43,6%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	45,3%	43,8%	39,6%	35,9%
	Técnico	57,4%	52,2%	48,5%	44,1%
	Especializado	65,6%	64,7%	59,2%	55,0%
	N/S	59,3%	54,5%	51,0%	44,8%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	55,3%	50,0%	44,3%	36,8%
	600€ - 1.200€	65,2%	63,0%	56,7%	52,6%
	Mais de 1.200€	59,1%	57,2%	55,9%	49,5%
	N/S	59,4%	58,0%	52,7%	50,7%

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à educação prévia (Tabela 20), o nível de literacia dos alunos que respondem não ter tido formação específica é superior ao dos restantes, nas várias categorias, mas a diferença não é estatisticamente significativa para Poupança e Investimento e Rendimento (nesta apenas para um nível de significância de 10%), segundo o teste T. Também Mandell (2008) constatou que quem tinha formação específica conseguiu piores resultados em todas as categorias. Adicionalmente, quanto à fonte de conhecimentos, existem diferenças significativas em todas as categorias, exceto Gestão de Dinheiro (nesta apenas se se considerar um nível de significância de 10%), segundo os testes de Brown-Forsythe e Welch e ANOVA. Em Rendimento e Gastos e Endividamento, os estudantes cuja principal fonte de conhecimento é a comunicação social e a escola diferenciam-se de modo significativo de todos os outros (os primeiros pela positiva e os segundos pela negativa, segundo o teste LSD). Em Poupança e Investimento, há uma diferença significativa e positiva entre o grupo cuja principal fonte de conhecimento são os pais ou a comunicação social e todos os outros, mas não entre si (teste LSD).

Tabela 20 – Resultado médio por categoria e educação prévia do aluno.

		Poupança e Investimento	Rendimento	Gastos e Endividamento	Gestão de Dinheiro
Formação prévia	Não	62,2%	60,3%	55,8%	51,2%
	Sim	57,2%	51,3%	43,4%	38,2%
Fonte	Pais	63,7%	60,1%	55,2%	51,0%
	Comunicação social	67,3%	67,7%	62,3%	51,5%
	Experiência do dia a dia	55,6%	58,5%	52,3%	52,1%
	Escola	48,4%	39,5%	39,8%	33,9%

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à experiência de gestão de dinheiro (Tabela 21), ser detentor de conta bancária conduz a diferenças entre os grupos, exceto na categoria Rendimento (nesta apenas se se considerar um nível de significância de 10%), segundo os testes de Brown-Forsythe e Welch e ANOVA. Em Gestão de Dinheiro, quem possui conta à ordem ou a prazo tem uma diferença significativa e positiva em relação a quem não possui nenhuma ou quem possui ambas (teste LSD). Já em Gastos e Endividamento e Poupança e Investimento, quem não detém conta bancária tem um resultado significativa e negativamente inferior a quem detém qualquer tipo ou ambos (teste LSD e Tamhane, respetivamente). Também Mandell (2008) verificou que alunos sem conta bancária têm pior desempenho em todas as categorias, dando ênfase a Poupança e Investimento. Em geral, os alunos que utilizam cartão de débito têm resultados inferiores aos restantes, mas a diferença não é significativa em qualquer categoria. Mandell (2008) verificou resultados ligeiramente melhores para quem utiliza cartão de débito, mas piores se o cartão for de crédito. Finalmente, quanto à experiência profissional existem diferenças de desempenho significativas em todas as categorias (testes de Brown-Forsythe e Welch e ANOVA). Em Poupança e Investimento, quem possui experiência a tempo inteiro tem um resultado significativamente inferior aos outros grupos (teste LSD). Nas restantes categorias, quem não apresenta experiência tem um desempenho significativamente melhor que os demais (teste LSD). Todavia, Mandell (2008) tinha verificado o oposto.

Tabela 21 – Resultado médio por categoria e experiência de gestão de dinheiro do aluno.

		Poupança e Investimento	Rendimento	Gastos e Endividamento	Gestão de Dinheiro
Conta bancária	Sem conta	55,2%	55,9%	50,6%	46,2%
	Conta à ordem ou a prazo	65,9%	62,6%	57,3%	55,6%
	Conta à ordem e a prazo	67,1%	60,4%	58,1%	45,7%
Cartão débito	Não usa	62,2%	60,2%	54,7%	51,7%
	Levantamentos e/ou compras	60,5%	57,8%	54,6%	45,9%
Experiência profissional	Sem	65,6%	63,4%	58,6%	54,0%
	Alguma tempo inteiro	42,6%	47,7%	42,0%	37,0%
	Apenas tempo parcial	60,7%	52,5%	48,3%	43,6%

Fonte: Elaboração própria.

No Apêndice 4, estão disponíveis os resultados por questão, com o enquadramento desta última e breve explicação da mesma, quando considerado necessário. Apresenta-se a distribuição percentual de cada alínea por grupo de alunos e apuram-se casos de diferenças relevantes.

De seguida, apresentam-se as principais conclusões do trabalho.

6. CONCLUSÕES

De modo a responder aos principais objetivos deste trabalho: determinar o nível de literacia financeira numa amostra de jovens e que fatores o influenciam, foi aplicado um questionário em papel, a turmas dos três anos letivos (10.º a 12.º) de uma escola do Ensino Secundário, da cidade de Aveiro.

Relembrando as questões de investigação: qual o nível de literacia financeira presente, que fatores influenciam o nível de literacia encontrado e se é possível discriminar em cada fator que classes apresentam uma relação linear com o nível de literacia, é possível retirar as seguintes conclusões.

O nível de literacia financeira global é de 57,0% (o qual corresponde à média de respostas corretas), sendo considerado médio, mas próximo de baixo (seria baixo se a média fosse até 50%).

Os fatores em estudo foram o género, ano de escolaridade, curso frequentado, rendimento familiar, educação dos pais, ambição escolar, ambição profissional, ambição remuneratória, fonte de conhecimentos, formação específica, titularidade de conta bancária, utilização de cartão de débito e experiência profissional, procurando-se a existência de uma relação linear significativa entre estes e o nível de literacia financeira global. Destes, constatou-se haver uma relação significativa com o nível de literacia financeira global, para o curso frequentado, educação dos pais, ambição escolar, ambição profissional, ambição remuneratória, fonte de conhecimentos, formação específica, detenção de conta bancária e experiência profissional.

Estas associações estão de acordo com o esperado para o curso, educação dos pais, ambição escolar, ambição profissional, ambição remuneratória e detenção de conta bancária (alunos com mais proximidade à área financeira, cujos pais têm maior grau de ensino, que têm planos escolares, profissionais ou remuneratórios mais elevados e com maior experiência em lidar com produtos financeiros têm maior nível de literacia). As restantes não estão de acordo com o esperado, pois, quanto à fonte de conhecimentos, o grupo com melhor desempenho é o de quem aponta a comunicação social (e não os pais),

e os alunos com formação específica e com experiência profissional apresentam piores resultados que os restantes.

Por outro lado, encontrou-se uma relação linear significativa entre alguns fatores de influência e o nível de literacia financeira global, nomeadamente quanto à fonte de conhecimentos (comunicação social), ambição profissional (pretende exercer uma profissão especializada), ambição remuneratória (pretende auferir entre 600€ e 1.200€ no primeiro emprego), experiência profissional (não tem experiência profissional) e curso (Ciências e Tecnologias), de forma positiva, e ambição escolar (não pretende prosseguir os estudos ou apenas frequentar um curso técnico), conta bancária (não detém), ambição profissional (pretende exercer uma profissão não qualificada ou de competências básicas) e experiência profissional (alguma a tempo inteiro), de modo negativo.

Finalmente, nas categorias analisadas, verificou-se que aquela que apresenta uma melhor média de respostas corretas é a categoria de Poupança e Investimento (61,7%), seguida de Rendimento (59,5%), Gastos e Endividamento (54,7%) e, por último, Gestão de Dinheiro (50,0%).

Este trabalho apresenta algumas limitações, nomeadamente a circunscrição a apenas uma zona geográfica, a uma única escola e a um ano letivo (2016/2017).

Mediante os resultados obtidos, sugerem-se alguns pontos de melhoria para trabalhos futuros, para o mesmo público-alvo:

- 1) restringir os escalões usados em questões de caracterização do respondente, já que se verificou que alguns tinham pouca expressão individual;
- 2) procurar perceber melhor qual a experiência profissional detida, através da quantificação em escalas de tempo (por exemplo, “No último ano, considerando um dia de trabalho normal composto por 8h, quantos dias em média trabalhaste?; entre 10 e 30; entre 30-60”);
- 3) exemplificar com conteúdos ou conceitos aprendidos, aquando das questões sobre a formação específica prévia (por exemplo, taxa de juro, valor temporal do dinheiro, risco) e o contexto da mesma (inserida no programa de alguma disciplina ou numa atividade extra-aula, como um seminário);

- 4) aprofundar a investigação sobre a influência dos meios de comunicação social, discernindo sobre a plataforma em causa (por exemplo, redes sociais, *online*, televisão, rádio, revista) e meio (por exemplo, debate, *blog*, discussão, artigo), dado que esta fonte de conhecimentos não está tão explorada quanto a influência parental.

Por fim, e no sentido de colmatar as limitações anteriormente referidas, considera-se também enriquecedor que, em trabalhos futuros, se abranjam escolas de outras regiões do país, da mesma região e noutros anos letivos. Deste modo, haveria lugar a comparabilidade geográfica e temporal, pese embora todos os condicionamentos legais, burocráticos e logísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M., & Mendes, V. (2006). Cultura financeira dos investidores e diversificação das carteiras. *Cadernos Do Mercado de Valores Mobiliários*, (23), 24–39.
- Akben-Selcuk, E. (2015). Factors influencing college students' financial behaviors in Turkey: Evidence from a national survey. *International Journal of Economics and Finance*, 7(6), 87–94. <https://doi.org/10.5539/ijef.v7n6p87>
- Al-Tamimi, H. A. H., & Kalli, A. A. Bin. (2009). Financial literacy and investment decisions of UAE investors. *The Journal of Risk Finance*, 10(5), 500–516. <https://doi.org/10.1108/15265940911001402>
- Allen, M. W., Edwards, R., Hayhoe, C. R., & Leach, L. (2007). Imagined interactions, family money management patterns and coalitions, and attitudes toward money and credit. *Journal of Family and Economic Issues*, 28(1), 3–22. <https://doi.org/10.1007/s10834-006-9048-1>
- Almenberg, J., & Säve-Söderbergh, J. (2011). *Financial literacy and retirement planning in Sweden* (Netspar Discussion Paper No. 01/2011-018). Retrieved from <http://ssrn.com/abstract=1809736>
- Altintas, K. M. (2011). The dynamics of financial literacy within the framework of personal finance: An analysis among turkish university students. *African Journal of Business Management*, 5(26), 10483–10491. <https://doi.org/10.5897/AJBM11.401>
- Ameriks, J., Caplin, A., & Leahy, J. (2003). Wealth accumulation and the propensity to plan. *The Quarterly Journal of Economics*, 118(3), 1007–1047. <https://doi.org/10.1162/00335530360698487>
- Atkinson, A., McKay, S., Collard, S., & Kempson, E. (2007). Levels of financial capability in the UK: Results of a baseline survey. *Public Money & Management*, 27(1), 29–36. Retrieved from <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9302.2007.00552.x>
- Báčová, M., Čonková, M., & Bričová, Z. (2013). Financial literacy of students in Slovak Republic. In *The 7th International Days of Statistics and Economics* (pp. 51–60). Praga:

- University of Economics. Retrieved from https://msed.vse.cz/msed_2013/en/toc
- Banco de Portugal. (2011). *Relatório do inquérito à literacia financeira da população portuguesa (2010)*. Lisboa: Departamento de Supervisão Comportamental. Retrieved from <http://cliente.bancario.bportugal.pt/pt-PT/Publicacoes/InqueritoLiteraciaFinanceira/Paginas/InqueritoLiteraciaFinanceira.aspx>
- Beal, D. J., & Delpachitra, S. B. (2003). Financial literacy among australian university students. *Economic Papers: A Journal of Applied Economics and Policy*, 22(1), 65–78. <https://doi.org/10.1111/j.1759-3441.2003.tb00337.x>
- Benavente, A., Rosa, A., Costa, A. F. da, & Ávila, P. (1996). Níveis de literacia da população adulta. In A. Benavente (Ed.), *A literacia em Portugal: Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian Educação / Conselho Nacional de Educação.
- Borden, L. M., Lee, S.-A., Serido, J., & Collins, D. (2008). Changing college students' financial knowledge, attitudes, and behavior through seminar participation. *Journal of Family and Economic Issues*, 29(1), 23–40. <https://doi.org/10.1007/s10834-007-9087-2>
- Bucher-Koenen, T., & Lusardi, A. (2011). *Financial literacy and retirement planning in Germany* (National Bureau of Economic Research Working Paper No. 17110). Retrieved from <http://www.nber.org/papers/w17110>
- Buckland, J. (2010). Are low-income Canadians financially literate? Placing financial literacy in the context of personal and structural constraints. *Adult Education Quarterly*, 60(4), 357–376. <https://doi.org/10.1177/074713609358449>
- Chen, H., & Volpe, R. P. (1998). An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial Services Review*, 7(2), 107–128. [https://doi.org/10.1016/S1057-0810\(99\)80006-7](https://doi.org/10.1016/S1057-0810(99)80006-7)
- Chen, H., & Volpe, R. P. (2002). Gender difference in personal financial literacy among college students. *Financial Services Review*, 11(3), 289–307. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/285358406_Gender_Differences_in_Pers

- Chowa, G. A. N., & Despard, M. R. (2014). The influence of parental financial socialization on youth's financial behavior: Evidence from Ghana. *Journal of Family and Economic Issues*, 35(3), 376–389. <https://doi.org/10.1007/s10834-013-9377-9>
- Clarke, M. C., Heaton, M. B., Israelsen, C. L., & Eggett, D. L. (2005). The acquisition of family financial roles and responsibilities. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 33(4), 321–340. <https://doi.org/10.1177/1077727X04274117>
- Conselho Nacional de Supervisores Financeiros. (2016). *Relatório do inquérito à literacia financeira da população portuguesa (2015)*. Lisboa: Conselho Nacional de Supervisores Financeiros. Retrieved from <http://cliente.bancario.bportugal.pt/pt-PT/Publicacoes/InqueritoLiteraciaFinanceira/Paginas/InqueritoLiteraciaFinanceira.aspx>
- De Bondt, W. F. M. (1998). A portrait of the individual investor. *European Economic Review*, 42(3–5), 831–844. [https://doi.org/10.1016/S0014-2921\(98\)00009-9](https://doi.org/10.1016/S0014-2921(98)00009-9)
- Fornero, E., & Monticone, C. (2011). *Financial literacy and pension plan participation in Italy* (Netspar Discussion Paper No. 01/2011-019). Retrieved from <http://ssrn.com/abstract=1810475>
- Frączek, B., & Klimontowicz, M. (2015). Financial literacy and its influence on young customers' decision factors. *Journal of Innovation Management*, 3(1), 62–84. Retrieved from <http://www.open-jim.org/article/view/69/73>
- Henriques, S. C. M. (2010). *Aspectos da literacia financeira dos portugueses: Um estudo empírico*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro). Retrieved from <http://ria.ua.pt/handle/10773/3736>
- Hogarth, J. M., Anguelov, C. E., & Lee, J. (2005). Who has a bank account? Exploring changes over time, 1989–2001. *Journal of Family and Economic Issues*, 26(1), 7–30. <https://doi.org/10.1007/s10834-004-1410-6>
- John, D. R. (1999). Consumer socialization of children: A retrospective look at twenty-five years of research. *Journal of Consumer Research*, 26(3), 183–213.

<https://doi.org/10.1086/209559>

- Jorgensen, B. L., Foster, D., Jensen, J. F., & Vieira, E. (2017). Financial attitudes and responsible spending behavior of emerging adults: Does geographic location matter? *Journal of Family and Economic Issues*, 38(1), 70–83. <https://doi.org/10.1007/s10834-016-9512-5>
- Jorgensen, B. L., & Savla, J. (2010). Financial literacy of young adults: The importance of parental socialization. *Family Relations*, 59(4), 465–478. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2010.00616.x>
- Kefela, G. (2011). Implications of financial literacy in developing countries. *African Journal of Business Management*, 5(9), 3699–3705. <https://doi.org/10.5897/AJBM09.297>
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2011). *Financial literacy and retirement planning in the United States* (National Bureau of Economic Research Working Paper No. 17108). Retrieved from <http://www.nber.org/papers/w17108>
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, 52(1), 5–44. <https://doi.org/10.1257/jel.52.1.5>
- Lyons, A. C., Chang, Y., & Scherpf, E. M. (2006). Translating financial education into behavior change for low-income populations. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 17(2), 27–45. Retrieved from <https://my.afcpe.org/system/journals/vol-1721-lyons.pdf>
- Mandell, L. (2008). *Financial literacy of young american adults: Results of the 2008 national Jump\$tart coalition: Survey of high school seniors and college students*. Washington: Jump\$tart Coalition® for Personal Financial Literacy. Retrieved from <http://jumpstart.org/survey.html>
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística: Com utilização do SPSS* (3ª Edição). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Mitchell, O. S., & Lusardi, A. (2015). *Financial literacy and economic outcomes: Evidence and policy implications* (Global Financial Literacy Excellence Center Working Paper No.

- 2015–1). <https://doi.org/10.2139/ssrn.2568732>
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico. (2014). *PISA 2012 results: Students and money: Financial literacy skills for the 21st century* (Vol. VI). Paris: OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/9789264208094-en>
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico. (2016a). *OECD/INFE international survey of adult financial literacy competencies*. Retrieved from <http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/oecd-infe-survey-adult-financial-literacy-competencies.htm>
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico. (2016b). *PISA 2015 results in focus* (No. 67). *PISA in Focus*. Paris: OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/aa9237e6-en>
- Peng, T.-C. M., Bartholomae, S., Fox, J. J., & Cravener, G. (2007). The impact of personal finance education delivered in high school and college courses. *Journal of Family and Economic Issues*, 28(2), 265–284. <https://doi.org/10.1007/s10834-007-9058-7>
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS* (5ª Edição). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Power, M. L., Hobbs, J. M., & Ober, A. (2011). An empirical analysis of the effect of financial education on graduating business students' perceptions of their retirement planning familiarity, motivation, and preparedness. *Risk Management and Insurance Review*, 14(1), 89–105. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6296.2011.01194.x>
- Shefrin, H. (2001). Behavioral corporate finance. *Journal of Applied Corporate Finance*, 14(3), 113–126. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6622.2001.tb00443.x>
- Sherraden, M. S., Johnson, L., Elliott III, W., Porterfield, S., & Rainford, W. (2007). School-based children's saving accounts for college: The I Can Save program. *Children and Youth Services Review*, 29(3), 294–312. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2006.07.008>
- Shim, S., Serido, J., Tang, C., & Card, N. (2015). Socialization processes and pathways to healthy financial development for emerging young adults. *Journal of Applied*

- Developmental Psychology*, 38, 29–38. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2015.01.002>
- Stango, V., & Zinman, J. (2009). Exponential growth bias and household finance. *Journal of Finance*, 64(6), 2807–2849. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6261.2009.01518.x>
- Statman, M. (1999). Behavioral finance: Past battles and future engagements. *Financial Analysts Journal*, 55(6), 18–27. <https://doi.org/10.2469/faj.v55.n6.2311>
- Szpringer, W. (2007). Improving financial literacy: Reconciling suppliers and consumers? *Finance & Bien Commun*, 3(28–29), 159–166. <https://doi.org/10.3917/fbc.028.0159>
- Tang, N., Baker, A., & Peter, P. C. (2015). Investigating the disconnect between financial knowledge and behavior: The role of parental influence and psychological characteristics in responsible financial behaviors among young adults. *The Journal of Consumer Affairs*, 49(2), 376–406. <https://doi.org/10.1111/joca.12069>
- Te’eni-Harari, T. (2016). Financial literacy among children: The role of involvement in saving money. *Young Consumers*, 17(2), 197–208. <https://doi.org/10.1108/YC-01-2016-00579>
- Tomášková, H., Mohelská, H., & Němcová, Z. (2011). Issues of financial literacy education. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 28, 365–369. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2011.11.069>
- Van Rooij, M. C. J., Lusardi, A., & Alessie, R. J. M. (2011). Financial literacy and retirement planning in the Netherlands. *Journal of Economic Psychology*, 32(4), 593–608. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2011.02.004>
- Wagland, S. P., & Taylor, S. (2009). When it comes to financial literacy, is gender really an issue? *Australasian Accounting, Business and Finance Journal*, 3(1), 13–25. Retrieved from <http://ro.uow.edu.au/aabfj/vol3/iss1/3>
- Xiao, J. J., Sorhaindo, B., & Garman, E. T. (2006). Financial behaviours of consumers in credit counselling. *International Journal of Consumer Studies*, 30(2), 108–121. <https://doi.org/10.1111/j.1470-6431.2005.00455.x>

Apêndices

Apêndice 1: questionário

O questionário que se segue pretende analisar o nível de conhecimentos financeiros dos alunos do Ensino Secundário, ao abrigo do mestrado em Contabilidade da Universidade de Aveiro, elaborado por Ana Patrícia Marinho Barros. É anónimo, com respostas confidenciais, estritamente para os fins deste estudo.

O tempo de resposta é de aproximadamente 15 minutos, sendo muito importante a tua colaboração para este trabalho. Peço que respondas a todas as questões, tentando assinalar a alínea correta.

A – Conhecimentos financeiros

1. Qual das afirmações é verdadeira, em relação ao Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA)?
 - a) No Continente, a taxa normal é de 20%.
 - b) O valor correspondente é deduzido do vencimento mensal.
 - c) Se o rendimento mensal for baixo, não se paga este imposto.
 - d) Os produtos tornam-se mais caros de adquirir.
2. A Sara poupou 2.000€ a trabalhar em *part-time*, para as despesas que vai ter no ano seguinte, no ensino superior. Qual a forma mais segura para guardar este dinheiro?
 - a) Em casa, no guarda-roupa.
 - b) Investindo em ações.
 - c) Investindo em obrigações emitidas por empresas.
 - d) Numa conta de depósito a prazo.
3. O Afonso e a Lara têm a mesma idade. Aos 25 anos, a Lara começou a poupar 2.000€ por ano, enquanto o Afonso não poupou nada. Aos 50 anos, o Afonso percebeu que iria precisar de dinheiro para a reforma e começou a poupar 4.000€ por ano, enquanto a Lara manteve os 2.000€. Hoje, ambos têm 75 anos. Qual dos dois tem mais dinheiro na conta poupança, assumindo o regime de juros compostos (juros de juros)?
 - a) Têm ambos o mesmo, porque puseram de lado a mesma quantia.
 - b) O Afonso, pois poupou mais por ano.
 - c) A Lara, porque pôs mais dinheiro de lado.
 - d) A Lara, porque o valor que pôs de lado cresceu durante mais tempo.
4. O montante mensal que recibes do trabalho é inferior ao teu vencimento bruto. Qual das seguintes alíneas melhor descreve o valor retirado?
 - a) Contribuições para a Segurança Social.
 - b) Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares, Imposto Municipal sobre Imóveis e contribuições para a Segurança Social.
 - c) Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares e contribuições para a Segurança Social.
 - d) Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares, contribuições para a Segurança Social e Imposto sobre o Valor Acrescentado.
5. Qual dos seguintes grupos sofreria mais em períodos de inflação elevada?
 - a) Casais idosos, no ativo, a poupar para a reforma.
 - b) Casais idosos, com reformas de valor fixo.
 - c) Casais jovens, no ativo, sem crianças.
 - d) Casais jovens, no ativo, com crianças.

6. O Rafael, recém-empregado, ganha 1.000€ por mês. Tem gastos mensais de 400€ para a renda da casa, 200€ para a compra de alimentos e 100€ para o transporte. Se orçamentar ainda 50€ para roupa e 150€ para o resto, quanto tempo demora a poupar 300€?
- a) 3 meses.
 - b) 4 meses.
 - c) 1 mês.
 - d) 2 meses.
7. O Rui tem um bom trabalho na linha de produção de uma fábrica, na sua terra natal. Nos últimos dois anos, os impostos aplicados às empresas têm aumentado, sendo superiores aos dos países vizinhos. Qual o efeito mais provável para o trabalho do Rui?
- a) Maiores taxas de imposto vão levar a que mais empresas se mudem para o país do Rui, pelo que os salários vão aumentar.
 - b) Maiores taxas de imposto não afetam o trabalho do Rui.
 - c) A empresa onde o Rui trabalha pode mudar-se para um país vizinho, ameaçando o seu posto de trabalho.
 - d) É provável que o Rui tenha um aumento, para compensar a subida de impostos.
8. Se estiveres com problemas a pagar as tuas dívidas e recorrereres a um serviço de aconselhamento sobre o crédito, como a linha de apoio financeiro da DECO, que ajuda podem oferecer-te?
- a) Cancelam os cartões de crédito, sem o teu consentimento.
 - b) Fazem com que o Estado aplique o teu Imposto sobre o Rendimento para pagar as dívidas.
 - c) Tentam acordar com quem te emprestou dinheiro, para agendar um plano de pagamento que possas cumprir.
 - d) Obrigam quem te emprestou dinheiro a perdoar as tuas dívidas.
9. Qual dos seguintes melhor descreve a fonte primária de rendimento para indivíduos com idade entre 20 - 35 anos?
- a) Juros e dividendos.
 - b) Salário.
 - c) Lucros empresariais distribuídos.
 - d) Arrendamento.
10. O Paulo e o Ivo são jovens colegas de trabalho, com o mesmo salário e uma boa história de crédito. O Paulo pediu um empréstimo de 3.000€ para gozar férias no estrangeiro, enquanto o Ivo pediu 3.000€ para ajuda na compra de um carro. Quem pagará taxa de juro mais baixa?
- a) O Ivo, porque o carro serve de garantia para o empréstimo.
 - b) Pagam a mesma taxa, porque esta é imposta por lei.
 - c) O Paulo, porque as pessoas que viajam para o estrangeiro apresentam risco mais baixo.
 - d) Pagam a mesma taxa, porque têm um passado financeiro semelhante.
11. Se as seguintes pessoas tiverem o mesmo vencimento líquido, quem **precisará** de um seguro de vida mais elevado?
- a) Um idoso reformado, cuja esposa também está reformada.
 - b) Um jovem casado, sem filhos.
 - c) Uma jovem solteira, com dois filhos pequenos.
 - d) Uma jovem solteira, sem filhos.

12. A Rute e o Tiago, casados, pediram um empréstimo para comprar casa. Qual deles tem responsabilidade perante o banco?
- Cada um tem responsabilidade por metade da dívida.
 - Têm ambos responsabilidade pela totalidade da dívida.
 - Depende do salário de cada um.
 - Depende da idade de cada um.
13. Qual das seguintes afirmações é verdadeira?
- Os bancos são obrigados a informar o Banco de Portugal sobre o incumprimento bancário dos seus clientes, pelo que todos os outros bancos têm acesso a essa informação.
 - As pessoas têm tantos empréstimos que é muito pouco provável que um banco conheça situações de incumprimento com outro banco.
 - Uma história de incumprimento com um banco não é tida em conta quando se pede um novo empréstimo noutra.
 - A falha de pagamento, superior a 2 anos, de uma dívida não pode ser usada na decisão de emprestar mais dinheiro.
14. Em que situação beneficiarias em comprar algo com dinheiro emprestado, para devolver o valor com rendimentos futuros?
- Na compra de um carro que te permite ir para um emprego melhor.
 - Quando precisas mesmo de uma semana de férias.
 - Para comprar roupa de que gostas mesmo, na altura de saldos.
 - Se os juros do empréstimo forem superiores aos das poupanças.
15. Se um depósito a prazo tiver uma taxa de juro de 3% e a inflação for de 4%, o rendimento da poupança é positivo?
- Sim.
 - Não.
 - Depende da taxa de IVA normal.
 - Depende das contribuições para a Segurança Social.
16. Se a conta à ordem da Sílvia tiver o extrato que se segue e, em 11 de outubro de 2016, for debitada a fatura da eletricidade, de 250€, o saldo é suficiente?

BANCO ABC, SA Depósito à ordem – Extrato de conta em 10 de outubro de 2016

EUR			
Data	Descrição	Importância	Saldo
	Saldo anterior		100,00
24-09-2016	Levantamento	-80,00	20,00
30-09-2016	Salário	600,00	620,00
09-10-2016	Supermercado	-400,00	220,00
	Saldo disponível		220,00
	Saldo autorizado		400,00

- Não.
- Sim, mas a conta fica com um descoberto de 30€.
- Sim, a conta tem saldo suficiente, não sendo necessário recorrer ao descoberto.
- Sim, mas a conta fica com um descoberto de 250€.

B – Perfil do(a) inquirido(a)

17. Qual o teu género?
- a) Masculino
 - b) Feminino
18. Quais os teus planos para quando terminares o secundário?
- a) Não planeio continuar a estudar.
 - b) Curso técnico-profissional / de especialização tecnológica.
 - c) Licenciatura.
 - d) Licenciatura e mestrado.
 - e) Não sei.
19. Onde pensas que se situa o vencimento mensal, recebido pelo teu agregado familiar?
- a) Abaixo dos 700€.
 - b) Entre 700€ e 1.500€.
 - c) Entre 1.500€ e 2.500€.
 - d) Superior a 2.500€.
 - e) Não sei.
20. Qual consideras ser a principal fonte dos conhecimentos financeiros que possuis?
- a) Pais.
 - b) Meios de comunicação social.
 - c) Experiência do dia a dia.
 - d) Escola.
21. Em que ano do ensino secundário te encontras?
- a) 10.º ano (ou equivalente).
 - b) 11.º ano (ou equivalente).
 - c) 12.º ano (ou equivalente).
22. Qual o grau de educação mais alto que os teus pais completaram?
- a) Escola primária.
 - b) Ensino básico.
 - c) Ensino secundário.
 - d) Ensino superior.
 - e) Não sei.
23. És titular de alguma conta bancária?
- a) Não.
 - b) Tenho uma conta à ordem, mas não tenho conta a prazo.
 - c) Tenho uma conta a prazo, mas não tenho conta à ordem.
 - d) Sou titular de uma conta à ordem e de uma conta a prazo.

24. Que tipo de trabalho pretendes realizar quando terminares de estudar?
- a) Não qualificado, como funcionário de limpeza ou ajudante de cozinha.
 - b) De competências básicas, como eletricista, vendedor ou administrativo.
 - c) Técnico, como detetive, encarregado ou técnico de análises clínicas.
 - d) Especializado, como engenheiro, médico ou professor.
 - e) Não sei.
25. Quando começares a trabalhar, após terminares de estudar, quanto pensas receber, não considerando impostos?
- a) Até 600€.
 - b) Entre 600€ e 800€.
 - c) Entre 800€ e 1.200€.
 - d) Entre 1.200€ e 2.000€.
 - e) Mais de 2.000€.
 - f) Não sei.
26. Como descreverias a tua experiência profissional?
- a) Até ao momento, não tenho experiência profissional.
 - b) Trabalho a tempo inteiro no verão e tempo parcial durante a época de aulas.
 - c) Trabalho a tempo inteiro no verão, mas não durante a época de aulas.
 - d) Trabalho a tempo parcial no verão e durante a época de aulas.
 - e) Trabalho a tempo parcial no verão, mas não durante a época de aulas.
27. De que forma utilizas o teu cartão de débito?
- a) Para levantar dinheiro e comprar artigos.
 - b) Para levantar dinheiro.
 - c) Não utilizo cartão de débito.
28. Já tiveste alguma formação relacionada com a área financeira ou económica?
- a) Sim.
 - b) Não.
29. Em que curso te encontras?
- | | |
|--|----------------------------------|
| a) Ciências e Tecnologias. | e) Técnico de Gestão Desportiva. |
| b) Línguas e Humanidades. | f) Técnico de Fotografia. |
| c) Artes Visuais. | g) Técnico de Serviços Jurídicos |
| d) Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos. | h) Outro. |
| | Qual? _____ |

Terminaste o questionário, obrigada pela colaboração!

Apêndice 2: grelha de respostas corretas

Tabela 22 – Respostas corretas da parte A do questionário, por questão.

Questão	Alínea correta
1	d
2	d
3	d
4	c
5	b
6	a
7	c
8	c
9	b
10	a
11	c
12	b
13	a
14	a
15	b
16	b

Fonte: Elaboração própria.

Apêndice 3: autorização do questionário pela DGE



Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

[Início](#) » [Pesquisar Inquéritos](#) » **Ficha de inquérito**

Dados da Entidade

Nome da entidade: Ana Patrícia Marinho Barros

Tipo de entidade: Outro: Aluna de mestrado do Instituto Superior de Contabilidade e Administração da Universidade de Aveiro

Dados do Inquérito

Número de registo:
0568400001

Designação:
Literacia financeira – estudo na população jovem

Dados adicionais

Estado:
Aprovado

Avaliação:
Exmo.(a) Senhor(a) Ana Patrícia Marinho Barros
Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.
Com os melhores cumprimentos
José Vitor Pedroso
Diretor-Geral
DGE

Observações:
a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público do concelho de Aveiro, a contactar para a realização do estudo. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, devendo fazer-se em estreita articulação com a Direção do Agrupamento.
b) Deve considerar-se o disposto na Lei nº 67/98 em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados, (não identificar ou tornar identificável), considerando que serão recolhidos num único estabelecimento de ensino, sendo necessário solicitar o consentimento informado e esclarecido do titular dos dados. No caso presente de inquirição de alunos menores (menos de 18 anos) este deverá ser atestado pelos seus representantes legais. As autorizações assinadas pelos Encarregados de Educação devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem os alunos. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes das declarações de consentimento informado.
c) Informa-se, ainda, que a DGE não é competente para autorizar a realização de intervenções educativas/desenvolvimento de projetos e atividades/programas de intervenção ou de formação em meio escolar, junto de alunos em contexto de sala de aula, dado ser competência da Escola/Agrupamento.

Outras observações:
Sem observações.

Apêndice 4: análise dos resultados por questão

Questão 1 – Antecipação de impostos

Segundo Mandell (2008), antes de se comprometer com gastos avultados, um indivíduo deve antever que rendimento terá disponível, realçando a importância do rendimento líquido, comparativamente ao bruto. Estudantes com experiência profissional podem verificar os descontos sofridos para a Segurança Social, Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares, entre outros. Para além disso, são ainda suportados outros impostos como o Imposto sobre o Valor Acrescentado, os quais reduzem o poder de compra. As questões 1 e 4, da categoria Rendimento e subcategoria Antecipação de impostos, testam os conhecimentos dos alunos sobre impostos, deduções e consequências (Mandell, 2008).

1. Qual das afirmações é verdadeira, em relação ao Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA)?
 - a) No Continente, a taxa normal é de 20%.
 - b) O valor correspondente é deduzido do vencimento mensal.
 - c) Se o rendimento mensal for baixo, não se paga este imposto.
 - d) Os produtos tornam-se mais caros de adquirir.

Adaptada do questionário da *Jump\$tart Coalition* à realidade portuguesa, esta questão tem como resposta certa a alínea d), pois este imposto é pago adicionalmente ao preço do artigo e as restantes incorretas, pois a taxa normal no Continente é de 23%, não há deduções relativamente a este imposto nos salários e o mesmo é pago independentemente do rendimento (nem é do conhecimento do comerciante qual o rendimento do cliente).

Foram obtidas 259 respostas certas, ou seja, 63,2%, proporção bastante melhor que a do questionário de 2008 da *Jump\$tart Coalition* (41,9%).

Analisando por fatores (Tabela 23³), a média de respostas certas do sexo feminino é superior à do masculino, mas a diferença é estatisticamente significativa apenas para 10% de significância (p -value 0,092, associação dada pelo coeficiente V de Cramer de 12,5%), segundo o teste do Qui-Quadrado. Já Mandell (2008) verificou melhores resultados no sexo masculino. O curso confere desempenhos significativamente diferentes (p -value 0,000,

³ Nesta tabela e nas seguintes, o asterisco (*) assinala a alínea correta.

associação de 17,6%), com melhor resultado pelos alunos de Ciências e Tecnologias (73,3%), e pior pelos de um curso técnico (41,8%), ao contrário do obtido por Mandell (2008), no segmento universitário. De facto, analisando os resíduos ajustados, verifica-se que os maiores desvios face ao esperado (se não houvesse associação entre o fator e o nível de literacia) estão na alínea a), onde menos alunos de Ciências e Tecnologias e mais de um curso técnico selecionam esta opção, seguidamente da alínea correta d), mas com seleções inversas (mais alunos de Ciências e Tecnologias e menos de um curso técnico).

Em relação à educação prévia não é possível concluir sobre a significância das associações, mas a proporção de respostas certas por quem não teve formação específica é superior à de quem teve. Também Mandell (2008) constatou que os alunos que frequentaram formação específica na área tiveram um desempenho especialmente fraco nesta questão.

Tabela 23 – Distribuição de respostas por fatores da questão 1 (continua).

		a)	b)	c)	d)*
Género	Feminino	17,9%	10,2%	4,5%	67,5%
	Masculino	19,5%	16,5%	7,3%	56,7%
Ano	10º	19,6%	13,8%	6,5%	60,1%
	11º	13,3%	9,6%	5,9%	71,1%
	12º	22,6%	14,6%	4,4%	58,4%
Curso	Ciências e Tecnologias	7,9%	12,7%	6,1%	73,3%
	Línguas e Humanidades	18,1%	8,4%	7,2%	66,3%
	Artes Visuais	21,7%	14,5%	3,6%	60,2%
	Técnico	38,0%	15,2%	5,1%	41,8%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	15,7%	9,8%	9,8%	64,7%
	700€ - 1.500€	18,2%	12,8%	2,7%	66,2%
	1.500€ - 2.500€	14,3%	11,0%	5,5%	69,2%
	Superior a 2.500€	17,4%	19,6%	6,5%	56,5%
	N/S	27,0%	12,2%	8,1%	52,7%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	25,0%	11,8%	5,9%	57,4%
	Ensino secundário	15,9%	13,1%	6,2%	64,8%
	Licenciatura	17,6%	13,2%	4,9%	64,3%
	N/S	26,7%	6,7%	6,7%	60,0%

Tabela 23 – Distribuição de respostas por fatores da questão 1 (conclusão).

		a)	b)	c)	d)*
Ambição escolar	Não pretende continuar / curso técnico	28,8%	17,3%	9,6%	44,2%
	Licenciatura	16,0%	16,0%	7,4%	60,6%
	Licenciatura e mestrado	14,5%	11,3%	4,3%	69,9%
	N/S	24,4%	9,0%	3,8%	62,8%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	31,3%	25,0%	6,3%	37,5%
	Técnico	23,5%	14,7%	14,7%	47,1%
	Especializado	13,4%	11,3%	4,2%	71,1%
	N/S	24,8%	11,4%	5,7%	58,1%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	18,4%	13,2%	5,3%	63,2%
	600€ - 1.200€	17,3%	12,8%	3,6%	66,3%
	Mais de 1.200€	20,6%	15,0%	8,4%	56,1%
	N/S	18,8%	8,7%	7,2%	65,2%
Formação prévia	Não	17,7%	12,1%	5,6%	64,5%
	Sim	26,3%	18,4%	5,3%	50,0%
Fonte	Pais	20,2%	11,1%	3,7%	65,0%
	Comunicação social	15,4%	16,9%	4,6%	63,1%
	Experiência do dia a dia	14,1%	14,1%	5,6%	66,2%
	Escola	22,6%	12,9%	22,6%	41,9%
Conta bancária	Sem conta	21,9%	13,0%	5,9%	59,2%
	Conta à ordem ou a prazo	18,7%	10,5%	4,7%	66,1%
	Conta à ordem e a prazo	10,0%	17,1%	7,1%	65,7%
Cartão débito	Não usa	18,8%	12,8%	4,9%	63,5%
	Levantamentos e/ou compras	18,0%	12,3%	7,4%	62,3%
Experiência profissional	Sem	16,8%	12,2%	3,5%	67,5%
	Alguma tempo inteiro	22,2%	11,1%	16,7%	50,0%
	Apenas tempo parcial	22,9%	15,7%	5,7%	55,7%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 2 – Risco, rendibilidade e liquidez

2. A Sara poupou 2.000€ a trabalhar em *part-time*, para as despesas que vai ter no ano seguinte, no ensino superior. Qual a forma mais segura para guardar este dinheiro?
- a) Em casa, no guarda-roupa.
 - b) Investindo em ações.
 - c) Investindo em obrigações emitidas por empresas.
 - d) Numa conta de depósito a prazo.

A segunda questão, inserida na categoria Poupança e Investimento, foi adaptada do questionário de 2008 da *Jump\$tart* e tem como resposta certa a alínea d). Dinheiro guardado no guarda-roupa pode ser roubado e o valor de ações e obrigações empresariais oscila, podendo, no futuro, ser inferior ao que a Sara necessita (Mandell, 2008).

Com 339 respostas certas (82,7%), é a questão com maior taxa de sucesso, embora um pouco inferior à da *Jump\$tart* (87,7%). Saliente-se que, com resultados tão elevados, as diferenças de desempenho entre grupos são mais difíceis de discernir (Mandell, 2008).

De facto, nas aspirações dos alunos (Tabela 24) há uma clara demarcação dos grupos mais ambiciosos, mas não é possível concluir sobre a significância do teste. Os alunos que pretendem seguir uma Licenciatura e Mestrado têm 90,9% de respostas certas e os que não pretendem prosseguir os estudos ou apenas frequentar um curso técnico 73,1%. De modo semelhante, 85,8% dos que pretendem desenvolver uma profissão especializada assinalam a alínea correta, comparando com 68,8% dos menos ambiciosos.

Também na educação prévia não é possível retirar conclusões sobre significância, mas aqueles que respondem ter formação prévia na área tiveram um resultado ligeiramente pior que os outros (o mesmo verificou-se no inquérito da *Jump\$tart*).

Tabela 24 – Distribuição de respostas por fatores da questão 2 (continua).

		a)	b)	c)	d)*
Género	Feminino	4,5%	8,9%	0,4%	86,2%
	Masculino	7,9%	9,1%	5,5%	77,4%
Ano	10º	3,6%	10,9%	3,6%	81,9%
	11º	5,9%	8,1%	1,5%	84,4%
	12º	8,0%	8,0%	2,2%	81,8%

Tabela 24 – Distribuição de respostas por fatores da questão 2 (continuação).

		a)	b)	c)	d)*
Curso	Ciências e Tecnologias	5,5%	6,1%	1,2%	87,3%
	Línguas e Humanidades	8,4%	12,0%	1,2%	78,3%
	Artes Visuais	3,6%	6,0%	2,4%	88,0%
	Técnico	6,3%	15,2%	6,3%	72,2%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	3,9%	9,8%	3,9%	82,4%
	700€ - 1.500€	7,4%	8,1%	1,4%	83,1%
	1.500€ - 2.500€	4,4%	9,9%	2,2%	83,5%
	Superior a 2.500€	6,5%	8,7%	4,3%	80,4%
	N/S	5,4%	9,5%	2,7%	82,4%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	4,4%	13,2%	2,9%	79,4%
	Ensino secundário	7,6%	9,0%	2,1%	81,4%
	Licenciatura	5,5%	6,6%	2,2%	85,7%
	N/S	0,0%	20,0%	6,7%	73,3%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	3,8%	17,3%	5,8%	73,1%
	Licenciatura	10,6%	9,6%	3,2%	76,6%
	Licenciatura e mestrado	3,8%	5,4%	0,0%	90,9%
	N/S	6,4%	11,5%	5,1%	76,9%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	6,3%	12,5%	12,5%	68,8%
	Técnico	14,7%	5,9%	2,9%	76,5%
	Especializado	5,0%	8,4%	0,8%	85,8%
	N/S	4,8%	10,5%	2,9%	81,9%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	7,9%	7,9%	2,6%	81,6%
	600€ - 1.200€	5,1%	7,1%	1,5%	86,2%
	Mais de 1.200€	6,5%	15,0%	0,9%	77,6%
	N/S	5,8%	5,8%	7,2%	81,2%
Formação prévia	Não	6,2%	8,9%	2,2%	82,8%
	Sim	2,6%	10,5%	5,3%	81,6%

Tabela 24 – Distribuição de respostas por fatores da questão 2 (conclusão).

		a)	b)	c)	d)*
Fonte	Pais	6,6%	7,0%	2,5%	84,0%
	Comunicação social	1,5%	6,2%	0,0%	92,3%
	Experiência do dia a dia	5,6%	15,5%	4,2%	74,6%
	Escola	9,7%	16,1%	3,2%	71,0%
Conta bancária	Sem conta	5,3%	13,6%	4,1%	76,9%
	Conta à ordem ou a prazo	5,8%	7,6%	1,8%	84,8%
	Conta à ordem e a prazo	7,1%	1,4%	0,0%	91,4%
Cartão débito	Não usa	6,6%	9,4%	1,4%	82,6%
	Levantamentos e/ou compras	4,1%	8,2%	4,9%	82,8%
Experiência profissional	Sem	5,2%	6,3%	1,4%	87,1%
	Alguma tempo inteiro	13,0%	18,5%	9,3%	59,3%
	Apenas tempo parcial	2,9%	12,9%	1,4%	82,9%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 3 – Estratégias a curto e longo prazo

3. O Afonso e a Lara têm a mesma idade. Aos 25 anos, a Lara começou a poupar 2.000€ por ano, enquanto o Afonso não poupou nada. Aos 50 anos, o Afonso percebeu que iria precisar de dinheiro para a reforma e começou a poupar 4.000€ por ano, enquanto a Lara manteve os 2.000€. Hoje, ambos têm 75 anos. Qual dos dois tem mais dinheiro na conta poupança, assumindo o regime de juros compostos (juros de juros)?
- a) Têm ambos o mesmo, porque puseram de lado a mesma quantia.
 - b) O Afonso, pois poupou mais por ano.
 - c) A Lara, porque pôs mais dinheiro de lado.
 - d) A Lara, porque o valor que pôs de lado cresceu durante mais tempo.

Inserindo-se na categoria Rendimento, a terceira questão foi adaptada do questionário da *Jump\$tart Coalition* e tem como resposta certa a alínea d).

Foram obtidas 213 respostas corretas (52,0%), uma proporção semelhante à do questionário de 2008 da *Jump\$tart Coalition* (51,1%). Analisando as respostas erradas, 27,8% dos alunos optaram pela alínea a) e 11,0% pela b), sendo também as respostas erradas mais assinaladas no inquérito da *Jump\$tart*.

No inquérito de 2008 da *Jump\$tart*, as mulheres e os alunos com mais anos de escolaridade obtiveram melhores resultados nesta questão (no segmento universitário), mas neste caso tal não se verifica (Tabela 25) e os resultados não são significativamente diferentes.

Para um nível de significância de 10%, existem diferenças relativamente ao vencimento mensal de agregado familiar (*p-value* 0,092, associação de 12,4%), com melhores resultados entre os 700€ - 1.500€ e acima dos 2.500€ (52,7% e 52,2%, respetivamente). Os principais desvios face ao esperado estão nas alíneas a) e b), com mais respostas na a) e menos na b), do escalão entre os 700€ - 1.500€ e, ao contrário, do escalão superior a 2.500€. No questionário de 2008 da *Jump\$tart*, os alunos com maior grau educacional dos pais (no segmento universitário) destacaram-se, mas neste caso, embora tal se verifique face ao grupo do escalão superior, não é possível concluir sobre a significância.

Mandell (2008) constatou ainda melhores resultados nesta questão pelos alunos com mais planos escolares, o que neste caso também se verifica, com uma proporção de respostas certas de 53,8% para quem pretende frequentar Licenciatura e Mestrado e 38,5% no escalão mais baixo, mas as diferenças não são significativas.

O autor encontrou ainda piores resultados por quem tinha formação específica na área, o que também se verifica neste caso (mas não é possível concluir quanto à significância).

O uso de cartão de débito resulta em diferenças significativas entre os grupos (*p-value* 0,002, associação de 19,2%), mas, contrariamente ao esperado, com maior proporção de respostas certas por quem não utiliza este instrumento (53,1% contra 49,2%). Os maiores desvios estão também nas alíneas a) e b), com mais respostas assinaladas na a) e menos na b), pelos alunos que não usam cartão e, ao contrário, pelos alunos que usam. Ainda se verificam diferenças significativas quanto à experiência profissional detida (*p-value* 0,000, associação de 18,5%), com melhores resultados pelos alunos que não têm (56,3%), seguidos dos que têm a tempo parcial (52,9%) e, por último, dos que têm a tempo inteiro (27,8%). Os principais desvios de frequências estão, para os alunos sem experiência, nas alíneas c) e d), com menos respostas na errada e mais na correta; e, para os alunos com experiência a tempo inteiro, nas alíneas b), c) e d), com mais respostas nas erradas e menos na correta.

Tabela 25 – Distribuição de respostas por fatores da questão 3 (continua).

		a)	b)	c)	d)*
Género	Feminino	31,3%	9,8%	8,5%	50,4%
	Masculino	22,6%	12,8%	10,4%	54,3%
Ano	10º	26,1%	8,7%	8,0%	57,2%
	11º	33,3%	13,3%	8,1%	45,2%
	12º	24,1%	10,9%	11,7%	53,3%
Curso	Ciências e Tecnologias	27,9%	10,3%	6,7%	55,2%
	Línguas e Humanidades	32,5%	15,7%	7,2%	44,6%
	Artes Visuais	25,3%	8,4%	12,0%	54,2%
	Técnico	25,3%	10,1%	13,9%	50,6%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	33,3%	9,8%	7,8%	49,0%
	700€ - 1.500€	33,8%	6,8%	6,8%	52,7%
	1.500€ - 2.500€	30,8%	12,1%	9,9%	47,3%
	Superior a 2.500€	17,4%	19,6%	10,9%	52,2%
	N/S	14,9%	13,5%	13,5%	58,1%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	32,4%	11,8%	5,9%	50,0%
	Ensino secundário	30,3%	12,4%	12,4%	44,8%
	Licenciatura	25,3%	9,3%	7,1%	58,2%
	N/S	13,3%	13,3%	20,0%	53,3%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	32,7%	15,4%	13,5%	38,5%
	Licenciatura	31,9%	9,6%	8,5%	50,0%
	Licenciatura e mestrado	29,6%	9,1%	7,5%	53,8%
	N/S	15,4%	14,1%	11,5%	59,0%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	18,8%	31,3%	12,5%	37,5%
	Técnico	32,4%	11,8%	17,6%	38,2%
	Especializado	32,6%	8,8%	7,5%	51,0%
	N/S	18,1%	9,5%	9,5%	62,9%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	34,2%	15,8%	5,3%	44,7%
	600€ - 1.200€	29,1%	9,2%	6,1%	55,6%
	Mais de 1.200€	29,0%	12,1%	14,0%	44,9%
	N/S	18,8%	11,6%	13,0%	56,5%

Tabela 25 – Distribuição de respostas por fatores da questão 3 (conclusão).

		a)	b)	c)	d)*
Formação prévia	Não	28,5%	11,0%	8,1%	52,4%
	Sim	21,1%	10,5%	21,1%	47,4%
Fonte	Pais	29,2%	8,2%	7,4%	55,1%
	Comunicação social	26,2%	13,8%	12,3%	47,7%
	Experiência do dia a dia	26,8%	16,9%	12,7%	43,7%
	Escola	22,6%	12,9%	9,7%	54,8%
Conta bancária	Sem conta	29,0%	11,2%	11,2%	48,5%
	Conta à ordem ou a prazo	27,5%	9,9%	8,2%	54,4%
	Conta à ordem e a prazo	25,7%	12,9%	7,1%	54,3%
Cartão débito	Não usa	31,3%	8,0%	7,6%	53,1%
	Levantamentos e/ou compras	19,7%	18,0%	13,1%	49,2%
Experiência profissional	Sem	26,9%	10,1%	6,6%	56,3%
	Alguma tempo inteiro	27,8%	20,4%	24,1%	27,8%
	Apenas tempo parcial	31,4%	7,1%	8,6%	52,9%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 4 – Antecipação de impostos

4. O montante mensal que recibes do trabalho é inferior ao teu vencimento bruto. Qual das seguintes alíneas melhor descreve o valor retirado?
- a) Contribuições para a Segurança Social.
 - b) Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares, Imposto Municipal sobre Imóveis e contribuições para a Segurança Social.
 - c) Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares e contribuições para a Segurança Social.
 - d) Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares, contribuições para a Segurança Social e Imposto sobre o Valor Acrescentado.

A questão 4 foi também adaptada do questionário da *Jump\$tart Coalition* e tem como resposta certa a alínea c), já que a a) está incompleta e as alíneas b) e d) incluem impostos não deduzidos no pagamento de remunerações.

Foram obtidas 134 respostas corretas (32,7%), uma proporção bastante inferior à do questionário de 2008 da *Jump\$tart* (56,4%). Analisando as respostas erradas, 24,6% dos alunos optaram pela alínea b) e 23,7% pela d), ou seja, incluíram impostos não deduzidos nos salários (estas foram também as respostas erradas mais assinaladas da *Jump\$tart*).

O desempenho dos rapazes (Tabela 26) é ligeiramente melhor que o das raparigas (33,5% contra 32,1%), mas a diferença é significativa apenas para 10% de significância (*p-value* 0,054, associação de 13,6%), ao contrário de Mandell (2008), com melhores resultados pelas alunas universitárias.

Quanto à educação prévia, a percentagem de respostas corretas por quem refere ter tido formação na área (34,2%) é ligeiramente superior a quem não teve (32,5%), caso também verificado por Mandell (2008), mas a diferença não é significativa. Caso contrário verificasse em relação à fonte de conhecimentos (*p-value* 0,015, associação de 12,9%), com melhores resultados pelos alunos que respondem comunicação social (44,6%), experiência do dia a dia (33,8%) e pais (31,3%). Os principais desvios estão na alínea certa c), com mais casos se a fonte principal é a comunicação social e menos se é a escola; e na alínea d), com menos casos se a fonte principal é a experiência do dia a dia e mais se é a escola.

Contrariamente ao esperado, em especial nesta questão, e aos resultados da *Jump\$tart*, não há diferenças significativas no desempenho, face à experiência profissional.

Tabela 26 – Distribuição de respostas por fatores da questão 4 (continua).

		a)	b)	c)*	d)
Género	Feminino	18,3%	21,5%	32,1%	28,0%
	Masculino	20,1%	29,3%	33,5%	17,1%
Ano	10º	23,2%	21,0%	26,8%	29,0%
	11º	17,0%	25,2%	35,6%	22,2%
	12º	16,8%	27,7%	35,8%	19,7%
Curso	Ciências e Tecnologias	19,4%	21,2%	40,0%	19,4%
	Línguas e Humanidades	18,1%	24,1%	26,5%	184,0%
	Artes Visuais	18,1%	26,5%	25,3%	30,1%
	Técnico	20,3%	30,4%	31,6%	17,7%

Tabela 26 – Distribuição de respostas por fatores da questão 4 (continuação).

		a)	b)	c)*	d)
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	11,8%	33,3%	33,3%	21,6%
	700€ - 1.500€	23,6%	27,7%	28,4%	20,3%
	1.500€ - 2.500€	22,0%	22,0%	33,0%	23,1%
	Superior a 2.500€	13,0%	19,6%	37,0%	30,4%
	N/S	14,9%	18,9%	37,8%	28,4%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	20,6%	25,0%	32,4%	22,1%
	Ensino secundário	22,8%	22,1%	37,2%	17,9%
	Licenciatura	14,3%	28,0%	30,8%	26,9%
	N/S	33,3%	6,7%	13,3%	46,7%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	26,9%	30,8%	26,9%	15,4%
	Licenciatura	20,2%	23,4%	39,4%	17,0%
	Licenciatura e mestrado	18,3%	23,1%	32,8%	25,8%
	N/S	14,1%	25,6%	28,2%	32,1%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	18,8%	31,3%	40,6%	9,4%
	Técnico	14,7%	26,5%	38,2%	20,6%
	Especializado	18,0%	23,4%	33,5%	25,1%
	N/S	22,9%	24,8%	26,7%	25,7%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	10,5%	28,9%	26,3%	34,2%
	600€ - 1.200€	18,4%	26,5%	35,2%	19,9%
	Mais de 1.200€	26,2%	16,8%	32,7%	24,3%
	N/S	14,5%	29,0%	29,0%	27,5%
Formação prévia	Não	19,1%	24,7%	32,5%	23,7%
	Sim	18,4%	23,7%	34,2%	23,7%
Fonte	Pais	18,9%	24,7%	31,3%	25,1%
	Comunicação social	12,3%	24,6%	44,6%	18,5%
	Experiência do dia a dia	22,5%	29,6%	33,8%	14,1%
	Escola	25,8%	12,9%	16,1%	45,2%

Tabela 26 – Distribuição de respostas por fatores da questão 4 (conclusão).

		a)	b)	c)*	d)
Conta bancária	Sem conta	23,1%	23,1%	30,2%	23,7%
	Conta à ordem ou a prazo	15,8%	24,0%	35,7%	24,6%
	Conta à ordem e a prazo	17,1%	30,0%	31,4%	21,4%
Cartão débito	Não usa	18,1%	26,7%	31,9%	23,3%
	Levantamentos e/ou compras	21,3%	19,7%	34,4%	24,6%
Experiência profissional	Sem	19,6%	23,8%	33,2%	23,4%
	Alguma tempo inteiro	25,9%	22,2%	31,5%	20,4%
	Apenas tempo parcial	11,4%	30,0%	31,4%	27,1%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 5 – Objetivos e planos financeiros

5. Qual dos seguintes grupos sofreria mais em períodos de inflação elevada?

- a) Casais idosos, no ativo, a poupar para a reforma.
- b) Casais idosos, com reformas de valor fixo.
- c) Casais jovens, no ativo, sem crianças.
- d) Casais jovens, no ativo, com crianças.

Retirada do questionário da *Jump\$tart Coalition*, esta questão insere-se na categoria Gestão de Dinheiro e subcategoria Objetivos e planos financeiros, tendo como resposta certa a alínea b).

Segundo Mandell (2008), é geralmente esperado por parte da população ativa que o seu rendimento aumente durante períodos de inflação, de forma a, pelo menos, acompanhar a subida dos preços. Assim, aqueles mais atingidos pela inflação são indivíduos que vivem com rendimentos fixos, pois não progridem face ao aumento de preços. Segundo o autor, reformas de valor fixo correspondem àquelas que permanecem com o mesmo valor, em termos de unidades monetárias pagas, independentemente da inflação.

De acordo com o autor, esta é uma questão sofisticada, onde não surpreendem baixas taxas de respostas corretas. Das respostas obtidas, estão corretas 158, o que corresponde

a 38,5% dos casos (ligeiramente inferior ao obtido no questionário de 2008 da *Jump\$tart Coalition* de 40,0%).

Em termos demográficos (Tabela 27), a média de respostas das mulheres é superior à dos homens (40,7% contra 35,4%) e a diferença é estatisticamente significativa (p -value 0,030, associação de 14,8%). Também Mandell (2008) verificou melhores resultados pelas mulheres nesta questão, no segmento universitário. Pela análise dos resíduos ajustados, verifica-se que os maiores desvios face ao esperado estão na alínea c), onde mais homens e menos mulheres selecionam esta opção.

No inquérito da *Jump\$tart*, os alunos dos escalões superiores de vencimento mensal do agregado e de educação dos pais têm uma maior proporção de respostas certas, o que também se verifica neste estudo, mas sem diferenças significativas.

Quanto às aspirações dos alunos, em geral os mais ambiciosos (planos educativos, profissionais e remuneratórios) têm maior proporção de respostas corretas. Todavia, apenas existem diferenças significativas entre os grupos, em relação ao nível educativo pretendido (p -value 0,009, associação de 13,4%), com um destaque claro na percentagem de respostas certas por quem pretende frequentar Licenciatura e Mestrado (45,7%), relativamente aos alunos que não pretendem continuar a estudar ou apenas frequentar um curso técnico (28,8%). De facto, pela análise dos resíduos ajustados, os maiores desvios face ao esperado estão na alínea a), onde menos alunos que pretendem frequentar Licenciatura e Mestrado e mais alunos que não pretendem continuar a estudar ou apenas frequentar um curso técnico selecionam esta opção; na alínea correta b), com mais alunos que pretendem frequentar Licenciatura e Mestrado do que o esperado; e na alínea c), onde mais alunos que pretendem frequentar Licenciatura a selecionam.

Quanto à educação prévia, não há diferenças significativas entre os grupos, mas a percentagem de respostas corretas por quem refere ter tido formação na área (28,9%) é inferior a quem não teve (39,5%), tendo Mandell (2008) constatado que os alunos com formação específica na área tiveram um desempenho especialmente fraco nesta questão.

Tabela 27 – Distribuição de respostas por fatores da questão 5 (continua).

		a)	b)*	c)	d)
Género	Feminino	13,4%	40,7%	13,8%	32,1%
	Masculino	18,3%	35,4%	22,6%	23,8%
Ano	10º	17,4%	41,3%	14,5%	26,8%
	11º	12,6%	36,3%	17,8%	33,3%
	12º	16,1%	38,0%	19,7%	26,3%
Curso	Ciências e Tecnologias	14,5%	29,1%	21,8%	34,5%
	Línguas e Humanidades	15,7%	45,8%	12,0%	26,5%
	Artes Visuais	16,9%	43,4%	14,5%	25,3%
	Técnico	15,2%	45,6%	16,5%	22,8%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	17,6%	27,5%	19,6%	35,3%
	700€ - 1.500€	12,2%	39,2%	17,6%	31,1%
	1.500€ - 2.500€	14,3%	39,6%	16,5%	29,7%
	Superior a 2.500€	19,6%	39,1%	26,1%	15,2%
	N/S	18,9%	43,2%	10,8%	27,0%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	23,5%	32,4%	14,7%	29,4%
	Ensino secundário	14,5%	38,6%	17,9%	29,0%
	Licenciatura	12,6%	40,1%	18,7%	28,6%
	N/S	20,0%	46,7%	6,7%	26,7%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	23,1%	28,8%	19,2%	28,8%
	Licenciatura	16,0%	34,0%	25,5%	24,5%
	Licenciatura e mestrado	9,1%	45,7%	14,0%	31,2%
	N/S	24,4%	33,3%	14,1%	28,2%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	21,9%	34,4%	18,8%	25,0%
	Técnico	14,7%	29,4%	23,5%	32,4%
	Especializado	12,1%	41,8%	16,3%	29,7%
	N/S	21,0%	35,2%	17,1%	26,7%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	13,2%	36,8%	13,2%	36,8%
	600€ - 1.200€	13,8%	38,8%	19,9%	27,6%
	Mais de 1.200€	18,7%	38,3%	14,0%	29,0%
	N/S	15,9%	39,1%	17,4%	27,5%

Tabela 27 – Distribuição de respostas por fatores da questão 5 (conclusão).

		a)	b)*	c)	d)
Formação prévia	Não	14,2%	39,5%	17,7%	28,5%
	Sim	26,3%	28,9%	13,2%	31,6%
Fonte	Pais	14,8%	39,5%	18,5%	27,2%
	Comunicação social	10,8%	38,5%	9,2%	41,5%
	Experiência do dia a dia	18,3%	38,0%	22,5%	21,1%
	Escola	22,6%	32,3%	12,9%	32,3%
Conta bancária	Sem conta	18,3%	36,7%	18,3%	26,6%
	Conta à ordem ou a prazo	13,5%	43,3%	15,8%	27,5%
	Conta à ordem e a prazo	12,9%	31,4%	18,6%	37,1%
Cartão débito	Não usa	14,2%	39,9%	16,0%	29,9%
	Levantamentos e/ou compras	18,0%	35,2%	20,5%	26,2%
Experiência profissional	Sem	14,3%	41,6%	15,0%	29,0%
	Alguma tempo inteiro	22,2%	25,9%	22,2%	29,6%
	Apenas tempo parcial	14,3%	35,7%	22,9%	27,1%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 6 – Orçamentar para poupar

6. O Rafael, recém-empregado, ganha 1.000€ por mês. Tem gastos mensais de 400€ para a renda da casa, 200€ para a compra de alimentos e 100€ para o transporte. Se orçamentar ainda 50€ para roupa e 150€ para o resto, quanto tempo demora a poupar 300€?
- a) 3 meses.
 - b) 4 meses.
 - c) 1 mês.
 - d) 2 meses.

Adaptada do questionário da *Jump\$tart Coalition*, esta questão enquadra-se na categoria Poupança e Investimento e tem como resposta certa a alínea a), pois dos 1.000€ recebidos, o Rafael dispende 400€ (renda) + 200€ (alimentos) + 100€ (transporte) + 50€ (roupa) + 150€ (outros), sobrando 100€, logo passam 3 meses até conseguir poupar 300€.

Segundo Mandell (2008), esta é uma pergunta fácil que envolve simples cálculo aritmético, não obstante a taxa de respostas certas no inquérito de 2008 da *Jump\$tart* ser apenas de 60%, uma proporção um pouco abaixo da obtida neste caso (66,8%, 274 respostas certas).

A taxa de sucesso do sexo feminino é inferior à do masculino (Tabela 28), à semelhança do questionário da *Jump\$tart*, mas a diferença não é significativa (p -value 0,925). Já quanto ao ano escolar e curso existem diferenças significativas (p -value 0,015 e 0,024 e associação de 13,9% e 12,5%, respetivamente). O ano com maior proporção de respostas certas é o 11.º (74,1%), seguido do 12.º (68,6%) e, por último, do 10.º (58,0%). Os principais desvios para as frequências esperadas estão na alínea b), com mais casos para o 10.º ano e menos para o 11.º; e na alínea certa a), com menos casos para o 10.º ano e mais para o 11.º. Em relação ao curso, os alunos de Ciências e Tecnologias destacam-se dos restantes, com 76,4% de acertos, comparando com 51,9% dos cursos técnicos e proporções intermédias nos restantes, o que é natural devido ao cálculo numérico inerente à questão (Mandell, 2008), apesar de no questionário de 2008 da *Jump\$tart* tal não se ter verificado, contra a expectativa do autor. Os maiores desvios estão na alínea certa a), com mais casos se o aluno frequenta Ciências e Tecnologias e menos se frequenta um curso técnico; na b), com mais casos de um curso técnico; e na alínea d), com menos casos de Ciências e Tecnologias.

Há ainda diferenças significativas quanto aos planos escolares, com melhores resultados para os escalões mais altos (p -value 0,025, associação de 12,4%). Os maiores desvios estão na alínea b), com mais respostas dos alunos de menor ambição escolar e na alínea correta a), com mais falhas dos alunos de menor ambição e menos daqueles com maior ambição.

No questionário de 2008 da *Jump\$tart*, os alunos com formação específica tiveram resultados bastante inferiores aos restantes, o que aqui se verificou de forma ligeira (67,2% contra 63,2%), mas sem ser possível concluir quanto à significância.

Para 10% de significância, ter conta bancária conduz a diferenças significativas entre os alunos (p -value 0,084, associação de 11,7%), com maior taxa de sucesso pelos que têm mais contas (59,2% sem conta *versus* 75,7% dos que têm conta à ordem e a prazo). Os principais desvios estão na alínea correta a), com menos respostas pelos alunos sem conta bancária e na alínea b), com menos respostas pelos alunos com conta à ordem e a prazo.

Tabela 28 – Distribuição de respostas por fatores da questão 6 (continua).

		a)*	b)	c)	d)
Género	Feminino	65,9%	13,8%	8,5%	11,8%
	Masculino	68,3%	13,4%	8,5%	9,8%
Ano	10º	58,0%	21,7%	6,5%	13,8%
	11º	74,1%	8,1%	8,9%	8,9%
	12º	68,6%	10,9%	10,2%	10,2%
Curso	Ciências e Tecnologias	76,4%	10,9%	7,3%	5,5%
	Línguas e Humanidades	65,1%	14,5%	8,4%	12,0%
	Artes Visuais	63,9%	10,8%	9,6%	15,7%
	Técnico	51,9%	21,5%	10,1%	16,5%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	68,6%	11,8%	9,8%	9,8%
	700€ - 1.500€	72,3%	10,1%	4,7%	12,8%
	1.500€ - 2.500€	72,5%	11,0%	8,8%	7,7%
	Superior a 2.500€	56,5%	23,9%	10,9%	8,7%
	N/S	54,1%	18,9%	13,5%	13,5%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	54,4%	17,6%	8,8%	19,1%
	Ensino secundário	68,3%	13,8%	8,3%	9,7%
	Licenciatura	72,0%	11,5%	7,7%	8,8%
	N/S	46,7%	20,0%	20,0%	13,3%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	44,2%	26,9%	13,5%	15,4%
	Licenciatura	72,3%	9,6%	8,5%	9,6%
	Licenciatura e mestrado	72,6%	11,8%	6,5%	9,1%
	N/S	61,5%	14,1%	10,3%	14,1%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	46,9%	25,0%	18,8%	9,4%
	Técnico	61,8%	11,8%	8,8%	17,6%
	Especializado	73,2%	12,1%	7,1%	7,5%
	N/S	60,0%	14,3%	8,6%	17,1%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	52,6%	18,4%	7,9%	21,1%
	600€ - 1.200€	72,4%	11,7%	6,1%	9,7%
	Mais de 1.200€	66,4%	14,0%	12,1%	7,5%
	N/S	59,4%	15,9%	10,1%	14,5%

Tabela 28 – Distribuição de respostas por fatores da questão 6 (conclusão).

		a)*	b)	c)	d)
Formação prévia	Não	67,2%	13,2%	8,1%	11,6%
	Sim	63,2%	18,4%	13,2%	5,3%
Fonte	País	69,5%	13,2%	5,8%	11,5%
	Comunicação social	78,5%	6,2%	7,7%	7,7%
	Experiência do dia a dia	59,2%	15,5%	14,1%	11,3%
	Escola	38,7%	29,0%	19,4%	12,9%
Conta bancária	Sem conta	59,2%	17,2%	10,7%	13,0%
	Conta à ordem ou a prazo	70,8%	13,5%	5,8%	9,9%
	Conta à ordem e a prazo	75,7%	5,7%	10,0%	8,6%
Cartão débito	Não usa	67,7%	12,5%	8,0%	11,8%
	Levantamentos e/ou compras	64,8%	16,4%	9,8%	9,0%
Experiência profissional	Sem	71,0%	12,6%	5,9%	10,5%
	Alguma tempo inteiro	44,4%	25,9%	16,7%	13,0%
	Apenas tempo parcial	67,1%	8,6%	12,9%	11,4%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 7 – Educação, aptidões, localização

7. O Rui tem um bom trabalho na linha de produção de uma fábrica, na sua terra natal. Nos últimos dois anos, os impostos aplicados às empresas têm aumentado, sendo superiores aos dos países vizinhos. Qual o efeito mais provável para o trabalho do Rui?
- Maiores taxas de imposto vão levar a que mais empresas se mudem para o país do Rui, pelo que os salários vão aumentar.
 - Maiores taxas de imposto não afetam o trabalho do Rui.
 - A empresa onde o Rui trabalha pode mudar-se para um país vizinho, ameaçando o seu posto de trabalho.
 - É provável que o Rui tenha um aumento, para compensar a subida de impostos.

A questão 7 foi adaptada do questionário de 2008 da *Jump\$tart Coalition* e enquadra-se na categoria Rendimento e na subcategoria Educação, aptidões, localização, mais especificamente no último ponto. Esta subcategoria envolve a tomada de decisões que afetam os rendimentos futuros, como sejam a procura de maiores níveis de educação, o

desenvolvimento de competências profissionais (construção contínua de capital humano diferenciado, valorizado no mercado de trabalho) e a escolha do local de residência. A globalização e a liberalização do comércio intensificaram a procura de locais onde a produção seja mais competitiva, especialmente no setor industrial. Os países tentam assim oferecer condições atrativas para que as empresas localizem a sua produção nos mesmos, criando emprego e desenvolvendo a economia, logo um país com alta carga fiscal sobre as empresas terá mais dificuldade em atrair estes investidores. Neste caso, a escolha do local de residência do Rui terá influência sobre o seu rendimento futuro, com o perigo de deslocalização do seu empregador e da restante indústria local e de descida do nível salarial oferecido, devido à maior procura de trabalho e menor oferta disponível (Mandell, 2008).

A alínea correta é a c) e a taxa de respostas certas obtida (69,0%) é superior à do inquérito de 2008 da *Jump\$tart* (57,3%), correspondendo a 283 respostas.

Nesta questão, Mandell (2008) encontrou uma das maiores diferenças entre géneros do questionário, com melhor resultado pelo masculino; neste caso a diferença é no mesmo sentido (Tabela 29), mas a diferença não é significativa. Quanto ao curso, existem diferenças significativas entre os alunos (p -value 0,004 e associação de 24,4%), com melhores resultados pelos de Ciências e Tecnologias (77,0%) e piores pelos de Artes Visuais (53,0%), verificando-se que os maiores desvios face às frequências esperadas se situam na alínea correta, com mais respostas pelos primeiros e menos pelos últimos; na alínea a), mas com registos inversos e na alínea d), com mais respostas pelos alunos de Artes Visuais.

Embora, no inquérito da *Jump\$tart* de 2008, hajam melhores resultados pelos alunos em agregados com maior rendimento, com maior ambição escolar e por quem teve formação específica na área, neste caso, quanto ao rendimento e à ambição escolar, não é possível concluir sobre a significância das diferenças (embora os planos escolares sigam a mesma tendência) e, quanto à formação específica, a diferença não é significativa.

Os alunos com conta bancária têm melhores resultados (mais de 4% de diferença), de modo significativo (p -value 0,026 e associação de 18,7%). Os maiores desvios estão na alínea a), com menos respostas por quem tem conta à ordem e a prazo e b), com menos respostas por quem tem conta à ordem ou a prazo. Contrariamente ao esperado para uma pergunta

como esta, os alunos sem experiência profissional têm melhores resultados que os restantes (de modo significativo), com mais 22,9% de sucesso, face àqueles com experiência a tempo inteiro e 16,2%, a tempo parcial. Existem desvios significativos na maioria das células: alunos sem experiência de forma favorável nas alíneas a), b) e c); alunos com experiência a tempo inteiro de forma desfavorável nas alíneas a) e c); e alunos com experiência a tempo parcial de forma desfavorável nas alíneas b) e c).

Tabela 29 – Distribuição de respostas por fatores da questão 7 (continua).

		a)	b)	c)*	d)
Género	Feminino	9,8%	13,8%	67,1%	9,3%
	Masculino	9,1%	14,6%	72,0%	4,3%
Ano	10º	12,3%	10,9%	68,1%	8,7%
	11º	10,4%	12,6%	70,4%	6,7%
	12º	5,8%	19,0%	68,6%	6,6%
Curso	Ciências e Tecnologias	4,8%	10,9%	77,0%	7,3%
	Línguas e Humanidades	7,2%	14,5%	74,7%	3,6%
	Artes Visuais	16,9%	16,9%	53,0%	13,3%
	Técnico	13,9%	17,7%	63,3%	5,1%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	19,6%	13,7%	62,7%	3,9%
	700€ - 1.500€	6,1%	11,5%	75,0%	7,4%
	1.500€ - 2.500€	6,6%	12,1%	73,6%	7,7%
	Superior a 2.500€	4,3%	13,0%	67,4%	15,2%
	N/S	16,2%	23,0%	56,8%	4,1%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	10,3%	19,1%	63,2%	7,4%
	Ensino secundário	8,3%	14,5%	72,4%	4,8%
	Licenciatura	8,2%	11,0%	72,0%	8,8%
	N/S	33,3%	26,7%	26,7%	13,3%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	19,2%	19,2%	51,9%	9,6%
	Licenciatura	11,7%	13,8%	70,2%	4,3%
	Licenciatura e mestrado	5,4%	13,4%	74,2%	7,0%
	N/S	10,3%	12,8%	66,7%	10,3%

Tabela 29 – Distribuição de respostas por fatores da questão 7 (conclusão).

		a)	b)	c)*	d)
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	6,3%	37,5%	53,1%	3,1%
	Técnico	11,8%	14,7%	70,6%	2,9%
	Especializado	7,5%	10,0%	74,5%	7,9%
	N/S	14,3%	16,2%	61,0%	8,6%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	18,4%	15,8%	55,3%	10,5%
	600€ - 1.200€	6,6%	12,8%	74,0%	6,6%
	Mais de 1.200€	6,5%	16,8%	67,3%	9,3%
	N/S	17,4%	13,0%	65,2%	4,3%
Formação prévia	Não	9,4%	13,4%	69,6%	7,5%
	Sim	10,5%	21,1%	63,2%	5,3%
Fonte	Pais	8,2%	14,0%	69,5%	8,2%
	Comunicação social	4,6%	9,2%	84,6%	1,5%
	Experiência do dia a dia	14,1%	16,9%	59,2%	9,9%
	Escola	19,4%	19,4%	54,8%	6,5%
Conta bancária	Sem conta	12,4%	17,2%	65,7%	4,7%
	Conta à ordem ou a prazo	9,9%	9,4%	71,9%	8,8%
	Conta à ordem e a prazo	1,4%	18,6%	70,0%	10,0%
Cartão débito	Não usa	10,1%	13,2%	70,1%	6,6%
	Levantamentos e/ou compras	8,2%	16,4%	66,4%	9,0%
Experiência profissional	Sem	7,3%	10,5%	74,8%	7,3%
	Alguma tempo inteiro	18,5%	20,4%	51,9%	9,3%
	Apenas tempo parcial	11,4%	24,3%	58,6%	5,7%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 8 – Sobre-endividamento

8. Se estiveres com problemas a pagar as tuas dívidas e recorrerres a um serviço de aconselhamento sobre o crédito, como a linha de apoio financeiro da DECO, que ajuda podem oferecer-te?
- a) Cancelam os cartões de crédito, sem o teu consentimento.
 - b) Fazem com que o Estado aplique o teu Imposto sobre o Rendimento para pagar as dívidas.
 - c) Tentam acordar com quem te emprestou dinheiro, para agendar um plano de pagamento que possas cumprir.
 - d) Obrigam quem te emprestou dinheiro a perdoar as tuas dívidas.

A questão 8 insere-se na categoria Gastos e Endividamento e provém do inquérito da *Jump\$tart Coalition*, tratando do aconselhamento providenciado aos cidadãos, perante o recurso ao crédito e situações de sobre-endividamento, tendo sido escolhido o exemplo do Gabinete de Apoio ao Sobre-endividado da DECO, devido à ampla difusão desta instituição, junto da população portuguesa. De facto, estes serviços trabalham em cooperação com o cidadão e com os credores, não podendo obrigar os últimos a perdoar dívidas e muito menos o Estado a canalizar receitas para este fim, nem cancelar cartões de crédito sem acordo do primeiro. Procuram sim estabelecer um plano que permita o cumprimento das dívidas de uma forma exequível para o devedor, normalmente com recetividade por parte das Instituições de Crédito (Mandell, 2008).

Assim, a alínea correta é a c), verificando-se uma proporção de 68,8% de respostas certas (282 casos), próxima do inquérito de 2008 da *Jump\$tart* (70,5%). Sendo relativamente alta, Mandell (2008) explica-o por as alíneas erradas serem pouco realistas, no seu entender.

A proporção de respostas corretas do sexo feminino (Tabela 30) é significativamente superior à do masculino (72,0% contra 64,0%, *p-value* de 0,045), com associação de 14,0% e principais desvios na alínea d): menos respostas pelas alunas e mais pelos alunos. Também no inquérito de 2008 da *Jump\$tart* houve mais respostas certas pelo sexo feminino. Para 10% de significância, há ainda diferenças de desempenho quanto ao curso, com melhores resultados pelos alunos de Línguas e Humanidades e piores pelos de um curso técnico.

Curiosamente, o uso de cartão de débito resulta num desempenho significativamente diferente entre os alunos, com maior proporção de acertos pelos que não utilizam este instrumento (71,5% contra 62,3%, *p-value* de 0,020 e associação de 15,5%), com principais desvios na alínea a), de forma favorável aos alunos que não utilizam cartão e desfavorável

aos outros. Também no inquérito de 2008 da *Jump\$tart* houve mais respostas certas pelos alunos que não usam cartão de crédito (relembre-se que, sendo a realidade portuguesa diferente da americana, optou-se por questionar o aluno quanto ao uso de cartão de débito).

Tabela 30 – Distribuição de respostas por fatores da questão 8 (continua).

		a)	b)	c)*	d)
Género	Feminino	7,3%	16,7%	72,0%	4,1%
	Masculino	10,4%	15,2%	64,0%	10,4%
Ano	10º	10,1%	15,2%	70,3%	4,3%
	11º	5,9%	13,3%	74,1%	6,7%
	12º	9,5%	19,7%	62,0%	8,8%
Curso	Ciências e Tecnologias	7,9%	15,8%	72,1%	4,2%
	Línguas e Humanidades	4,8%	10,8%	73,5%	10,8%
	Artes Visuais	9,6%	20,5%	67,5%	2,4%
	Técnico	12,7%	17,7%	58,2%	11,4%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	11,8%	17,6%	64,7%	5,9%
	700€ - 1.500€	6,1%	15,5%	71,6%	6,8%
	1.500€ - 2.500€	8,8%	12,1%	73,6%	5,5%
	Superior a 2.500€	19,6%	2,2%	69,6%	8,7%
	N/S	4,1%	29,7%	59,5%	6,8%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	16,2%	16,2%	60,3%	7,4%
	Ensino secundário	8,3%	15,9%	69,0%	6,9%
	Licenciatura	6,0%	14,3%	74,2%	5,5%
	N/S	6,7%	40,0%	40,0%	13,3%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	15,4%	17,3%	57,7%	9,6%
	Licenciatura	10,6%	20,2%	60,6%	8,5%
	Licenciatura e mestrado	5,4%	10,8%	79,6%	4,3%
	N/S	9,0%	23,1%	60,3%	7,7%

Tabela 30 – Distribuição de respostas por fatores da questão 8 (conclusão).

		a)	b)	c)*	d)
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	15,6%	28,1%	37,5%	18,8%
	Técnico	8,8%	23,5%	61,8%	5,9%
	Especializado	6,7%	12,1%	76,2%	5,0%
	N/S	10,5%	19,0%	63,8%	6,7%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	7,9%	21,1%	60,5%	10,5%
	600€ - 1.200€	6,6%	14,3%	73,0%	6,1%
	Mais de 1.200€	10,3%	14,0%	67,3%	8,4%
	N/S	11,6%	21,7%	63,8%	2,9%
Formação prévia	Não	7,5%	16,4%	70,2%	5,9%
	Sim	18,4%	13,2%	55,3%	13,2%
Fonte	Pais	8,2%	17,7%	67,5%	6,6%
	Comunicação social	4,6%	9,2%	84,6%	1,5%
	Experiência do dia a dia	9,9%	15,5%	66,2%	8,5%
	Escola	16,1%	19,4%	51,6%	12,9%
Conta bancária	Sem conta	8,9%	18,9%	65,1%	7,1%
	Conta à ordem ou a prazo	5,8%	11,7%	74,3%	8,2%
	Conta à ordem e a prazo	14,3%	20,0%	64,3%	1,4%
Cartão débito	Não usa	5,9%	16,7%	71,5%	5,9%
	Levantamentos e/ou compras	14,8%	14,8%	62,3%	8,2%
Experiência profissional	Sem	7,3%	14,0%	74,8%	3,8%
	Alguma tempo inteiro	16,7%	18,5%	48,1%	16,7%
	Apenas tempo parcial	7,1%	22,9%	60,0%	10,0%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 9 – Fontes de rendimento

9. Qual dos seguintes melhor descreve a fonte primária de rendimento para indivíduos com idade entre 20 - 35 anos?
- a) Juros e dividendos.
 - b) Salário.
 - c) Lucros empresariais distribuídos.
 - d) Arrendamento.

A questão 9 é a última da categoria Rendimento, tendo a subcategoria Fontes de rendimento. Segundo Mandell (2008), ao longo da vida, o mix de fontes de rendimento dos cidadãos pode mudar, pelo que, de modo a projetar rendimentos futuros com alguma precisão, o jovem deve conhecer este mix e a sua variabilidade, decorrente da acumulação de riqueza. A maioria da população jovem tem como fonte principal de rendimento o salário recebido em troca da prestação de trabalho, pois poucos acumulam o suficiente para ter rendimentos de dividendos, obrigações ou depósitos a prazo, nem tão pouco para investir no mercado de arrendamento imobiliário. Por outro lado, embora na faixa etária da questão alguns indivíduos já tenham o seu próprio negócio, é pouco provável terem investido o suficiente, para que o mesmo tenha a rendibilidade necessária para gerar um retorno elevado (Mandell, 2008).

Assim, a alínea correta é a b), verificando-se uma taxa de respostas certas de 72,9% (299 casos), ligeiramente inferior à do inquérito de 2008 da *Jump\$tart Coalition* (75,3%).

Com mais respostas certas pelo sexo feminino (Tabela 31), ao contrário da *Jump\$tart Coalition*, a diferença não é estatisticamente significativa. Tal como Mandell (2008), no segmento universitário, há mais respostas erradas por alunos afastados da área científica, mas sem diferenças significativas.

Ainda de forma semelhante aos resultados da *Jump\$tart* (no segmento universitário), há maior proporção de respostas certas para maiores escalões de rendimento, educação dos pais, ambição escolar, ambição remuneratória inicial e para quem não teve formação específica (mas não é possível concluir sobre a significância das diferenças).

Todavia, quanto à experiência profissional, verificam-se diferenças significativas (*p-value* 0,006 e associação de 14,9%), com maior peso de respostas certas para quem não tem experiência (78,0%) e menor para quem tem a tempo inteiro (57,4%). Os maiores desvios

estão nas alíneas b) e d), de forma favorável aos alunos sem experiência e desfavorável àqueles com experiência a tempo inteiro, na primeira, e a tempo parcial, na segunda.

Tabela 31 – Distribuição de respostas por fatores da questão 9 (continua).

		a)	b)*	c)	d)
Género	Feminino	8,5%	74,8%	9,8%	6,9%
	Masculino	12,8%	70,1%	8,5%	8,5%
Ano	10º	8,0%	73,9%	10,1%	8,0%
	11º	10,4%	74,1%	11,1%	4,4%
	12º	12,4%	70,8%	6,6%	10,2%
Curso	Ciências e Tecnologias	6,7%	78,8%	7,3%	7,3%
	Línguas e Humanidades	9,6%	73,5%	12,0%	4,8%
	Artes Visuais	10,8%	69,9%	9,6%	9,6%
	Técnico	17,7%	63,3%	10,1%	8,9%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	15,7%	60,8%	11,8%	11,8%
	700€ - 1.500€	12,8%	71,6%	9,5%	6,1%
	1.500€ - 2.500€	7,7%	83,5%	4,4%	4,4%
	Superior a 2.500€	2,2%	82,6%	10,9%	4,3%
	N/S	9,5%	64,9%	12,2%	13,5%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	19,1%	64,7%	7,4%	8,8%
	Ensino secundário	6,9%	80,7%	6,2%	6,2%
	Licenciatura	8,8%	72,5%	12,1%	6,6%
	N/S	20,0%	40,0%	13,3%	26,7%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	21,2%	53,8%	9,6%	15,4%
	Licenciatura	6,4%	78,7%	5,3%	9,6%
	Licenciatura e mestrado	9,1%	77,4%	9,7%	3,8%
	N/S	10,3%	67,9%	12,8%	9,0%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	28,1%	43,8%	15,6%	12,5%
	Técnico	26,5%	52,9%	14,7%	5,9%
	Especializado	7,1%	79,9%	6,7%	6,3%
	N/S	6,7%	72,4%	11,4%	9,5%

Tabela 31 – Distribuição de respostas por fatores da questão 9 (conclusão).

		a)	b)*	c)	d)
Expetativa salarial inicial	Até 600€	18,4%	55,3%	18,4%	7,9%
	600€ - 1.200€	11,7%	76,5%	6,6%	5,1%
	Mais de 1.200€	8,4%	72,9%	10,3%	8,4%
	N/S	4,3%	72,5%	10,1%	13,0%
Formação prévia	Não	8,3%	74,5%	9,7%	7,5%
	Sim	28,9%	57,9%	5,3%	7,9%
Fonte	Pais	10,7%	74,5%	7,8%	7,0%
	Comunicação social	9,2%	78,5%	9,2%	3,1%
	Experiência do dia a dia	8,5%	74,6%	7,0%	9,9%
	Escola	12,9%	45,2%	25,8%	16,1%
Conta bancária	Sem conta	11,8%	68,6%	9,5%	10,1%
	Conta à ordem ou a prazo	8,8%	76,6%	9,9%	4,7%
	Conta à ordem e a prazo	10,0%	74,3%	7,1%	8,6%
Cartão débito	Não usa	9,0%	75,0%	8,3%	7,6%
	Levantamentos e/ou compras	13,1%	68,0%	11,5%	7,4%
Experiência profissional	Sem	9,1%	78,0%	8,0%	4,9%
	Alguma tempo inteiro	16,7%	57,4%	14,8%	11,1%
	Apenas tempo parcial	10,0%	64,3%	10,0%	15,7%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 10 – Preço do crédito

10. O Paulo e o Ivo são jovens colegas de trabalho, com o mesmo salário e uma boa história de crédito. O Paulo pediu um empréstimo de 3.000€ para gozar férias no estrangeiro, enquanto o Ivo pediu 3.000€ para ajuda na compra de um carro. Quem pagará taxa de juro mais baixa?

- a) O Ivo, porque o carro serve de garantia para o empréstimo.
- b) Pagam a mesma taxa, porque esta é imposta por lei.
- c) O Paulo, porque as pessoas que viajam para o estrangeiro apresentam risco mais baixo.
- d) Pagam a mesma taxa, porque têm um passado financeiro semelhante.

Segundo Mandell (2008), os credores tendem a cobrar menos por um empréstimo quando o mesmo se destina à aquisição de um bem, resgatado se o devedor não pagar o devido.

Assim, o bem serve de garantia, com possível revenda pelo credor, recompensando-o, pelo menos em parte, pelo montante emprestado (em caso de incumprimento). As férias do Paulo não permitem à Instituição de Crédito recuperar parte do empréstimo se houver incumprimento, ao contrário da viatura adquirida pelo Ivo, logo a taxa de juro paga pelo último será menor (Mandell, 2008).

Adaptada do inquérito de 2008 da *Jump\$tart Coalition*, esta questão insere-se na categoria Gastos e Endividamento e tem como certa a alínea a), verificando-se uma taxa de sucesso de 44,9% (184 casos), ou seja, menos de metade, ainda assim ligeiramente superior à do inquérito de 2008 da *Jump\$tart* (43,1%). Mandell (2008) considera esta questão importante, pois revela a compreensão intuitiva dos alunos sobre o funcionamento do mercado de crédito e que tipo de empréstimos são menos onerosos, sendo preocupante verificar a proporção de estudantes que consideram que: o Ivo e o Paulo pagariam o mesmo porque a taxa de juro é imposta por lei (neste caso 25,9%, na *Jump\$tart* 18,7%), pagariam o mesmo porque têm um passado financeiro semelhante (neste caso 18,5%, na *Jump\$tart* 24,9%) ou que o Paulo pagaria menos, porque quem viaja para o estrangeiro apresenta um risco mais baixo (neste caso 10,7%, na *Jump\$tart* 13,3%).

Embora, à semelhança da *Jump\$tart*, os rapazes e os alunos de Ciências e Tecnologias (no segmento universitário) tenham maior proporção de respostas certas (Tabela 32), as diferenças não são significativas.

De facto, a única diferença significativa encontrada nos vários fatores e apenas para 10% de significância (p -value de 0,067, associação de 12,0%) relaciona-se com a experiência profissional, com melhor resultado por parte de quem não tem (49,7%) e pior pelos alunos que têm a tempo inteiro (29,6%). Os maiores desvios estão na alínea correta a), com mais casos assinalados pelos alunos sem experiência e menos por aqueles com experiência a tempo inteiro e na alínea b), com mais casos assinalados pelos alunos com experiência a tempo inteiro. O facto de não haver mais diferenças significativas (não obstante os casos em que não é possível concluir sobre a significância) mostra que os maus resultados são comuns e se estendem aos vários grupos.

Tabela 32 – Distribuição de respostas por fatores da questão 10 (continua).

		a)*	b)	c)	d)
Género	Feminino	41,9%	27,2%	10,6%	20,3%
	Masculino	49,4%	23,8%	11,0%	15,9%
Ano	10º	41,3%	32,6%	9,4%	16,7%
	11º	47,4%	22,2%	8,9%	21,5%
	12º	46,0%	22,6%	13,9%	17,5%
Curso	Ciências e Tecnologias	48,5%	24,8%	7,9%	18,8%
	Línguas e Humanidades	45,8%	24,1%	13,3%	16,9%
	Artes Visuais	42,2%	32,5%	13,3%	12,0%
	Técnico	39,2%	22,8%	11,4%	26,6%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	35,3%	31,4%	11,8%	21,6%
	700€ - 1.500€	52,0%	20,3%	10,8%	16,9%
	1.500€ - 2.500€	45,1%	27,5%	11,0%	16,5%
	Superior a 2.500€	41,3%	30,4%	13,0%	15,2%
	N/S	39,2%	28,4%	8,1%	24,3%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	38,2%	32,4%	14,7%	14,7%
	Ensino secundário	43,4%	23,4%	11,0%	22,1%
	Licenciatura	48,4%	25,3%	9,9%	16,5%
	N/S	46,7%	26,7%	0,0%	26,7%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	34,6%	30,8%	9,6%	25,0%
	Licenciatura	52,1%	26,6%	10,6%	10,6%
	Licenciatura e mestrado	45,2%	23,1%	11,3%	20,4%
	N/S	42,3%	28,2%	10,3%	19,2%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	31,3%	37,5%	12,5%	18,8%
	Técnico	26,5%	32,4%	17,6%	23,5%
	Especializado	48,5%	22,6%	8,8%	20,1%
	N/S	46,7%	27,6%	12,4%	13,3%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	31,6%	31,6%	13,2%	23,7%
	600€ - 1.200€	43,4%	27,0%	12,2%	17,3%
	Mais de 1.200€	52,3%	22,4%	10,3%	15,0%
	N/S	44,9%	24,6%	5,8%	24,6%

Tabela 32 – Distribuição de respostas por fatores da questão 10 (conclusão).

		a)*	b)	c)	d)
Formação prévia	Não	45,2%	25,8%	9,9%	19,1%
	Sim	42,1%	26,3%	18,4%	13,2%
Fonte	Pais	45,7%	25,1%	10,3%	18,9%
	Comunicação social	53,8%	24,6%	9,2%	12,3%
	Experiência do dia a dia	39,4%	23,9%	16,9%	19,7%
	Escola	32,3%	38,7%	3,2%	25,8%
Conta bancária	Sem conta	42,0%	27,2%	11,2%	19,5%
	Conta à ordem ou a prazo	47,4%	24,6%	9,9%	18,1%
	Conta à ordem e a prazo	45,7%	25,7%	11,4%	17,1%
Cartão débito	Não usa	45,5%	26,0%	9,4%	19,1%
	Levantamentos e/ou compras	43,4%	25,4%	13,9%	17,2%
Experiência profissional	Sem	49,7%	23,8%	9,8%	16,8%
	Alguma tempo inteiro	29,6%	37,0%	14,8%	18,5%
	Apenas tempo parcial	37,1%	25,7%	11,4%	25,7%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 11 – Compreensão de seguros

11. Se as seguintes pessoas tiverem o mesmo vencimento líquido, quem **precisará** de um seguro de vida mais elevado?

- a) Um idoso reformado, cuja esposa também está reformada.
- b) Um jovem casado, sem filhos.
- c) Uma jovem solteira, com dois filhos pequenos.
- d) Uma jovem solteira, sem filhos.

A questão 11 foi a última adaptada da categoria Gestão de Dinheiro e tem a subcategoria Compreensão de seguros, escolhida dentro de uma gama que incluía também perguntas sobre o seguro automóvel, entre outros.

Segundo Mandell (2008), de um modo geral, o propósito primário dos seguros de vida é precaver rendimentos para os que dependem de um “ganha-pão”: quanto mais novos os dependentes, maior o valor que os mesmos necessitam, até terem autonomia para gerar

os próprios rendimentos. Assim, pais solteiros tendem a precisar de um maior valor segurado, pois são a única fonte de rendimento dos filhos menores. Uma jovem solteira, sem filhos, pode não precisar sequer de um seguro de vida, a menos que tenha a cargo outro dependente, como um pai ou outro parente; um idoso reformado, cuja esposa também está reformada, pode precisar de seguro de vida para que a última mantenha o estilo de vida habitual, em caso de morte do primeiro, mas como a esperança média de vida restante para estes indivíduos é menor do que para os jovens, o valor segurado necessário será também inferior; um jovem casado, sem filhos, não terá provavelmente dependentes (Mandell, 2008).

A resposta certa é a alínea c) e foram obtidas 252 respostas certas, 61,5%, uma proporção superior à do inquérito de 2008 da *Jump\$tart Coalition* (51,1%).

Com maior taxa de respostas certas pelo sexo feminino (Tabela 33), 64,6% *versus* 56,7%, a diferença é estatisticamente significativa para 10% de significância (*p-value* de 0,086) e tem uma associação de 12,7%. O resultado está em linha com o de Mandell (2008), tendo o autor sugerido que o melhor resultado pelas raparigas pode ser consequência de um preconceito cultural, onde os homens se consideram a principal fonte de rendimentos num lar e assim com maior necessidade de seguro de vida. Os desvios de frequências significativos estão na alínea d), com mais respostas pelos rapazes e menos pelas raparigas.

À semelhança do inquérito de 2008 da *Jump\$tart*, os alunos que respondem ter tido formação na área têm piores resultados que os demais, mas neste caso não é possível concluir sobre a significância da diferença.

Tabela 33 – Distribuição de respostas por fatores da questão 11 (continua).

		a)	b)	c)*	d)
Género	Feminino	24,4%	6,9%	64,6%	4,1%
	Masculino	23,8%	10,4%	56,7%	9,1%
Ano	10º	23,2%	10,1%	62,3%	4,3%
	11º	23,7%	3,7%	67,4%	5,2%
	12º	25,5%	10,9%	54,7%	8,8%

Tabela 33 – Distribuição de respostas por fatores da questão 11 (continuação).

		a)	b)	c)*	d)
Curso	Ciências e Tecnologias	21,2%	6,7%	63,6%	8,5%
	Línguas e Humanidades	31,3%	4,8%	59,0%	4,8%
	Artes Visuais	20,5%	9,6%	66,3%	3,6%
	Técnico	26,6%	13,9%	54,4%	5,1%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	23,5%	15,7%	58,8%	2,0%
	700€ - 1.500€	22,3%	5,4%	66,9%	5,4%
	1.500€ - 2.500€	22,0%	4,4%	69,2%	4,4%
	Superior a 2.500€	19,6%	15,2%	50,0%	15,2%
	N/S	33,8%	9,5%	50,0%	6,8%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	38,2%	10,3%	44,1%	7,4%
	Ensino secundário	22,1%	7,6%	65,5%	4,8%
	Licenciatura	20,3%	7,1%	68,7%	3,8%
	N/S	26,7%	20,0%	13,3%	40,0%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	21,2%	15,4%	55,8%	7,7%
	Licenciatura	28,7%	5,3%	61,7%	4,3%
	Licenciatura e mestrado	19,9%	8,6%	66,1%	5,4%
	N/S	30,8%	6,4%	53,8%	9,0%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	34,4%	15,6%	37,5%	12,5%
	Técnico	23,5%	8,8%	58,8%	8,8%
	Especializado	18,8%	7,5%	68,2%	5,4%
	N/S	33,3%	7,6%	54,3%	4,8%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	39,5%	13,2%	36,8%	10,5%
	600€ - 1.200€	23,5%	5,6%	66,3%	4,6%
	Mais de 1.200€	22,4%	9,3%	60,7%	7,5%
	N/S	20,3%	11,6%	62,3%	5,8%
Formação prévia	Não	23,4%	8,6%	62,9%	5,1%
	Sim	31,6%	5,3%	47,4%	15,8%

Tabela 33 – Distribuição de respostas por fatores da questão 11 (conclusão).

		a)	b)	c)*	d)
Fonte	Pais	23,5%	9,9%	62,6%	4,1%
	Comunicação social	27,7%	4,6%	64,6%	3,1%
	Experiência do dia a dia	16,9%	5,6%	66,2%	11,3%
	Escola	38,7%	9,7%	35,5%	16,1%
Conta bancária	Sem conta	28,4%	10,1%	55,6%	5,9%
	Conta à ordem ou a prazo	20,5%	7,0%	67,8%	4,7%
	Conta à ordem e a prazo	22,9%	7,1%	60,0%	10,0%
Cartão débito	Não usa	23,3%	8,0%	63,5%	5,2%
	Levantamentos e/ou compras	26,2%	9,0%	56,6%	8,2%
Experiência profissional	Sem	22,4%	7,7%	66,4%	3,5%
	Alguma tempo inteiro	24,1%	11,1%	48,1%	16,7%
	Apenas tempo parcial	31,4%	8,6%	51,4%	8,6%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 12 – Direitos e responsabilidades

12. A Rute e o Tiago, casados, pediram um empréstimo para comprar casa. Qual deles tem responsabilidade perante o banco?

- a) Cada um tem responsabilidade por metade da dívida.
- b) Têm ambos responsabilidade pela totalidade da dívida.
- c) Depende do salário de cada um.
- d) Depende da idade de cada um.

A questão 12, da categoria Gastos e Endividamento, foi adaptada do inquérito à literacia financeira levado a cabo pelo BP, em 2010, pois a questão da *Jump\$tart Coalition* desta subcategoria não se enquadra na realidade portuguesa, procurando-se manter uma questão de cada. A pergunta foi adaptada à linguagem e estrutura seguidas pela *Jump\$tart*, para esta faixa etária, dado que o inquérito do BP se dirigia a adultos.

Esta questão procura avaliar o conhecimento sobre a partilha de responsabilidade, no pagamento de um empréstimo pedido em conjunto e tem como resposta certa a alínea b) (BP, 2011). No inquérito do BP, a taxa de sucesso foi alta (78%) e superior à obtida (62,2%).

Curiosamente, a única diferença significativa discernível refere-se a ter conta bancária (para 10% de significância); os alunos que têm conta à ordem e a prazo têm 71,4% de respostas certas (Tabela 34); conta à ordem ou a prazo 60,8%; e sem conta 59,8% (*p-value* 0,067, associação de 12,0%). Os maiores desvios verificam-se nas alíneas a), com mais respostas pelos alunos sem conta e c), com mais respostas para os alunos com conta à ordem ou a prazo.

Tabela 34 – Distribuição de respostas por fatores da questão 12 (continua).

		a)	b)*	c)	d)
Género	Feminino	13,4%	63,8%	18,7%	4,1%
	Masculino	17,7%	59,8%	17,1%	5,5%
Ano	10º	20,3%	56,5%	19,6%	3,6%
	11º	11,1%	69,6%	16,3%	3,0%
	12º	13,9%	60,6%	18,2%	7,3%
Curso	Ciências e Tecnologias	17,0%	64,2%	14,5%	4,2%
	Línguas e Humanidades	13,3%	61,4%	21,7%	3,6%
	Artes Visuais	9,6%	66,3%	20,5%	3,6%
	Técnico	19,0%	54,4%	19,0%	7,6%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	13,7%	62,7%	17,6%	5,9%
	700€ - 1.500€	15,5%	60,8%	20,3%	3,4%
	1.500€ - 2.500€	12,1%	68,1%	18,7%	1,1%
	Superior a 2.500€	17,4%	54,3%	23,9%	4,3%
	N/S	17,6%	62,2%	9,5%	10,8%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	16,2%	58,8%	17,6%	7,4%
	Ensino secundário	14,5%	59,3%	21,4%	4,8%
	Licenciatura	14,3%	67,6%	15,4%	2,7%
	N/S	26,7%	40,0%	20,0%	13,3%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	25,0%	40,4%	25,0%	9,6%
	Licenciatura	18,1%	59,6%	18,1%	4,3%
	Licenciatura e mestrado	10,2%	68,8%	18,8%	2,2%
	N/S	16,7%	64,1%	11,5%	7,7%

Tabela 34 – Distribuição de respostas por fatores da questão 12 (conclusão).

		a)	b)*	c)	d)
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	28,1%	34,4%	31,3%	6,3%
	Técnico	8,8%	61,8%	26,5%	2,9%
	Especializado	11,7%	66,5%	18,0%	3,8%
	N/S	21,0%	61,0%	11,4%	6,7%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	26,3%	50,0%	21,1%	2,6%
	600€ - 1.200€	9,2%	65,8%	20,9%	4,1%
	Mais de 1.200€	19,6%	60,7%	15,9%	3,7%
	N/S	18,8%	60,9%	11,6%	8,7%
Formação prévia	Não	14,8%	63,4%	17,5%	4,3%
	Sim	18,4%	50,0%	23,7%	7,9%
Fonte	Pais	12,3%	63,8%	19,8%	4,1%
	Comunicação social	16,9%	67,7%	9,2%	6,2%
	Experiência do dia a dia	21,1%	59,2%	15,5%	4,2%
	Escola	19,4%	45,2%	29,0%	6,5%
Conta bancária	Sem conta	19,5%	59,8%	14,2%	6,5%
	Conta à ordem ou a prazo	13,5%	60,8%	22,8%	2,9%
	Conta à ordem e a prazo	8,6%	71,4%	15,7%	4,3%
Cartão débito	Não usa	16,7%	62,8%	16,3%	4,2%
	Levantamentos e/ou compras	11,5%	60,7%	22,1%	5,7%
Experiência profissional	Sem	15,4%	66,1%	15,7%	2,8%
	Alguma tempo inteiro	13,0%	46,3%	27,8%	13,0%
	Apenas tempo parcial	15,7%	58,6%	20,0%	5,7%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 13 – História de crédito

13. Qual das seguintes afirmações é verdadeira?

- a) Os bancos são obrigados a informar o Banco de Portugal sobre o incumprimento bancário dos seus clientes, pelo que todos os outros bancos têm acesso a essa informação.
- b) As pessoas têm tantos empréstimos que é muito pouco provável que um banco conheça situações de incumprimento com outro banco.
- c) Uma história de incumprimento com um banco não é tida em conta quando se pede um novo empréstimo noutra.
- d) A falha de pagamento, superior a 2 anos, de uma dívida não pode ser usada na decisão de emprestar mais dinheiro.

A questão 13 insere-se também na categoria Gastos e Endividamento, tendo sido adaptada à realidade portuguesa, a partir do inquérito de 2008 da *Jump\$tart Coalition* e tem em conta a Central de Responsabilidades de Crédito do BP, a partir da qual, as Instituições de Crédito podem consultar as responsabilidades de crédito de um cliente potencial e possíveis situações de incumprimento.

A alínea certa é a a), com 236 respostas (57,6%), uma proporção ligeiramente superior à do inquérito de 2008 da *Jump\$tart Coalition* (53,7%).

O ano de escolaridade resulta em diferenças significativas no desempenho (*p-value* 0,038 e associação de 12,8%), com maior sucesso no 11.º ano (63,7%) e menor no 12.º ano (51,8%) (Tabela 35). Os principais desvios estão nas alíneas b), com menos casos pelos alunos do 11.º ano e c), com menos casos pelos alunos do 10.º ano e mais do 12.º ano.

À semelhança da *Jump\$tart*, os alunos com formação na área têm pior resultado que os demais, mas não de forma significativa.

Adicionalmente, dois fatores inerentes à experiência de gestão de dinheiro resultam em diferenças significativas: ser detentor de conta bancária (*p-value* 0,017 e associação de 13,7%) e ter experiência profissional (*p-value* 0,002 e associação de 16,1%). Os alunos sem conta têm 50,9% de respostas certas, seguidos daqueles com conta à ordem e a prazo, com 60,0% e, aqueles com maior sucesso, com conta à ordem ou a prazo, com 63,2%. Os principais desvios, neste fator, estão nas alíneas a) e b), de forma favorável a quem tem conta à ordem ou a prazo e desfavorável a quem não tem qualquer uma. Os alunos com experiência profissional a tempo inteiro têm apenas 37,0% de respostas certas, seguidos daqueles sem experiência profissional, com 60,5% e, aqueles com maior sucesso, com

experiência profissional a tempo parcial, com 61,4%. Os principais desvios estão também nas alíneas a) e b), de forma favorável a quem não tem experiência e desfavorável a quem tem a tempo inteiro. Ao contrário dos resultados da *Jump\$tart Coalition* (mas lá relativamente ao uso de cartão de crédito), os alunos que utilizam cartão de débito têm uma proporção de respostas certas ligeiramente melhor, mas não de forma significativa.

Tabela 35 – Distribuição de respostas por fatores da questão 13 (continua).

		a)*	b)	c)	d)
Género	Feminino	56,5%	11,8%	12,2%	19,5%
	Masculino	59,1%	11,6%	15,2%	14,0%
Ano	10º	57,2%	14,5%	8,0%	20,3%
	11º	63,7%	6,7%	13,3%	16,3%
	12º	51,8%	13,9%	19,0%	15,3%
Curso	Ciências e Tecnologias	61,8%	11,5%	11,5%	15,2%
	Línguas e Humanidades	56,6%	9,6%	12,0%	21,7%
	Artes Visuais	51,8%	10,8%	20,5%	16,9%
	Técnico	55,7%	15,2%	11,4%	17,7%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	58,8%	7,8%	15,7%	17,6%
	700€ - 1.500€	60,8%	7,4%	13,5%	18,2%
	1.500€ - 2.500€	58,2%	12,1%	16,5%	13,2%
	Superior a 2.500€	43,5%	21,7%	8,7%	26,1%
	N/S	58,1%	16,2%	10,8%	14,9%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	57,4%	10,3%	13,2%	19,1%
	Ensino secundário	54,5%	13,1%	13,1%	19,3%
	Licenciatura	59,9%	10,4%	14,8%	14,8%
	N/S	60,0%	20,0%	0,0%	20,0%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	63,5%	9,6%	15,4%	11,5%
	Licenciatura	53,2%	12,8%	14,9%	19,1%
	Licenciatura e mestrado	61,8%	9,1%	11,3%	17,7%
	N/S	48,7%	17,9%	15,4%	17,9%

Tabela 35 – Distribuição de respostas por fatores da questão 13 (conclusão).

		a)*	b)	c)	d)
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	53,1%	21,9%	15,6%	9,4%
	Técnico	52,9%	8,8%	20,6%	17,6%
	Especializado	63,2%	10,0%	10,5%	16,3%
	N/S	47,6%	13,3%	17,1%	21,9%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	47,4%	18,4%	21,1%	13,2%
	600€ - 1.200€	63,8%	9,2%	12,2%	14,8%
	Mais de 1.200€	52,3%	14,0%	13,1%	20,6%
	N/S	53,6%	11,6%	13,0%	21,7%
Formação prévia	Não	58,9%	11,3%	13,2%	16,7%
	Sim	44,7%	15,8%	15,8%	23,7%
Fonte	Pais	58,4%	12,8%	11,5%	17,3%
	Comunicação social	58,5%	4,6%	16,9%	20,0%
	Experiência do dia a dia	56,3%	9,9%	19,7%	14,1%
	Escola	51,6%	22,6%	6,5%	19,4%
Conta bancária	Sem conta	50,9%	17,8%	16,6%	14,8%
	Conta à ordem ou a prazo	63,2%	6,4%	10,5%	19,9%
	Conta à ordem e a prazo	60,0%	10,0%	12,9%	17,1%
Cartão débito	Não usa	56,6%	11,1%	13,5%	18,8%
	Levantamentos e/ou compras	59,8%	13,1%	13,1%	13,9%
Experiência profissional	Sem	60,5%	9,4%	11,9%	18,2%
	Alguma tempo inteiro	37,0%	27,8%	20,4%	14,8%
	Apenas tempo parcial	61,4%	8,6%	14,3%	15,7%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 14 – Gastar agora ou depois

14. Em que situação beneficiarias em comprar algo com dinheiro emprestado, para devolver o valor com rendimentos futuros?

- a) Na compra de um carro que te permite ir para um emprego melhor.
- b) Quando precisas mesmo de uma semana de férias.
- c) Para comprar roupa de que gostas mesmo, na altura de saldos.
- d) Se os juros do empréstimo forem superiores aos das poupanças.

A questão 14 insere-se na categoria Gastos e Endividamento e tem origem no inquérito de 2008 da *Jump\$tart Coalition*. A resposta certa é a alínea a), pois, segundo Mandell (2008), o investimento inicial num carro que permite a deslocação para um emprego bem remunerado é recompensado e financeiramente rentável (se o emprego for seguro e não se comprar um carro excessiva e desnecessariamente caro). As alíneas b) e c) relacionam-se com atos de consumo, dificilmente considerados investimentos com benefícios financeiros futuros e a alínea d) é desvantajosa, pois se os juros dos empréstimos forem superiores aos das poupanças, o cidadão paga mais do que recebe (Mandell, 2008).

Foram obtidas 219 respostas certas, 53,4%, uma proporção ligeiramente inferior à do inquérito de 2008 da *Jump\$tart Coalition* (55,8%).

Os rapazes têm uma proporção de respostas certas um pouco mais alta que as raparigas (Tabela 36), 56,1% *versus* 51,6%, uma diferença significativa (p -value 0,005 e associação de 17,8%), à semelhança da *Jump\$tart*. Os principais desvios estão nas alíneas d), de forma favorável aos rapazes e desfavorável às raparigas e c), de modo inverso. O ano escolar também resulta em diferenças significativas no desempenho (p -value 0,039 e associação de 12,7%), com maior sucesso no 10.º ano (58,7%) e menor no 11.º ano (46,7%). Os maiores desvios verificam-se na alínea d), com menos casos assinalados pelos alunos do 10.º ano e mais do 11.º; e na alínea a), com menos casos assinalados pelos alunos do 11.º ano.

À semelhança da *Jump\$tart Coalition*, os alunos com planos mais ambiciosos a nível escolar e profissional têm melhores resultados, mas não é possível concluir quanto à significância.

Por seu lado, o uso de cartão de débito resulta em diferenças significativas (p -value 0,043 e associação de 14,1%), com mais respostas corretas pelos alunos que usam este instrumento (58,2% *versus* 51,4%). Os maiores desvios verificam-se na alínea b), com menos casos assinalados por quem não usa cartão de débito e mais casos por quem utiliza.

Tabela 36 – Distribuição de respostas por fatores da questão 14 (continua).

		a)*	b)	c)	d)
Género	Feminino	51,6%	6,5%	8,1%	33,7%
	Masculino	56,1%	12,8%	11,6%	19,5%
Ano	10º	58,7%	7,2%	12,3%	21,7%
	11º	46,7%	7,4%	8,1%	37,8%
	12º	54,7%	12,4%	8,0%	24,8%
Curso	Ciências e Tecnologias	60,0%	6,7%	9,1%	24,2%
	Línguas e Humanidades	49,4%	10,8%	8,4%	31,3%
	Artes Visuais	53,0%	7,2%	8,4%	31,3%
	Técnico	44,3%	13,9%	12,7%	29,1%
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	49,0%	7,8%	3,9%	39,2%
	700€ - 1.500€	50,7%	9,5%	6,8%	33,1%
	1.500€ - 2.500€	57,1%	4,4%	15,4%	23,1%
	Superior a 2.500€	60,9%	15,2%	4,3%	19,6%
	N/S	52,7%	10,8%	14,9%	21,6%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	44,1%	13,2%	7,4%	35,3%
	Ensino secundário	51,0%	7,6%	11,7%	29,7%
	Licenciatura	60,4%	7,7%	7,1%	24,7%
	N/S	33,3%	20,0%	26,7%	20,0%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	48,1%	17,3%	9,6%	25,0%
	Licenciatura	54,3%	6,4%	13,8%	25,5%
	Licenciatura e mestrado	56,5%	8,1%	5,9%	29,6%
	N/S	48,7%	9,0%	12,8%	29,5%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	43,8%	25,0%	21,9%	9,4%
	Técnico	52,9%	8,8%	5,9%	32,4%
	Especializado	54,8%	6,7%	8,8%	29,7%
	N/S	53,3%	9,5%	8,6%	28,6%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	42,1%	13,2%	10,5%	34,2%
	600€ - 1.200€	53,1%	7,7%	9,7%	29,6%
	Mais de 1.200€	58,9%	9,3%	7,5%	24,3%
	N/S	52,2%	10,1%	11,6%	26,1%

Tabela 36 – Distribuição de respostas por fatores da questão 14 (conclusão).

		a)*	b)	c)	d)
Formação prévia	Não	53,8%	8,3%	9,7%	28,2%
	Sim	50,0%	15,8%	7,9%	26,3%
Fonte	Pais	52,7%	7,8%	9,1%	30,5%
	Comunicação social	67,7%	7,7%	6,2%	18,5%
	Experiência do dia a dia	49,3%	11,3%	12,7%	26,8%
	Escola	38,7%	16,1%	12,9%	32,3%
Conta bancária	Sem conta	48,5%	10,7%	13,0%	27,8%
	Conta à ordem ou a prazo	57,9%	7,0%	7,6%	27,5%
	Conta à ordem e a prazo	54,3%	10,0%	5,7%	30,0%
Cartão débito	Não usa	51,4%	7,3%	11,1%	30,2%
	Levantamentos e/ou compras	58,2%	13,1%	5,7%	23,0%
Experiência profissional	Sem	55,9%	6,3%	8,7%	29,0%
	Alguma tempo inteiro	51,9%	16,7%	7,4%	24,1%
	Apenas tempo parcial	44,3%	14,3%	14,3%	27,1%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 15 – Impacto de impostos e inflação

15. Se um depósito a prazo tiver uma taxa de juro de 3% e a inflação for de 4%, o rendimento da poupança é positivo?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Depende da taxa de IVA normal.
- d) Depende das contribuições para a Segurança Social.

A questão 15, última da categoria Poupança e Investimento, foi adaptada do inquérito do BP de 2010, à linguagem e estrutura seguidas pela *Jump\$Start Coalition*, para corresponder à subcategoria Impacto de impostos e inflação.

A questão procura avaliar a noção dos inquiridos sobre o conceito de taxa de juro real e da relação entre taxa de juro e inflação e tem como certa a alínea b) (BP, 2011). No inquérito do BP a taxa de respostas certas (57%) foi superior à obtida (45,4%). As alíneas erradas mais

assinaladas foram a c), com 22,0% e d), com 16,8%, ou seja, a maioria dos alunos que falha confunde impostos e contribuições que nada têm que ver com estes conceitos.

A diferença de desempenho entre géneros é significativa (*p-value* 0,014 e associação de 16,0%), com mais 4,5% de respostas certas por parte do sexo feminino (Tabela 37). Os principais desvios encontram-se nas alíneas a), de forma favorável às raparigas e desfavorável aos rapazes e c), de forma inversa. O ano escolar também resulta em proporções significativamente diferentes (*p-value* 0,015 e associação de 13,9%), com melhores resultados pelos alunos do 10.º ano (52,2%) e piores pelos do 11.º ano (40,0%). Os principais desvios verificam-se na alínea c), de forma desfavorável aos alunos do 11.º ano e na alínea correta b), favoravelmente aos alunos do 10.º ano. Também quanto ao curso se constata diferenças significativas (*p-value* 0,002 e associação de 14,7%), com melhor desempenho pelos alunos de Ciências e Tecnologias (53,3%) e pior pelos de Artes Visuais (32,5%). Os principais desvios verificam-se na alínea c), de forma desfavorável aos alunos de Línguas e Humanidades e Artes Visuais e favorável aos de Ciências e Tecnologias; a), de forma desfavorável aos alunos de Artes Visuais; e na alínea correta b), de forma favorável aos alunos de Ciências e Tecnologias e desfavorável aos de Artes Visuais.

Os alunos com planos escolares e profissionais mais ambiciosos têm também resultados melhores, de modo significativo (*p-value* 0,002 e 0,006 e associação de 14,7% e 13,7%, respetivamente). Em relação aos planos escolares, os maiores desvios encontram-se na alínea a), com mais respostas por quem não pretende continuar a estudar ou apenas frequentar um curso técnico e menos pelos que pretendem frequentar uma Licenciatura e Mestrado; na alínea correta b), com mais respostas por quem pretende frequentar uma Licenciatura e Mestrado; e na alínea d), com mais respostas por quem não sabe. Em relação aos planos profissionais, os maiores desvios encontram-se na alínea a), com mais respostas por quem pretende realizar uma profissão não qualificada ou de índole técnica; na alínea correta b), com mais respostas por quem pretende realizar uma profissão especializada e menos por quem pretende realizar uma profissão não qualificada ou de índole técnica e por quem não sabe; e na alínea d), com mais respostas por quem não sabe e menos por quem pretende realizar uma profissão especializada.

Encontram-se também diferenças significativas, para um nível de 10%, consoante a fonte de conhecimentos reportada pelo aluno (*p-value* 0,091 e associação de 11,0%), com melhores resultados se a origem estiver na comunicação social (50,8%), a seguir pais (46,1%), experiência do dia a dia (45,1%) e por último escola (29,0%). Os maiores afastamentos face às frequências esperadas verificam-se de forma desfavorável para quem indica a escola, nas alíneas b) e d), e de forma favorável a quem indica os pais, na alínea a).

Ter conta bancária também resulta em diferenças significativas no desempenho (*p-value* 0,011 e associação de 14,3%), com maior proporção de acertos por quem tem conta à ordem ou a prazo (53,8%) e menor por quem não tem (36,1%). Os maiores desvios estão de forma desfavorável a quem não tem conta, nas alíneas a) e b), e de forma favorável a quem tem conta à ordem ou a prazo nas alíneas a), b) e d). Por fim, também há diferenças significativas consoante a experiência profissional, para um nível de 10% (*p-value* 0,059 e associação de 12,2%), com maior proporção de acertos por quem não tem experiência (47,9%) e menor por quem tem a tempo inteiro (38,9%). Os maiores desvios estão na alínea d), com mais respostas se a experiência for a tempo parcial e menos por quem não tem.

Tabela 37 – Distribuição de respostas por fatores da questão 15 (continua).

		a)	b)*	c)	d)
Género	Feminino	12,2%	47,2%	25,6%	15,0%
	Masculino	21,3%	42,7%	16,5%	19,5%
Ano	10º	11,6%	52,2%	18,1%	18,1%
	11º	17,0%	40,0%	31,1%	11,9%
	12º	19,0%	43,8%	16,8%	20,4%
Curso	Ciências e Tecnologias	13,3%	53,3%	13,9%	19,4%
	Línguas e Humanidades	12,0%	48,2%	30,1%	9,6%
	Artes Visuais	24,1%	32,5%	30,1%	13,3%
	Técnico	16,5%	39,2%	21,5%	22,8%

Tabela 37 – Distribuição de respostas por fatores da questão 15 (continuação).

		a)	b)*	c)	d)
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	15,7%	47,1%	17,6%	19,6%
	700€ - 1.500€	16,2%	41,2%	26,4%	16,2%
	1.500€ - 2.500€	20,9%	42,9%	22,0%	14,3%
	Superior a 2.500€	6,5%	54,3%	23,9%	15,2%
	N/S	14,9%	50,0%	14,9%	20,3%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	14,7%	42,6%	17,6%	25,0%
	Ensino secundário	15,2%	48,3%	23,4%	13,1%
	Licenciatura	16,5%	45,6%	23,1%	14,8%
	N/S	20,0%	26,7%	13,3%	40,0%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	30,8%	36,5%	15,4%	17,3%
	Licenciatura	21,3%	39,4%	24,5%	14,9%
	Licenciatura e mestrado	11,8%	53,8%	21,0%	13,4%
	N/S	9,0%	38,5%	25,6%	26,9%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	28,1%	28,1%	18,8%	25,0%
	Técnico	11,8%	52,9%	23,5%	11,8%
	Especializado	14,6%	52,3%	20,5%	12,6%
	N/S	16,2%	32,4%	25,7%	25,7%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	13,2%	42,1%	23,7%	21,1%
	600€ - 1.200€	17,3%	46,4%	21,9%	14,3%
	Mais de 1.200€	11,2%	47,7%	21,5%	19,6%
	N/S	20,3%	40,6%	21,7%	17,4%
Formação prévia	Não	16,1%	46,2%	20,7%	16,9%
	Sim	13,2%	36,8%	34,2%	15,8%
Fonte	Pais	15,6%	46,1%	24,3%	14,0%
	Comunicação social	18,5%	50,8%	16,9%	13,8%
	Experiência do dia a dia	15,5%	45,1%	19,7%	19,7%
	Escola	12,9%	29,0%	19,4%	38,7%
Conta bancária	Sem conta	20,7%	36,1%	23,1%	20,1%
	Conta à ordem ou a prazo	10,5%	53,8%	23,4%	12,3%
	Conta à ordem e a prazo	17,1%	47,1%	15,7%	20,0%

Tabela 37 – Distribuição de respostas por fatores da questão 15 (conclusão).

		a)	b)*	c)	d)
Cartão débito	Não usa	16,0%	45,5%	21,9%	16,7%
	Levantamentos e/ou compras	15,6%	45,1%	22,1%	17,2%
Experiência profissional	Sem	16,1%	47,9%	23,1%	12,9%
	Alguma tempo inteiro	14,8%	38,9%	24,1%	22,2%
	Apenas tempo parcial	15,7%	40,0%	15,7%	28,6%

Fonte: Elaboração própria.

Questão 16 – Instrumentos de transação

16. Se a conta à ordem da Sílvia tiver o extrato que se segue e, em 11 de outubro de 2016, for debitada a fatura da eletricidade, de 250€, o saldo é suficiente?

BANCO ABC, SA		Depósito à ordem – Extrato de conta em 10 de outubro de 2016		
			EUR	
Data	Descrição	Importância	Saldo	
	Saldo anterior		100,00	
24-09-2016	Levantamento	-80,00	20,00	
30-09-2016	Salário	600,00	620,00	
09-10-2016	Supermercado	-400,00	220,00	
	Saldo disponível		220,00	
	Saldo autorizado		400,00	

- a) Não.
- b) Sim, mas a conta fica com um descoberto de 30€.
- c) Sim, a conta tem saldo suficiente, não sendo necessário recorrer ao descoberto.
- d) Sim, mas a conta fica com um descoberto de 250€.

A questão 16, sendo a última da categoria Gastos e Endividamento, foi também baseada no inquérito do BP de 2010, para corresponder à subcategoria Instrumentos de transação, com as devidas adaptações à linguagem e estrutura seguidas pela *Jump\$tart*, para esta faixa etária.

A questão procura avaliar o grau de compreensão da informação contida num extrato bancário: mostrando um extrato de conta hipotético e após um dado pagamento, solicita-se que o respondente calcule o saldo da conta de depósito à ordem, tendo como resposta certa a alínea b) (BP, 2011). No inquérito do BP, apenas 46% dos inquiridos acertam, o que sugere um desconhecimento da diferença entre os conceitos de saldo disponível e

autorizado, os quais surgem frequentemente nos extratos bancários (BP, 2011). Neste caso, a taxa de sucesso é também baixa: com 41,2%, é a questão com pior desempenho.

O ano escolar resulta em proporções significativamente diferentes (p -value 0,041 e associação de 12,6%), com melhor resultado pelos alunos do 11.º ano (45,2%) e pior pelos do 12.º (37,2%) (Tabela 38). Os principais desvios estão nas alíneas c) e d), de forma desfavorável aos alunos do 12.º e do 10.º ano, respetivamente. Quanto ao curso, também existem diferenças significativas (p -value 0,000 e associação de 15,6%), com melhor desempenho pelos alunos de Ciências e Tecnologias (53,9%) e pior pelos de um curso técnico (26,6%). Os maiores desvios estão na alínea certa b), de forma desfavorável aos alunos de Artes Visuais e de um curso técnico e favorável aos de Ciências e Tecnologias; e na c), de forma favorável a estes e desfavorável aos de um curso técnico.

Há também diferenças significativas, para um nível de 10%, consoante a fonte de conhecimentos (p -value 0,058 e associação de 11,6%), com melhores resultados se a mesma for a experiência do dia a dia (43,7%) e piores se for a escola (19,4%). Os maiores afastamentos verificam-se de forma desfavorável para quem indica a escola, nas alíneas b) e c), e de forma favorável a quem indica os pais, na alínea a). Os alunos com formação específica na área têm também resultados significativamente piores que os outros (18,4% contra 43,5%, p -value 0,019 e associação de 15,6%). Os principais desvios estão nas alíneas a) e b), de modo desfavorável para quem teve formação e favorável para os outros.

Tabela 38 – Distribuição de respostas por fatores da questão 16 (continua).

		a)	b)*	c)	d)
Género	Feminino	28,9%	40,2%	19,9%	11,0%
	Masculino	23,2%	42,7%	22,0%	12,2%
Ano	10º	23,9%	41,3%	18,1%	16,7%
	11º	29,6%	45,2%	15,6%	9,6%
	12º	26,3%	37,2%	28,5%	8,0%
Curso	Ciências e Tecnologias	23,0%	53,9%	12,7%	10,3%
	Línguas e Humanidades	25,3%	41,0%	25,3%	8,4%
	Artes Visuais	32,5%	30,1%	20,5%	16,9%
	Técnico	29,1%	26,6%	32,9%	11,4%

Tabela 38 – Distribuição de respostas por fatores da questão 16 (continuação).

		a)	b)*	c)	d)
Vencimento mensal agregado	Abaixo dos 700€	37,3%	31,4%	23,5%	7,8%
	700€ - 1.500€	26,4%	37,2%	20,9%	15,5%
	1.500€ - 2.500€	20,9%	46,2%	23,1%	9,9%
	Superior a 2.500€	26,1%	47,8%	17,4%	8,7%
	N/S	27,0%	45,9%	17,6%	9,5%
Educação pais	Escola prim. / Ens. básico	41,2%	38,2%	11,8%	8,8%
	Ensino secundário	24,8%	40,7%	23,4%	11,0%
	Licenciatura	23,6%	42,3%	21,4%	12,6%
	N/S	13,3%	46,7%	26,7%	13,3%
Ambição escolar	Não pretende continuar / Curso técnico	26,9%	32,7%	26,9%	13,5%
	Licenciatura	29,8%	45,7%	16,0%	8,5%
	Licenciatura e mestrado	22,6%	42,5%	23,1%	11,8%
	N/S	32,1%	38,5%	16,7%	12,8%
Ambição profissional	Não qualif. / Comp. bás.	40,6%	37,5%	15,6%	6,3%
	Técnico	29,4%	35,3%	26,5%	8,8%
	Especializado	20,9%	46,0%	20,9%	12,1%
	N/S	34,3%	33,3%	20,0%	12,4%
Expetativa salarial inicial	Até 600€	26,3%	34,2%	23,7%	15,8%
	600€ - 1.200€	25,5%	41,3%	20,4%	12,8%
	Mais de 1.200€	25,2%	43,9%	19,6%	11,2%
	N/S	31,9%	40,6%	21,7%	5,8%
Formação prévia	Não	25,0%	43,5%	20,4%	11,0%
	Sim	42,1%	18,4%	23,7%	15,8%
Fonte	Pais	23,0%	43,2%	19,8%	14,0%
	Comunicação social	35,4%	41,5%	16,9%	6,2%
	Experiência do dia a dia	28,2%	43,7%	19,7%	8,5%
	Escola	32,3%	19,4%	38,7%	9,7%
Conta bancária	Sem conta	30,8%	37,3%	21,9%	10,1%
	Conta à ordem ou a prazo	25,7%	40,4%	19,9%	14,0%
	Conta à ordem e a prazo	18,6%	52,9%	20,0%	8,6%

Tabela 38 – Distribuição de respostas por fatores da questão 16 (conclusão).

		a)	b)*	c)	d)
Cartão débito	Não usa	27,1%	40,3%	20,5%	12,2%
	Levantamentos e/ou compras	25,4%	43,4%	21,3%	9,8%
Experiência profissional	Sem	24,5%	44,8%	18,9%	11,9%
	Alguma tempo inteiro	31,5%	38,9%	22,2%	7,4%
	Apenas tempo parcial	31,4%	28,6%	27,1%	12,9%

Fonte: Elaboração própria.